



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**JOVANA NOGUEIRA BRUNO**

**DO ACESSO A PERMANÊNCIA: TRAVESSIA DOS ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS RIBEIRINHOS PARA ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DO AMAZONAS**

**MANAUS – AM**

**2025**



**JOVANA NOGUEIRA BRUNO**

**DO ACESSO A PERMANÊNCIA: TRAVESSIA DOS ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS RIBEIRINHOS PARA ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DO AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre(a) em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais.

Orientadora: Socorro de Fátima Moraes Nina.

Coorientadora: Dayse da Silva Albuquerque.

**MANAUS – AM**

**2025**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

---

- B898a      Bruno, Jovana Nogueira  
Do acesso a permanência: travessia dos estudantes universitários  
ribeirinhos para escola superior de ciências da saúde do Amazonas /  
Jovana Nogueira Bruno. - 2025.  
129 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Socorro de Fátima Moraes Nina.  
Coorientador(a): Dayse da Silva Albuquerque.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia, Manaus, 2025.
1. Ribeirinhos. 2. Jovens. 3. Ensino superior. 4. Universidade. I. Nina,  
Socorro de Fátima Moraes. II. Albuquerque, Dayse da Silva. III.  
Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia. IV. Título
-

BRUNO, J.N. **Do acesso à permanência: travessia dos estudantes universitários ribeirinhos para escola superior de ciências da saúde do Amazonas.** 131f. Dissertação Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Socorro de Fátima Moraes Nina Manaus – Amazonas.

Aprovado em 31/08/2025

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Socorro de Fátima Moraes Nina  
Presidente - Universidade Federal do Amazonas (UEA)

---

Prof. Dr. Jáder Ferreira Leite  
Membro titular externo - Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
(UFRN)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisele Cristina Resende  
Membro titular interno – Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angêla Xavier  
Membro suplente externo – Universidade do Estado  
do Amazonas (UEA)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adria de Lima Sousa  
Membro suplente interno – Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais **José Ricardo e Terezinha** que mesmo em uma comunidade ribeirinha com poucos recursos, sempre acreditaram a educação é o melhor caminho a se seguir e me incentivaram para tal, foram minha rede de apoio, estavam lá a cada atividade apresentada e sendo meu suporte a cada lágrima. A vocês, toda minha gratidão e amor!

Às minhas irmãs **Tatiana e Juliana**, obrigada pelo incentivo mesmo à distância e por sempre acreditarem no meu potencial. Vocês me inspiram!

A **Ana Clara**, que me salvou por muitos dias, minha companheira de casa que com suas patinhas fofas e miados agudos me distraíram nos dias de pouca criatividade e me incentivaram nos dias de intensa produção.

Dedico as minhas duas comunidades ribeirinhas de origem saí para cursar o ensino superior: **Lago do Soares e Lago do Itapará**. Tenho profundo orgulho das minhas raízes, de ser ribeirinha, pesquisadora e acima de tudo honrar a todos que ainda permanecem lá e sonham em mudar a realidade da família por meio da educação superior.

Também aos ribeirinhos que estão em processo de travessia, esse processo é um canto de amor e revolta. Amor pelos que atravessam rios para chegar à universidade, e revolta contra as margens que insistem em empurrá-los de volta. Que estas páginas, escritas com as mãos sujas de realidade e esperança, sejam sementes para que outros pesquisadores ribeirinhos, sim, vocês! – reguem suas próprias histórias. Porque estudar nossa própria gente não é só ciência: é cura. A sabedoria também vem do barro, da enxada e das noites sem estrelas da cidade grande, precisamos de uma universidade que não apenas abre portas, mas abraça.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo da elaboração desta dissertação, não poderia deixar de fazer agradecimentos importantes:

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre comigo do início ao fim realizando tudo aquilo que em algum momento pedi e me dando discernimento espiritual para tal!

Aos participantes dessa pesquisa que em tanto são especiais, não só por aceitarem compartilhar sua vivência e seus lugares de origem, mas que me deram toda estrutura e dispuseram de todo tempo para as entrevistas e atividades, sou grata por ter encontrado vocês e por fazerem parte desta importante jornada.

Agradeço também à minha orientadora Socorro de Fátima Moraes Nina, foram anos de muitas conversas, trocas importantes e muitas, muitas dificuldades vencidas. Para além de orientadora, se tornou amiga, soube acolher, incentivar, abraçar, ensinar e ser acalento nos dias de silêncio e travamentos, sou grata por tanto e por toda sua sensibilidade e pelos dias que acreditou no meu potencial mais do que eu mesma!

A minha Coorientadora Dayse Albuquerque que foi essencial em todas suas pontuações, sempre dando suporte e direção para a entrega do melhor, para que eu pudesse sempre construir, organizar e elaborar minhas ideias de forma prática.

A Paola, agradeço por cada troca, cada comentário construtivo, cada cronograma planejado e por todas as vezes que você me direcionou a pensar por um ângulo ainda não visto. Sua presença foi essencial na finalização e estruturação do meu pensamento em relação a pesquisa e escrita acadêmica!

Aos meus amigos, em especial os que fiz ao longo dos anos de pesquisa: **Caroline, Estevão, Gisele, Karol, Maria Eduarda, Larissa, Thalyta** vocês que foram minha rede de apoio e tornaram o processo suportável... Pelas lágrimas compartilhadas, risadas e experiências que tanto me ensinaram, aprendi com vocês que o processo de se tornar um pesquisador vai além da pesquisa, é uma construção partilhada e vocês fazem parte disso.

A vocês dedico a fala de Ana Suy: “*Amizade é como a gente chama o amor que deu certo.*”

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), que dispuseram de seus conhecimentos e experiências permitindo meu crescimento enquanto pesquisadora em formação. Também aos da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em especial os da Liga das Populações do Campo, Floresta e das Águas (LASPFLORA) por sempre serem solícitos em todas as dúvidas e processos ao longo da coleta de dados e por tanto terem me acolhido nesse lindo projeto de extensão.

**À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM)** pelo apoio ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (PPGPSI-UFAM).

Por último, agradeço aos que direta ou indiretamente contribuíram para que essa pesquisa fosse realizada, para que as vozes de estudantes ribeirinhos pudessem ecoar, agora na literatura científica, não tenho palavras para expressar minha gratidão!

*Estas páginas carregam minha travessia,  
E a de tantos outros ribeirinhos.  
Mas do que isso, carrega também a de meus pais que  
Sob muito sol e o peso do trabalho braçal, plantaram saber  
Onde só havia esforço,  
para que o estudo florescesse em mim  
como sombra fresca sobre o chão de asfalto.*

BRUNO, J.N. **Do acesso à permanência: travessia dos estudantes universitários ribeirinhos para escola superior de ciências da saúde do Amazonas.** 129f. Dissertação Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Socorro de Fátima Moraes Nina. Manaus – Amazonas.

## RESUMO

O acesso e a permanência na universidade, para estudantes ribeirinhos, envolvem uma travessia que ultrapassa barreiras geográficas, revelando desigualdades invisíveis que persistem além dos portões acadêmicos. Apesar dos desafios, a presença de jovens ribeirinhos no ensino superior representa uma trajetória de luta e resistência. Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender as dimensões psicossociais da transição entre comunidades ribeirinhas e a cidade de Manaus/AM a partir da experiência de estudantes da Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA/AM). Adotou-se uma abordagem qualitativa, descritiva e transversal, fundamentada na psicologia social crítica e na psicologia rural. Participaram cinco estudantes, dos cursos de Odontologia e Enfermagem, com idades entre 18 e 25 anos. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, diário de campo e recursos fotográficos, sendo analisados pela Análise Temática de Braun e Clarke (2006), resultando em três temas centrais e oito subtemas. O primeiro tema refere-se ao acesso e permanência na universidade, tendo como subtemas a travessia, as diferenças no ensino e os desafios de permanência; o segundo aborda as dimensões psicossociais do cotidiano acadêmico a partir de aspectos psicológicos, sociais e econômicos; e o terceiro trata das redes de apoio na vivência universitária por meio de vínculos afetivos e suporte familiar. Os resultados evidenciam três eixos de problematização: (1) a elitização pedagógica, que desvaloriza saberes tradicionais; (2) a precariedade econômica, com relatos de jornadas exaustivas de trabalho para custear a vida acadêmica; e (3) o impacto na saúde mental, marcado pela solidão e desenraizamento. As diferenças entre os contextos rural e urbano influenciam significativamente a experiência universitária dos ribeirinhos, e as políticas públicas existentes ainda não contemplam suas especificidades. Como estratégias de enfrentamento, os estudantes desenvolveram redes informais de apoio e ressignificaram suas identidades dentro do espaço acadêmico. Os relatos apontam para a necessidade de políticas de ação afirmativa que considerem a realidade ribeirinha, incluindo auxílios emergenciais, formação docente sensível e currículos decoloniais. O estudo reforça a urgência de pesquisas que ampliem as vozes amazônidas na construção de uma universidade plural e inclusiva.

**Palavras-chave:** Ribeirinhos; Jovens; Ensino superior; Universidade.

BRUNO, J.N. **From Access To Permanence: The Transition Of Riverside University Students To The Amazonas School Of Health Sciences.** 129f. Dissertation/Theses Federal University of Amazonas. Supervisor: Socorro de Fátima Moraes Nina Manaus. Manaus – Amazonas.

### ABSTRACT

Access to and permanence in university, for riverine students, involve a journey that goes beyond geographical barriers, revealing invisible inequalities that persist beyond academic gates. Despite the challenges, the presence of riverine youth in higher education represents a trajectory of struggle and resistance. This research aimed to identify the psychosocial dimensions of the transition from riverine communities to the city of Manaus/AM based on the experiences of students from the Amazonas State School of Health Sciences (ESA/AM). A qualitative, descriptive, and cross-sectional approach was adopted, grounded in critical social psychology and rural psychology. Five students, aged between 18 and 25, from the Dentistry and Nursing programs participated. Data were collected through semi-structured interviews, field diaries, and photographic resources, and analyzed using Braun and Clarke's Thematic Analysis (2006), resulting in three central themes and eight subthemes. The first theme concerns university access and permanence, with subthemes including the journey, differences in education, and permanence challenges; the second explores the psychosocial dimensions of academic life, focusing on psychological, social, and economic aspects; and the third addresses support networks in university life through affective bonds and family support. The findings highlight three main issues: (1) pedagogical elitism, which devalues traditional knowledge; (2) economic precariousness, with reports of exhausting work routines to finance academic life; and (3) impacts on mental health, marked by loneliness and uprootedness. The differences between rural and urban contexts significantly influence the university experience of riverine students, and current public policies still fail to address their specific needs. As coping strategies, students developed informal support networks and redefined their identities within the academic environment. The narratives point to the need for affirmative action policies that consider riverine realities, including emergency aid, sensitive teacher training, and decolonial curricula. This study reinforces the urgency of research that amplifies Amazonian voices in building a plural and inclusive university.

**Keywords:** Riverside communities; Youth; Higher education; University

**BRUNO, J.N. Del Acceso A La Permanencia: La Transición De Los Estudiantes De La Universidad De Riverside A La Escuela De Ciencias De La Salud De Amazonas.** 129f. Disertación/Tesis Universidad Federal de Amazonas. Tutor/a: Socorro de Fátima Moraes Nina Manaus. Manaus – Amazonas.

## **RESUMEN**

El acceso y la permanencia en la universidad, para los estudiantes ribeirinhos, implican una travesía que supera barreras geográficas y revela desigualdades invisibles que persisten más allá de los portones académicos. A pesar de los desafíos, la presencia de jóvenes ribeirinhos en la educación superior representa una trayectoria de lucha y resistencia. Esta investigación tuvo como objetivo principal identificar las dimensiones psicosociales de la transición entre comunidades ribeirinhas y la ciudad de Manaus/AM a partir de la experiencia de estudiantes de la Escuela Superior de Ciencias de la Salud del Amazonas (ESA/AM). Se adoptó un enfoque cualitativo, descriptivo y transversal, fundamentado en la psicología social crítica y la psicología rural. Participaron cinco estudiantes, de entre 18 y 25 años, de los cursos de Odontología y Enfermería. Los datos fueron recolectados mediante entrevistas semiestructuradas, diarios de campo y recursos fotográficos, y analizados según el Análisis Temático de Braun y Clarke (2006), resultando en tres temas centrales y ocho subtemas. El primer tema se refiere al acceso y permanencia en la universidad, con subtemas como la travesía, las diferencias en la enseñanza y los desafíos de permanencia; el segundo aborda las dimensiones psicosociales de la vida académica a partir de aspectos psicológicos, sociales y económicos; y el tercero trata de las redes de apoyo en la vivencia universitaria mediante vínculos afectivos y el apoyo familiar. Los resultados evidencian tres ejes de problematización: (1) la elitización pedagógica, que desvaloriza los saberes tradicionales; (2) la precariedad económica, con relatos de jornadas extenuantes de trabajo para costear la vida académica; y (3) el impacto en la salud mental, marcado por la soledad y el desarraigo. Las diferencias entre los contextos rural y urbano influyen significativamente en la experiencia universitaria de los ribeirinhos, y las políticas públicas existentes aún no contemplan sus especificidades. Como estrategias de afrontamiento, los estudiantes desarrollaron redes informales de apoyo y resignificaron sus identidades dentro del espacio académico. Los relatos apuntan a la necesidad de políticas de acción afirmativa que consideren la realidad ribeirinha, incluyendo ayudas de emergencia, formación docente sensible y currículos decoloniales. El estudio refuerza la urgencia de investigaciones que amplíen las voces amazónicas en la construcción de una universidad plural e inclusiva.

**Palabras clave:** Ribereños; Jóvenes; Educación superior; Universidad

## LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AIS – Atenção Integral à Saúde

APA - *American Psychological Association*

AT – Análise Temática

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

CAAE – Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CNPCT – Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CSAP - Curso de Graduação em Administração Pública

DeCS - Descritores em Ciências da Saúde

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EPSICO – Espaço de Atendimento Psicossocial

ESA/AM – Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas

FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES – Instituição de Ensino Superior

INCLUIR - Programa Incluir de Acessibilidade na Educação

JBI - Joanna Briggs Institute

LASPFLORA - Liga Acadêmica de Saúde das Populações do Campo, Floresta e das Águas

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PAE - Programa de Assistência Estudantil

PAIC - Programa de Apoio à Iniciação Científica

PASES - Programa de Alimentação Saudável na Educação Superior

PATE - Programa de Apoio ao Transporte do Estudante

PBP- Programa de Bolsa Permanência

PCC - População, Conceito e Contexto

PEM - Programa Estudantil de Moradia

PNAES - Programa Nacional de Assistência Estudantil

PRISMA-ScR - *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews*

PROEX - Programa de Excelência Acadêmica

PROPEPE - Programa de Permanência Parental na Educação

SciELO - Scientific Electronic Library Online

SIS – Sistema de Ingresso Seriado

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFC - Universidade Federal do Ceará

URCA - Universidade Regional do Cariri

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 1-** Fluxograma de Seleção de Estudos - Modelo Prisma - ScRErrro! **Indicador não definido.**

**Figura 2-** Mapa do estado do Amazonas com a localização das unidades da Universidade do Estado do Amazonas. .... 39

**Figura 3-** Mapa temático 1: Acesso e permanência na universidade ..... 46

**Figura 4-** Mapa temático 2: Dimensões psicossociais e econômicas ..... 46

**Figura 5-** Mapa temático 3: Redes de apoio ..... 47

**Figura 6-** Vista da casa de Jatobazeiro em sua comunidade de origem ..... 52

**Figura 7-** Imagens da travessia de barco de Manaus/AM até Barcelos/AM ..... 55

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Síntese dos estudos incluídos: principais resultados sobre o acesso e permanência de estudantes rurais e ribeirinhos no ensino superior público no Brasil ...	25
<b>Quadro 2</b> - Descrição dos estudos por áreas: Desafios e Impactos .....	26
<b>Quadro 3</b> - Dados dos perfis dos participantes da pesquisa .....	40

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>18</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>23</b>
2.1 Acesso e permanência de jovens rurais na universidade pública no brasil: revisão de literatura.....	23
<b>3. OBJETIVOS</b> .....	<b>35</b>
3.1 Objetivo geral .....	35
3.2 Objetivos específicos.....	35
<b>4. MÉTODO</b> .....	<b>36</b>
4.1 Tipo de Estudo.....	36
4.2 Caracterização do local da pesquisa .....	37
4.3 Participantes da pesquisa .....	39
4.4 Instrumentos e Técnicas .....	41
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>46</b>
<b>5.1 Entre o rio e o concreto: narrativas de acesso e permanência no ensino superior público</b> .....	<b>47</b>
5.1.1 Entre rural e o urbano: A travessia e a desterritorialização dos universitários.....	49
5.1.2 Da canoa a sala de aula: o preço invisível da distância .....	54
<b>5.2 Acesso à universidade e a armadilha educacional: Como as desigualdades no ensino condicionam a travessia do ribeirinho para o ensino superior</b> .....	<b>57</b>
5.2.1 A defasagem do ensino ribeirinho como barreira invisível na universidade.....	58
5.2.2 O acesso à universidade para quem vem de longe .....	60
<b>5.3 Os desafios da permanência na ESA</b> .....	<b>66</b>
5.4 Do rio ao campus: dimensões psicossociais da permanência em territórios acadêmicos hostis .....	72
5.4.2 Quando o sonho vira objetivo: dimensões sociais e econômicas no cotidiano universitários de ribeirinhos .....	77

5.4.3 Dimensão econômica, moradia e custo de vida dos ribeirinhos na universidade..	81
<b>5.5 Redes de apoio no cotidiano universitário de jovens universitário ribeirinhos</b>	<b>84</b>
5.5.1 Construção de vínculos na universidade .....	85
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>95</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>
<b>8. APÊNDICES .....</b>	<b>110</b>
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO .....	110
APÊNDICE B.....	112
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE.....	112
APÊNDICE C.....	115
TERMO DE CESSÃO DO USO DE IMAGEM – TCUI .....	115
APÊNDICE D.....	117
<b>8. ANEXOS.....</b>	<b>122</b>
ANEXO I - DECLARAÇÃO DE VOLUNTARIADO .....	122
ANEXO II – TERMO DE ANUÊNCIA .....	123

## 1. INTRODUÇÃO

O rural é caracterizado, segundo Souza e Klein (2019), como um território que, por muitos anos, foi associado predominantemente à atividade agrícola. No entanto, trata-se de um conceito complexo, cuja definição varia de país para país. Em termos gerais, é um espaço com baixa densidade populacional e frequentemente relacionado à natureza, podendo ou não incluir atividades agrícolas. Os autores destacam que, somente a partir da segunda metade do século XX, houve uma valorização da pluralidade e da diversidade do rural, o que possibilitou seu progressivo desvinculamento do exclusivamente agrícola. Corroborando com tal perspectiva, Leite *et al.* (2023) enfatizam que o rural latino-americano tem a agricultura como ponto forte, diferenciando-se, por exemplo, do contexto europeu e consolidando suas ruralidades a partir das particularidades existentes.

A afetividade é um fator presente quando se trata do rural, pois faz parte da identidade do sujeito que nele vive, conforme aponta Pacheco, Martins e Bomfim (2020). A relação com a terra vai além do sustento: ela é território-lar, carregado de afeto. Nesse contexto, Albuquerque e Pimentel (2004) observam que atualmente comunidades ou pequenas cidades rurais possuem outras formas de renda que não estão associadas exclusivamente ao agrário, embora ainda sejam frequentemente confundidas como tais.

Atrelar o rural ao atraso, à pobreza e ao agrário é fruto de uma comparação com o urbano, espaço que concentra atividades comerciais, áreas industriais e acesso facilitado a serviços, tornando-se, assim, um modelo idealizado de desenvolvimento (Corrêa, 1989). Entretanto, rural e urbano estão interligados, coexistindo de forma dinâmica, com formas próprias de organização e de formação de comunidades.

Atualmente, os estudos sobre comunidades relacionam-se à ampliação do sentido de rural. Conforme Martins *et al.* (2010) e Ximenes e Moura Jr (2013), o meio rural é marcado por interações sociais positivas, ainda que o acesso a serviços básicos, como saúde e educação, seja limitado. Apesar disso, o cultivo das boas relações permanece como uma característica valorizada. Vale destacar que os estudos sobre o rural no Brasil foram historicamente negligenciados e, só a partir da década de 1960 passaram a ser tratados como pauta relevante, graças ao esforço de pesquisadores. Silva e Macedo (2017) ressaltam que está em curso uma mudança na percepção do que é o rural, que passa a ser compreendido também como espaço de potencialidades e diversidade. Leva-se, assim,

em consideração a constante interação entre rural e urbano, compreendendo suas particularidades e modos distintos de organização social.

Comunidades podem ser definidas, segundo Junior (2006), como aldeias, subúrbios, clubes, nações e grupos. No entanto, o conceito também abrange aspectos subjetivos, com forte valor afetivo e senso de pertencimento. Para Bauman (2003), o afeto nas comunidades está ligado à diversidade e à parceria entre os membros, podendo se manifestar em comunidades imaginadas ou realmente existentes.

Entre as comunidades tradicionais, destacam-se as ribeirinhas, compostas por sujeitos que vivem às margens dos rios e cujo modo de vida está intimamente ligado à natureza (Monteiro, 2014). Ribeiro e Silva (2020), a partir de uma abordagem geográfica e antropológica, ressaltam que a cultura ribeirinha é atravessada pelas relações com a mata e o rio, constituindo a essência de sua identidade.

O Amazonas abriga uma diversidade de povos tradicionais, como indígenas, quilombolas, ribeirinhos, quebradeiras de coco babaçu, seringueiros, faxinalenses, comunidades de fundo de pasto, pomeranos, ciganos, geraizeiros, vazanteiros, piaçabeiros, pescadores artesanais, pantaneiros, afro-religiosos, entre outros (Neto, 2007). Essa diversidade é reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia (2019), que, por meio das Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) com Povos Tradicionais, destaca a existência de 29 representações no âmbito da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT). Conforme estabelece o Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, essas populações são culturalmente distintas da população urbana, com formas próprias de organização social, ocupando territórios que são fundamentais para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica (Brasil, 2007).

Alves e Justo (2011) e Nahum e Ferreira (2019) alertam que limitar os ribeirinhos à condição de moradores das margens dos rios revela um pensamento reducionista, fruto do desconhecimento de sua rica e complexa cultura. A fluvialidade, a linguagem própria, o respeito ao território e o sentimento de pertencimento são elementos centrais dessa vivência, moldando sua identidade e revelando uma profunda conexão com os rios, fontes de sustento e herança cultural.

Entretanto, conforme Ronzani *et al.* (2019), a vivência ribeirinha tem sido historicamente atravessada por processos de exploração de recursos, riquezas e da própria

força de trabalho, perpetuando um ciclo de vulnerabilidade que limita o desenvolvimento local. Diante desse cenário, muitos jovens enxergam na educação uma possibilidade de romper esse ciclo. As instituições de ensino têm se configurado como oportunidades de ascensão social, principalmente para jovens do meio rural, ainda que, para isso, seja necessário deixar suas comunidades e se deslocar para os centros urbanos. O acesso ao ensino superior, facilitado por políticas de cotas, tem possibilitado que esses jovens ingressem na universidade com o objetivo de transformar suas realidades e contribuir com suas famílias que permanecem nos territórios de origem (Bezerra, 2013). Mas essa ainda não é uma realidade de ribeirinhos, visto que os mesmos não são diretamente beneficiados pela política de cotas.

Considera-se que, além dos aspectos sociais da mudança, existem também implicações psicológicas. A desigualdade educacional entre as zonas urbana e rural ainda é evidente. Melo, Braga e Santana (2019) destacam que, embora jovens de diferentes contextos compartilhem traços geracionais, suas identidades sociais divergem conforme os ambientes onde cresceram, seja na cidade ou em comunidades ribeirinhas. Dados referentes a reprovação, segundo localização da escola, no ensino fundamental e ensino médio no ano de 2019, revelaram que escolas localizadas no rural tem uma taxa de reprovação de 8,6%, enquanto escolas localizadas no urbano 7,5% (Unicef, 2021). Esses dados demonstram que antes mesmo de chegar ao ensino superior os estudantes já experimentam um fracasso escolar significativo.

Nas universidades, políticas específicas como a Lei nº 12.711/2012, regulamentada pelo Decreto nº 7.824/2012, garantem reserva de vagas a estudantes oriundos de escolas públicas, autodeclarados pretos, pardos, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência (Brasil, 2012). Na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o ingresso ocorre por meio do Sistema de Ingresso Seriado (SIS) e do vestibular tradicional, conforme Resolução nº 33/2013. Do total de vagas, 80% são destinadas ao SIS, sendo 60% dessas para estudantes de escolas públicas do estado do Amazonas (Amazonas, 2013).

No entanto, os ribeirinhos que se deslocam para cursar o ensino superior enfrentam desafios significativos. Souza (2022) aponta que, embora a saída do campo traga perspectivas de ascensão social, os jovens vivenciam mudanças profundas, com impacto direto na adaptação à nova realidade urbana. A vulnerabilidade dos povos tradicionais também se manifesta na educação básica, marcada por obstáculos

relacionados ao ciclo das águas, à escassez de profissionais e às condições do território. Munarim e Locks (2012) defendem uma educação que considere o contexto e os direitos culturais dessas populações, promovendo sua autonomia e valorização identitária.

Nesse sentido, a universidade se torna uma oportunidade de mudança, mas também um espaço de enfrentamento. O ensino superior para os jovens ribeirinhos configura-se como um ato de resistência. Nonato e Ferreira (2023) enfatizam que a interiorização das universidades ainda é lenta, exigindo políticas públicas mais eficazes. A travessia para o ensino superior exige mudanças culturais profundas, especialmente quando se considera as especificidades amazônicas.

Zago (2016) aponta a importância de pensar a permanência desses estudantes na universidade, considerando os custos com moradia, alimentação e transporte, muitas vezes incompatíveis com a renda das famílias rurais. O investimento na educação dos filhos é visto por muitos pais como uma forma de realização diante das oportunidades que eles próprios não tiveram. Assim, a psicologia tem papel fundamental ao reconhecer e acolher as particularidades desses sujeitos, sendo a psicologia rural um campo de especial relevância nesse contexto.

No campo da psicologia rural, Ronzani *et al.* (2019) observam que os estudos ainda são recentes e em expansão na América Latina, representando um avanço importante. Essa vertente busca romper com a perspectiva urbanocêntrica, reconhecendo a diversidade dos territórios e propondo intervenções contextualizadas. Landini (2015) define a psicologia rural como campo que, além de atuar diretamente em contextos rurais, tensiona e questiona os limites da psicologia tradicionalmente urbanizada.

Leite *et al.* (2023) destacam que, embora haja um crescente interesse acadêmico, ainda é difícil para muitos profissionais se desvincularem da lógica urbana ao atuar com populações tradicionais. Espejo *et al.* (2022) apontam que a desigualdade territorial entre rural e urbano impulsiona a migração de jovens para os centros urbanos, principalmente em busca de oportunidades educacionais. Cabe à psicologia rural, portanto, consolidar práticas mais conectadas às realidades locais, reconhecendo a pluralidade de modos de vida.

Apesar do avanço nas políticas de acesso ao ensino superior e do crescimento dos estudos sobre juventude e ruralidades, ainda são escassas as pesquisas que investigam, sob uma perspectiva psicossocial, as experiências de estudantes ribeirinhos no contexto universitário urbano. Em especial, observa-se uma carência de estudos que abordem os

desafios da permanência, adaptação e construção de vínculos desses jovens oriundos de comunidades tradicionais na cidade de Manaus, considerando suas singularidades culturais e territoriais. Essa lacuna reforça a necessidade de produções científicas que deem visibilidade a essas trajetórias e contribuam com práticas e políticas que respeitem as especificidades dos povos ribeirinhos.

Com base nessa lacuna, delineou-se a seguinte questão de pesquisa: quais são as dimensões psicossociais da transição entre comunidades ribeirinhas e a cidade de Manaus/AM, a partir da experiência de estudantes da Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA/UEA)? Para respondê-la, adotou-se uma abordagem qualitativa, fundamentada teoricamente na articulação entre a psicologia rural e a psicologia social crítica. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, aplicada a cinco estudantes da área da saúde vinculados à ESA/AM. A partir da análise temática das entrevistas, foram identificados três eixos temáticos principais: 1) acesso e permanência na universidade, com os subtemas: travessia, diferenças no ensino básico e desafios da permanência; 2) dimensões psicossociais do cotidiano acadêmico, envolvendo aspectos psicológicos, sociais e econômicos; 3) redes de apoio na vivência universitária, expressas por meio de vínculos afetivos e suporte familiar.

O desejo de realizar esta pesquisa surgiu a partir de dois eixos principais. O primeiro está relacionado à vivência pessoal da pesquisadora, que é ribeirinha e, ao enfrentar as dificuldades do processo de travessia, acesso e permanência no ensino superior, desenvolveu interesse pela temática. A pesquisa representa, assim, uma oportunidade de revisitar essa experiência sob uma nova perspectiva. O segundo eixo refere-se à linha de pesquisa da orientadora, que atua diretamente com comunidades ribeirinhas e desenvolve projetos na ESA/UEA com jovens universitários em torno das temáticas do campo, da floresta e das águas, evidenciando o acolhimento oferecido a estudantes oriundos do interior do estado.

O objetivo geral deste estudo é compreender as dimensões psicossociais envolvidas na transição de estudantes ribeirinhos para a cidade de Manaus/AM, especificamente no contexto da Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA/AM). A pesquisa busca compreender como esses jovens vivenciam esse deslocamento, considerando os impactos subjetivos, sociais e institucionais que interferem no processo de inserção e adaptação ao espaço universitário urbano. Ao

valorizar as experiências desses estudantes, pretende-se contribuir para o debate sobre as desigualdades que atravessam o acesso e a permanência no ensino superior por parte de populações tradicionais. A relevância social da pesquisa reside, portanto, na possibilidade de oferecer subsídios para reflexões e práticas no campo da psicologia que estejam mais sintonizadas com as realidades vividas por jovens ribeirinhos no contexto universitário.

Dessa forma, este estudo está estruturado em três capítulos: o primeiro aborda o processo de travessia para o ensino superior, do acesso à permanência; o segundo discute as dimensões sociais e econômicas da vivência universitária; e o terceiro analisa o papel das redes de apoio na trajetória desses estudantes no contexto acadêmico.

## **2. Referencial teórico**

### **2.1 ACESSO E PERMANÊNCIA DE JOVENS RURAIS NA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO BRASIL: REVISÃO DE LITERATURA**

#### **2.2 Introdução**

O ensino superior no Brasil é historicamente marcado por um padrão de acesso elitista, com avanços recentes na democratização, como a Lei de Cotas (12.711/2012), que reserva 50% das vagas em instituições federais para alunos de escola pública, de baixa renda, pardos, indígenas, pessoas com deficiência e quilombolas (Brasil, 2012). No entanto, ainda há lacunas significativas na literatura, especialmente em relação aos estudantes rurais e ribeirinhos, grupos que enfrentam desafios únicos no acesso e na permanência no ensino superior. Este estudo busca preencher essa lacuna, analisando os processos psicossociais e socioeconômicos que afetam esses estudantes.

Cabe destacar que dentro das camadas populares que aspiram acessar o ensino superior, a Lei de Cotas não abrange de forma direta os estudantes de áreas rurais, cabendo aqui diferenciar as configurações da população rural existente. O rural/urbano é caracterizado por regiões nas proximidades da cidade, no qual o acesso pode ser feito por meio de estradas, tendo o quantitativo de habitantes como parâmetro para a sua classificação. O rural/ribeirinho é caracterizado pelo modo de vida relacionado às bacias hidrográficas e o acesso às comunidades se dá principalmente por via fluvial. Os ribeirinhos são populações que possuem relação direta com a natureza e os recursos que dela vem, sendo a agricultura, pesca e extrativismo os principais meios de sobrevivência

(Gomes, 2013; Pereira, Pereira; Toutonge, 2022). Com base nessas configurações de territórios, o acesso, bem como a permanência na universidade para jovens que residem nesse contexto rural, passa a ser um desafio, descrito por Nonato e Ferreira (2023) como um ato de resistência.

No processo de travessia da população rural para o ensino superior no urbano, os jovens têm como principal motivação a ascensão social incentivada pelos pais e a busca pelo abandono da atividade agrícola ou extrativista comum nesses territórios (Bezerra, 2013). Leva-se em consideração a separação da família, amigos e rotina por conta da mudança de território. Isso gera nos jovens dificuldades psicossociais relevantes como o estresse relacionado à adaptação ao ambiente urbano, a solidão devido à distância da família, e a ansiedade relacionada ao desempenho acadêmico. Tais fatores influenciam diretamente no rendimento acadêmico, sendo pesquisas com essa população importantes por representar uma parcela da sociedade que, por vezes, é invisibilizada dentro da universidade pública e, em particular, dos advindos de áreas rurais (Zago, 2006; 2016).

Os aspectos psicossociais que perpassam a vivência desses jovens, são definidos a partir de várias vertentes como por exemplo, sentimentos, emoções, atitudes e práticas que são de ordem subjetiva e por mais que sua definição de acordo com Paiva (2013, p.7) seja indireta pela literatura, o psicossocial ocupa um lugar de “constelação de necessidades sociais, emocionais e de saúde mental e o cuidado oferecido para atendê-las”. Com isso, através de uma revisão de literatura foi necessário compreender o panorama que engloba as publicações científicas que explorem o fenômeno da migração estudantes universitários advindos de áreas rurais. Em buscas não foram identificadas revisões anteriores que tratem do tema proposto.

Dessa forma, o objetivo desta revisão é analisar pesquisas científicas brasileiras sobre os processos psicossociais enfrentados por estudantes da zona rural e ribeirinhos em universidades públicas no Brasil, contemplando o processo de acesso e permanência, a contribuição das áreas de pesquisa e as regiões que se destacam dentro da temática pesquisada.

### **2.3 Resultados e discussão**

As pesquisas sobre jovens rurais no contexto universitário, especialmente em relação ao acesso e à permanência, têm se concentrado predominantemente nas áreas de educação e psicologia (Nierotka; Bonamino, 2023; Figueiredo *et al.*, 2022; Moris *et al.*,

2022; Nicácio *et al.*, 2021). Regionalmente, observa-se um estudo na área de educação no Sul, outro no Sudeste e, no Nordeste, maior concentração, com um estudo em educação e dois em psicologia. Evidenciando a ausência de estudos nas regiões centro-oeste e norte. O Quadro 1 está dividido em um formato que seja possível identificar o delineamento, objetivos e resultados, para facilitar a compreensão sobre o funcionamento das universidades no Brasil e o seu acesso e permanência de jovens rurais, é possível identificar os estudos que contemplam este artigo e embasam a análise.

**Quadro 1** - Síntese dos estudos incluídos: principais resultados sobre o acesso e permanência de estudantes rurais e ribeirinhos no ensino superior público no Brasil

<b>Autores</b>	<b>Região</b>	<b>Área / Delineamento</b>	<b>Resultados</b>
Abreu e Ximenes (2021)	Nordeste	Psicologia/ Qualitativo	As entrevistas destacam a questão socioeconômica como desafio para a permanência, incluindo moradia, falta de suporte e distância da família.
Figueiredo et al. (2022)	Nordeste	Educação/ Quantitativo	Há desigualdades no acesso ao ensino superior, especialmente em medicina, afetando estudantes de escolas públicas, indígenas, negros, baixa renda e de municípios menores.
Moris et al. (2022)	Sudeste	Educação/ Quantitativo	Alunos de baixa renda ou rurais cursam áreas de menor prestígio, enquanto os mais ricos têm acesso a melhores opções. O Enem reflete essa desigualdade pela diferença na educação básica.
Nicácio et al. (2021)	Sudeste	Educação / Qualitativo	A bolsa foi essencial para a permanência no curso, e a origem social influencia oportunidades acadêmicas e profissionais.
Nierotka e Bonamino (2023)	Sul	Educação/ Qualitativo	Homens, especialmente negros, têm menos chances de conclusão que mulheres brancas. Jovens da zona rural têm mais chances de concluir o ensino superior que os urbanos.
Santos, Amaral e Luz (2023)	Sudeste	Economia/ Quantitativo	Em municípios menores as instituições que abriram um ou dois cursos tiveram pouca demanda e não conseguiram formar turma.

Silva e Ximenes (2022)	Nordeste	Psicologia/ Qualitativo	O modo de vida dos jovens universitários migrantes é marcado por desafios, como a pobreza, que afetam a socialização e o distanciamento familiar.
------------------------	----------	----------------------------	---

Fonte: autoras (2025)

Esta seção está dividida em dois tópicos centrais exemplificados no quadro 2, sendo o primeiro, abordando sobre o impacto psicossocial em estudantes universitários oriundos de áreas rurais na universidade pública e fatores socioeconômicos para acesso e permanência na universidade pública.

**Quadro 2-** Descrição dos estudos por áreas: Desafios e Impactos

<b>Autores</b>	<b>Dimensões psicossociais da experiência universitária de estudantes oriundos de áreas rurais</b>	<b>Fatores socioeconômicos para acesso e permanência na universidade pública</b>
Abreu e Ximenes (2021)	Qualidade de ensino na zona rural	Com a implementação de políticas de assistências estudantis, alunos pobres estão mais presentes nas universidades; oito entrevistados relataram as dificuldades financeiras na permanência na universidade pública e dificuldade em conciliar o trabalho com a universidade.
Figueiredo <i>et al.</i> (2022)	Não avaliado	Natureza institucional – pública X privada que refletem na qualidade do ensino e preparação para processos seletivos.
Moris <i>et al.</i> (2022)	Nível educacional	Nível econômico
Nicácio <i>et al.</i> (2021)	Não avaliado	Natureza institucional e qualidade do ensino.

Nierotka e Bonamino (2023)	Não avaliado	Estudantes de origem rural têm menores chances de concluir o ensino superior comparado com os da área urbana.
Santos, Amaral e Luz (2023)	Não avaliado	Natureza institucional e condição econômica
Silva e Ximenes (2022)	Adaptação à um novo modo de vida, nível econômico e relacional.	Nível acadêmico.

Fonte: autoras (2025)

Foram identificados fatores associados a dificuldades na interação social de estudantes que migram de zonas rurais para o ensino superior urbano, tanto no acesso quanto na permanência. Essas dificuldades incluem a adaptação a um novo ambiente cultural, o distanciamento da família e a sensação de não pertencimento. Políticas de assistência estudantil, como bolsas de permanência e moradia universitária, foram apontadas como essenciais para mitigar esses desafios, especialmente para estudantes de baixa renda.

Dois estudos na área de psicologia (Abreu; Ximenes, 2021; Silva; Ximenes, 2022), descrevem de forma estruturada os processos psicossociais como a mudança de rotina e cultura devido a migração do rural para o urbano e a dinâmica enfrentada por jovens de comunidades rurais dentro da universidade. Além disso, mencionam a diferença no nível de ensino quando comparados com os universitários que tiveram seu ensino básico no urbano. Esse dado é reforçado pelo estudo de Cruz, Moura e Esperidião (2024) que evidenciam rendimento escolar inferior aos alunos de escolas em áreas rurais em detrimento de escolas urbanas. Esse fator corrobora que as desigualdades no acesso à educação de qualidade e vulnerabilidade socioeconômica presente em áreas rurais contribuem para acentuar desafios no ensino superior.

### **2.3.1 Dimensões psicossociais da experiência universitária de estudantes oriundos de áreas rurais**

Nesta categoria, foram selecionados três artigos (Abreu e Ximenes, 2021; Moris *et al.*, 2022; Silva; Ximenes, 2022) que abordam os processos psicossociais vivenciados por estudantes universitários provenientes de áreas rurais. O estudo de Abreu e Ximenes (2021) destaca que a baixa renda permanece como o principal fator limitante ao acesso e à adaptação no contexto universitário. Além disso, os autores exploram dimensões subjetivas, como os aspectos socioculturais relacionados a um modo de vida distinto, que impactam o senso de pertencimento desses estudantes em sala de aula, especialmente no que diz respeito à interação com colegas não cotistas. No âmbito pedagógico, os resultados indicam um rendimento acadêmico inferior quando comparado ao de estudantes originários de áreas urbanas. Essas conclusões foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com oito alunos de duas universidades públicas da Região Nordeste: a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade Regional do Cariri (URCA).

Moris *et al.* (2022) destacam que, mesmo dentro da área rural, há disparidades significativas nas oportunidades de acesso ao ensino superior. Os autores apontam que filhos de produtores rurais têm maior probabilidade de ingressar em instituições públicas de ensino superior (30%) em comparação com filhos de trabalhadores rurais não qualificados. Essa diferença se acentua ainda mais quando comparados com jovens cujos pais possuem maior escolaridade. Tais desigualdades são evidenciadas por meio de um levantamento baseado no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2019, que utilizou como variáveis o capital cultural, econômico e linguístico. Os resultados indicam que, embora o ENEM seja o principal mecanismo de acesso ao ensino superior no Brasil, sua estrutura apresenta fragilidades e reforça desigualdades, uma vez que não considera adequadamente as deficiências da educação básica em áreas rurais. Consequentemente, jovens dessas comunidades enfrentam desvantagens estruturais no processo de ingresso ao ensino superior (Moris *et al.*, 2022).

Tendo em vista que universitários rurais passam por um processo de migração para a área urbana, com base no estudo de Silva e Ximenes (2022), Calegare (2015) aponta que uma das maiores dificuldades durante esse processo é a diferença entre as realidades rural/urbana, sendo o rural visto, mesmo na contemporaneidade, como

atrasado, o que é considerado uma visão arcaica desse contexto que é indissociável do urbano. Silva e Ximenes (2022) colocam que há o rural localizado em comunidades (ribeirinho), no campo, arredores de praias, serras e em outras regiões, diferindo de características históricas. Para evidenciar os processos psicossociais envolvidos na migração para cursar o ensino superior, os autores realizaram entrevistas semiestruturadas com quatorze estudantes de uma instituição de ensino superior (IES), localizada no Ceará, Região Nordeste.

Os relatos analisados evidenciam que a mudança de território e o processo de adaptação impactam não apenas o rendimento acadêmico dos universitários provenientes de zonas rurais, mas também sua saúde, abrangendo dimensões biológicas e psicológicas. Esse fenômeno vai além de uma simples mudança geográfica, configurando-se como um processo identitário que influencia diretamente as interações sociais no novo contexto universitário. Silva e Ximenes (2022) e Abreu e Ximenes (2021) corroboram com essa perspectiva, destacando em seus estudos relatos de entrevistados que mencionam dificuldades na interação social com sujeitos que não vivenciaram o processo de migração. Essa barreira social acaba por dificultar a adaptação universitária, reforçando os desafios enfrentados por esses estudantes.

### **2.3.2 Fatores socioeconômicos para acesso e permanência na universidade pública**

O acesso e permanência no ensino superior é perpassado por inúmeros desafios para os jovens, dentre eles os socioeconômicos identificados em todos os sete artigos deste estudo como questão central, mas em diferentes contextos, sendo diferenciado pela região e área pesquisada dentro de um mesmo ciclo de território acadêmico. Abreu e Ximenes (2021) identificam que a pobreza afeta diretamente o acesso ao ensino superior, não sendo possível permanecer sem que haja alguma política assistencial. É possível identificar que ações de permanência, tais como restaurante universitário, residência universitária, bolsa assistência estudantil e bolsas de estágio extracurricular, são imprescindíveis e, dos sete entrevistados no estudo, todos relataram a sua importância para se manterem nos cursos (Abreu; Ximenes, 2021).

Já nos estudos Figueiredo *et al.* (2022) e Moris *et al.* (2022) fica evidente que a hierarquia no acesso ao ensino superior ocorre mediante critérios pré-estabelecidos, como mencionado por Figueiredo *et al.* (2022) em uma pesquisa documental realizada no banco

de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP), em 2018. A maioria dos concluintes em medicina tinha como característica principal ser do sexo feminino (57,46%), idade menor ou igual a 26 anos (61,96%), ingressantes pelo sistema de cotas (5,94%), Fies (30,57%), Prouni (3,40%), brancos (56,85%), não brancos (22,94%), municípios com menos de 20 mil habitantes (5,40%) e tipos de escola sendo a privada (72,11%) e pública (23,97%).

Dentre outras características, observa-se o ingresso predominante de estudantes que cursaram o ensino básico em escolas privadas e tiveram maior acesso ao ensino superior público. Esse padrão foi corroborado por Moris *et al.* (2022), que, em um estudo baseado nos dados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2019, evidenciaram que cursos considerados de maior prestígio social, como medicina, enfermagem, odontologia, direito e engenharias, tendem a atrair alunos de estratos socioeconômicos mais altos. Além disso, a maioria desses estudantes possui pais com formação superior completa, reforçando a influência do capital cultural e econômico no acesso a essas carreiras.

Atribuindo o fator econômico, Nicácio *et al.*, (2021) expõem que de 1.175 alunos matriculados no Curso de Graduação em Administração Pública (Csap), em Minas Gerais, no período de 1998 a 2012, 68% concluíram o ensino médio em escolas particulares, o que prevê que um nível socioeconômico maior, evidenciando que a origem social impacta o acesso ao ensino superior em diferentes contextos e regiões. Outro dado importante resultante de entrevistas semiestruturadas mostra que, dos sete entrevistados, três mencionam a importância de bolsas de estudo para auxiliar na permanência do curso.

O estudo Nierotka e Bonamino (2023), no entanto, aborda a problemática da renda familiar e sua relação com a conclusão dos cursos em uma Universidade Federal em Santa Catarina. Os dados revelam que a maioria dos ingressantes é proveniente de áreas urbanas, enquanto apenas 25,5% são da zona rural. Esse grupo rural é composto principalmente por mulheres brancas com até 20 anos e, renda familiar de até cinco salários-mínimos, esses dados quando comparado com os 74,5% dos alunos ingressantes da área urbana, revelam uma desproporção nesse acesso à universidade. O estudo também evidencia disparidades significativas: homens, especialmente negros com 9,3%, assim como moradores de comunidades rurais e com renda inferior a cinco salários-mínimos, têm menos chances de acessar o ensino superior (Nierotka; Bonamino, 2023).

Santos, Amaral e Luz (2023) destacam que as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas possuem um caráter historicamente elitista, enquanto as privadas têm ampliado seu protagonismo, especialmente com a interiorização. Na Região Norte, por exemplo, há uma oferta satisfatória de cursos tanto em instituições públicas quanto privadas no interior, mas a variedade limitada de opções restringe a escolha de moradores desses territórios. Apesar disso, essa expansão representa uma alternativa para tornar o acesso ao ensino superior economicamente viável.

O estudo de Silva e Ximenes (2022) aborda o fator socioeconômico de jovens de comunidades rurais e sua influência no acesso e na permanência em universidades públicas. Por meio de uma pesquisa qualitativa com 14 universitários cearenses, utilizando entrevistas semiestruturadas, Silva e Ximenes (2022) destacam que a necessidade de obtenção de renda leva muitos desses jovens a assumirem trabalhos precários, como por exemplo, trabalhos braçais, com carga horária acima da média e salários que não condizem com as atividades desenvolvidas, dificultando a conciliação entre estudo e trabalho. Os entrevistados ressaltam a importância de políticas que considerem não apenas o acesso, mas também a permanência na universidade, com atenção a fatores como moradia, transporte, consumo e custos acadêmicos. Além disso, enfatizam o papel fundamental da psicologia nessas discussões, visando garantir a inclusão e a permanência de estudantes de diferentes perfis socioeconômicos no ensino superior público brasileiro.

A discussão sobre o acesso e a permanência na universidade pública no Brasil tem ganhado destaque, com foco nos aspectos psicossociais, políticos e econômicos. Psicossocialmente, a transição do meio rural para o urbano gera desafios como a adaptação a um novo ambiente cultural, o distanciamento da família e a sensação de não pertencimento. Esses fatores são agravados por estereótipos relacionados à origem rural, que podem levar à exclusão social e ao baixo rendimento acadêmico. Para enfrentar esses desafios, é essencial a implementação de políticas públicas que incluam suporte psicológico, programas de mentoria e ações afirmativas específicas para estudantes rurais e ribeirinhos.

Esses fatores podem gerar sentimentos de inadequação, solidão e dificuldades de integração, que, somados à pressão por desempenho acadêmico, afetam diretamente a saúde mental e o bem-estar desses estudantes. No caso dos jovens rurais, observa-se que sua adaptação ao ambiente universitário é marcada por desafios específicos, como

dificuldades de interação e identificação com os colegas. Essas barreiras são ainda mais evidentes quando comparadas às experiências de universitários não cotistas, cujas diferenças de classe e origem social acentuam os impasses no convívio acadêmico, conforme destacam Abreu e Ximenes (2021). Essa problemática é reforçada por Zago (2016), que aponta a escassez de estudos sobre a realidade social dos jovens rurais na universidade, uma vez que a literatura científica tende a priorizar pesquisas focadas no contexto urbano.

Referente ao rural e ao urbano, dentro de um contexto de migração de jovens para cursar o ensino superior, a educação básica tem um importante papel e influencia diretamente no desempenho dos universitários, levando em conta a diferença nesses ensinamentos, que ocasiona cobranças excessivas, resultando em danos psicológicos que podem gerar estresse, bem como ansiedade e depressão, como apontam Oliveira e Nina (2019) quando analisaram o sofrimento psíquico em estudantes de medicina de uma universidade pública no Amazonas. Tal afirmação remete aos poucos estudos encontrados na área da psicologia, totalizando dois estudos que retratam os processos psicossociais, bem como os desafios psicossociais que a mudança para o urbano gera nos jovens universitários que precisam deixar sua rotina para ingressar no ensino superior (Abreu; Ximenes, 2021; Silva; Ximenes, 2022).

A prevalência de estudos da área de educação (Figueiredo *et al.*, 2022; Moris *et al.*, 2022; Nicácio *et al.*, 2021; Nierotka; Bonamino, 2023) demonstrou preocupação com políticas que possam abarcar tanto o acesso quanto a permanência de jovens na universidade. Apesar de possuírem o amparo da Lei de Cotas, ainda assim, o acesso tende a ser menor do que de estudantes que cursaram o ensino médio em escolas privadas, por exemplo, sendo que alguns editais não deixam claro o funcionamento das vagas de ampla concorrência e cotas quando remanescentes, conforme Figueiredo *et al.* (2022). A mesma situação é retratada por Melo, Braga e Ximenes (2022, p. 6) quando direcionado tal acesso e permanência para o rural, pois “percebe-se assim que o acesso e permanência de jovens rurais na escola são cerceados por falta de políticas públicas que levem em consideração os fatores como localização, currículo, trabalho, família”.

Cabe destacar a importância de políticas públicas de amparo na universidade. Pontua-se dentre os estudos selecionados avaliando o fator econômico como um divisor de águas, em que todos mencionam o financeiro como um empecilho dentro do território universitário. Sob esse ponto de vista, há uma dicotomia entre o ensino básico em que

escolas particulares são para camadas sociais mais privilegiadas enquanto o ensino público para camadas populares e de baixa renda, enquanto no ensino superior acontece o inverso, universidades públicas acolhe sujeitos de ensino particular e o ensino superior privado acolhe sujeitos que estudaram em rede pública (Nicácio *et al.*, 2021; Figueiredo *et al.*, 2022; Nierotka; Bonamino, 2023).

Ressalta-se que a ascensão social é o principal fator do desejo ao acesso da universidade por jovens rurais atualmente. De acordo com Pereira *et al.* (2022), 47,4% das migrações de jovens para a área urbana são motivadas por fatores educacionais, no entanto dentre os estudos selecionados não há especificação sobre qual rural os estudos se referem, levando em conta que há o rural/urbano e rural/ribeirinho, não sendo citado os ribeirinhos em nenhum dos estudos, demonstrando uma generalização dessa população que possui especificidades, sendo a maior delas a relação direta com o rio.

Além disso, evidencia-se que os desafios psicossociais e socioeconômicos são determinantes no acesso, na permanência e no processo de migração de estudantes rurais para a universidade pública. Psicossocialmente, esses jovens enfrentam desafios como a adaptação a um novo ambiente, o distanciamento da família e a sensação de não pertencimento, agravados por estereótipos relacionados à sua origem. Socioeconomicamente, a necessidade de trabalhar para se sustentar e a falta de recursos para custear despesas básicas, como moradia e transporte, limitam suas escolhas acadêmicas, especialmente em cursos considerados de maior prestígio social, que tendem a ser ocupados por estudantes com maior nível de escolarização na educação básica. Diante disso, a implementação de políticas estudantis que ofereçam suporte financeiro, psicológico e acadêmico é essencial para garantir que o desejo de ascensão social desses jovens se torne realidade (Zago, 2016; Abreu; Ximenes, 2021; Silva; Ximenes, 2022).

## **2.4 Considerações finais**

Esta revisão baseou-se na investigação do acesso e permanência de estudantes de áreas rurais em universidades públicas no Brasil, com foco nas particularidades desses estudantes em comparação com seus pares urbanos. A pesquisa buscou enfatizar os desafios psicossociais e socioeconômicos enfrentados por esses estudantes e compreender como suas realidades culturais afetam as relações sociais e a adaptação à vivência universitária.

Os resultados indicam que estudantes de áreas rurais enfrentam desafios psicossociais específicos na universidade, que incluem dificuldades na adaptação social e econômica e um potencial aumento do sofrimento psíquico, envolvendo principalmente crises de ansiedade e depressão. Essas descobertas corroboram a hipótese de que a origem rural afeta diretamente a experiência universitária desses indivíduos.

A metodologia adotada envolveu uma revisão de literatura, que identificou limitações como a escassez de descritores abrangentes para a população ribeirinha, a falta de estudos específicos sobre as vivências de estudantes rurais e a generalização das condições rurais na literatura existente. Apesar dessas lacunas, destacaram-se aspectos relevantes, como o impacto da Lei de Cotas (12.711/2012) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como principal meio de ingresso no ensino superior. A análise concentrou-se nas diferenças entre estudantes de áreas rurais e urbanas, com ênfase nas especificidades dos primeiros, especialmente aqueles de contextos pouco estudados, como os ribeirinhos.

O questionamento sobre as particularidades das realidades rurais na influência das experiências universitárias dos estudantes, foi demonstrada na leitura crítica dos artigos. Os objetivos do estudo, que incluíam a análise das relações sociais e do processo de adaptação desses estudantes, foram alcançados, revelando que as condições de origem rural influenciam o bem-estar psicológico e a integração universitária de forma distinta em comparação com os estudantes urbanos. As regiões Nordeste e Sudeste destacaram-se nos estudos analisados, refletindo tanto os desafios específicos dessas localidades quanto às iniciativas de políticas públicas voltadas para o acesso e a permanência desses grupos. Nesse contexto, a psicologia emerge como campo essencial para o apoio à formulação e implementação de políticas que considerem as particularidades psicossociais dos estudantes rurais e ribeirinhos, garantindo não apenas seu ingresso, mas também sua permanência e sucesso no ensino superior.

Com base nas conclusões desta pesquisa, recomenda-se que futuros estudos explorem com maior profundidade as questões psicológicas enfrentadas por estudantes de áreas rurais, como ansiedade, solidão e dificuldades de adaptação, com atenção especial a grupos específicos, como os ribeirinhos. Dentre os estudos selecionados, observa-se uma generalização da categoria “rural”, sem distinção clara entre o rural/urbano e o rural/ribeirinho. Os ribeirinhos, em particular, possuem especificidades únicas, como a dependência de recursos fluviais para subsistência e a necessidade de

deslocamento por vias aquáticas para acesso a serviços básicos. Essas particularidades não foram abordadas nos estudos analisados, indicando uma lacuna significativa na literatura. Futuras pesquisas devem focar nas experiências específicas dos ribeirinhos, considerando suas condições geográficas, culturais e socioeconômicas.

Além disso, sugere-se a expansão da pesquisa para além da área da saúde, abrangendo campos como educação, sociologia e políticas públicas, a fim de obter uma visão mais abrangente e interdisciplinar das experiências desses estudantes. Por fim, é fundamental o desenvolvimento de políticas públicas e universitárias direcionadas, como programas de apoio psicológico, bolsas de permanência e moradia estudantil, para garantir o acesso e a permanência dessa população no ensino superior.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Compreender as dimensões psicossociais da transição entre comunidades ribeirinhas e a cidade de Manaus/AM em estudantes de saúde da Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA/AM).

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Identificar as expectativas e motivações dos estudantes no acesso e permanência ao ensino superior;
- Analisar como as dimensões psicossociais da transição do contexto ribeirinho para o urbano de Manaus/AM se manifestam no cotidiano acadêmico dos estudantes da ESA/AM.
- Descrever o papel e a dinâmica das redes de apoio no cotidiano universitário dos jovens ribeirinhos da Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA/AM).

## 4. MÉTODO

Para alcançar os objetivos propostos por este estudo, este capítulo se dedica à descrição detalhada das etapas metodológicas adotadas, constituindo uma parte fundamental para a compreensão dos procedimentos utilizados na realização da pesquisa.

### 4.1 Tipo de Estudo

Optou-se por um modelo de pesquisa social crítica, com abordagem qualitativa, de campo, descritiva e de corte transversal. Para a definição da amostra, adotou-se o método *bola de neve* (*snowball sampling*), uma estratégia eficaz para acessar grupos sociais específicos, cujos membros compartilham características em comum e tendem a se indicar mutuamente. Essa técnica se mostrou adequada para o andamento da pesquisa, permitindo alcançar participantes que, muitas vezes, são de difícil acesso por meios tradicionais.

O processo teve início com a escolha de um informante-chave, no caso desta pesquisa, a Liga das Populações do campo, florestas e das águas (LASPFLORA), esta denominada, semente, que a partir de critérios previamente definidos, indicou outros sujeitos com perfil semelhante. Esse ciclo de indicações se repetiu até o ponto de saturação, ou seja, quando novas indicações não acrescentavam informações relevantes à pesquisa (Vinuto, 2014). A força desse método reside na formação de uma rede de participantes interligados, o que favorece a circulação da informação e a adesão ao estudo.

Segundo Minayo (2012), a pesquisa qualitativa demanda objetivos bem definidos, uma vez que a clareza metodológica é determinante para a qualidade dos resultados obtidos. As escolhas dos instrumentos e da estratégia de coleta devem dialogar com os objetivos da pesquisa, o que exige articulação constante entre teoria e prática.

A escolha pela abordagem qualitativa está alinhada ao objetivo desta pesquisa, uma vez que, conforme Bogdan e Biklen (*apud* Kripka; Scheller; Bonotto, 2015), esse modelo permite ao pesquisador captar informações de diferentes formas, como entrevistas, grupos focais, questionários e análise de documentos, posicionando-o como agente central na produção de conhecimento.

No campo da pesquisa social, Lane (1996) defende a indissociabilidade entre teoria e prática. Para ela, é essencial questionar o papel do campo social dentro da

psicologia, exigindo uma postura crítica e ativa por parte do pesquisador (Lima; Ciampa; Almeida, 2009). Dentro dessa perspectiva, destaca-se a psicologia social crítica, que compreende o sujeito como produtor e produto de sua história, inseparável de seu contexto social. Tal abordagem exige do pesquisador uma postura ética, reflexiva e politicamente engajada (Gruda, 2016).

A psicologia social crítica, que fundamenta esta pesquisa, parte do princípio de que a construção do conhecimento ocorre na relação entre pesquisador e pesquisado. Nesse sentido, questiona modelos hegemônicos e valoriza experiências que apontem para a emancipação humana, entendida como o entrecruzamento entre o autoconhecimento e a ampliação da autonomia individual e social (Lima; Ciampa; Almeida, 2009).

Além disso, a pesquisa foi caracterizada como descritiva, por buscar observar, identificar e interpretar os fenômenos estudados sem interferência direta do pesquisador. Esse tipo de estudo exige análise detalhada dos dados, visando descrever os resultados com precisão e profundidade a partir do corpus textual resultante do diálogo com os participantes (Gil, 2002; Nunes *et al.*, 2016).

Quanto ao delineamento, a pesquisa foi de campo, permitindo contato direto com o objeto investigado e participação ativa do pesquisador em todas as etapas do processo. Marconi e Lakatos (1990) ressaltam que esse tipo de estudo exige, previamente, um levantamento teórico consistente, de modo a garantir o diálogo entre teoria e prática.

Em relação ao recorte temporal, optou-se por um estudo transversal, com a coleta de dados realizada em um único momento. Essa característica o diferencia dos estudos longitudinais e foi adequada ao perfil dos participantes e à natureza do fenômeno investigado (Bordalo, 2006; Zangirolami-Raimundo; Echeimberg; Leone, 2018).

O aporte teórico baseou-se também na psicologia rural, por se tratar de uma população específica de universitários oriundos de comunidades ribeirinhas da Amazônia, e esteve em constante diálogo com a psicologia social crítica. Essa articulação permitiu evidenciar o contexto rural dentro da universidade, compreendendo o sujeito como construção social inserida em um território desafiador.

## **4.2 Caracterização do local da pesquisa**

A Universidade Estadual do Amazonas (UEA), é uma instituição de ensino superior custeada pelo governo do estado. É a maior universidade multicampi do país, possuindo seis unidades chamadas de escolas superiores na capital Manaus e, tendo ainda

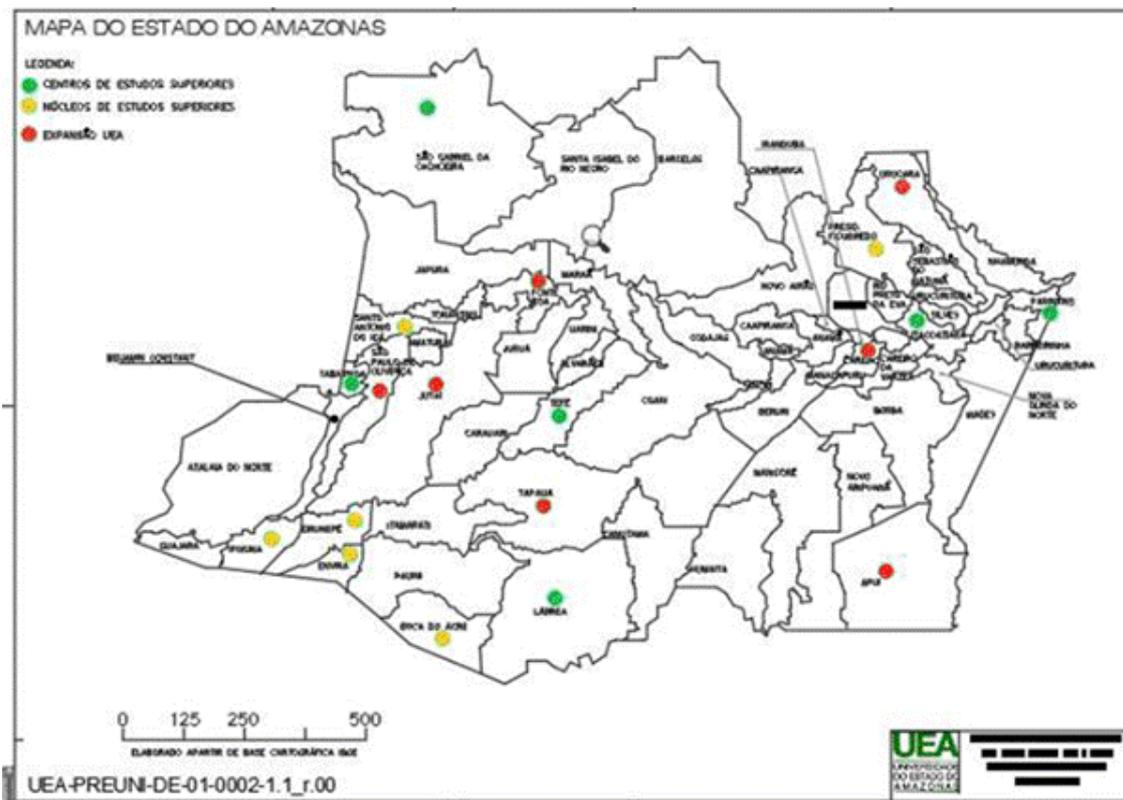
4 (quatro) centros nos seguintes municípios do estado: Itacoatiara, Tabatinga, Tefé e Parintins (Governo do Amazonas, 2022). As seis unidades localizadas na cidade de Manaus, são: **1)** Escola Normal Superior; **2)** Escola Superior de Artes e Turismo; **3)** Escola de Direito; **4)** Escola Superior de Ciências Sociais; **5)** Escola Superior de Tecnologia e; **6)** Escola Superior de Ciências Sociais. A presente pesquisa será na unidade denominada: Escola Superior de Ciências da Saúde.

A instituição foi escolhida levando em consideração a disponibilidade dos cursos da área da saúde e o número consistente de universitários advindos dos interiores do Amazonas. A instituição conta com mais de 25 mil estudantes regularmente matriculados na graduação, bem como na pós-graduação. Além dos cursos de graduação, contando com Bacharelados, Licenciaturas e Tecnológicos, a Universidade também procura a ampliação da Pós-Graduação. Tendo 286 cursos, sendo 64 regulares e 22 de oferta especial, sendo ofertados por município, e 68 cursos contabilizados por nomenclaturas. Ofertando 64 cursos de pós-graduação Lato Sensu (Especialização), 15 cursos de Mestrado e cinco de Doutorado (Stricto Sensu).

No campo da Extensão, as ações são voltadas à promoção da política institucional e ao atendimento das demandas sociais por meio do conhecimento científico e tecnológico. Cabe destacar que, ao longo do ano, dois grupos distintos acessam a Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA). Um deles é composto exclusivamente por estudantes oriundos do interior do Amazonas, selecionados por meio de editais específicos, e que não residem na área urbana de Manaus.

No mapa abaixo, é possível identificar a localização de cada unidade da UEA no estado do Amazonas, levando em consideração que para o presente estudo, decidimos pesquisar somente na Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA), pois nela estão os cursos de medicina, enfermagem e odontologia que são os focos principais de acordo com os objetivos pré-estabelecidos.

**Figura 1-** Mapa do estado do Amazonas com a localização das unidades da Universidade do Estado do Amazonas.



Fonte: Recuperado do *PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL (PDI) 2022-2026 - DE DESENVOLVIMENTO*, Plano. Institucional (PDI) 2022 a 2026.

Cabe destacar que o fato de os estudantes saírem de suas comunidades de origem para capital está perpassado pela falta de oferta dos cursos na área da saúde nas universidades do estado dos interiores. Isso dificulta o acesso a essas áreas do conhecimento influenciando a travessia para a capital do estado.

### 4.3 Participantes da pesquisa

Para a realização desse estudo, foram selecionados 5 (cinco) estudantes, sendo 4 estudantes de enfermagem e 1 (um) de odontologia da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA). Dentre as características principais, foram advindos de áreas ribeirinhas dos seguintes municípios: São Gabriel da Cachoeira (1), Barcelos (2), Nhamundá (1) e Caburi Agrovila (1). Estes estavam em diferentes períodos nos cursos de graduação, na faixa etária de 18 a 25 anos conforme a Tabela 3.

Com isso, dos cinco estudantes entrevistados, quatro foram do curso de enfermagem e uma do curso de odontologia. Nenhum estudante de medicina atendeu aos critérios de inclusão da pesquisa de serem ribeirinhos, sendo assim não houve nenhum estudante de medicina inserido na presente pesquisa. Dos cinco estudantes, apenas uma ia à cidade de Manaus com frequência, três residem atualmente com familiares e dois moram em imóveis alugados, e dois recebem auxílio da universidade, uma por meio de uma bolsa do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC) e outro pelo Programa de Excelência Acadêmica (PROEX). Dos cinco entrevistados, dois trabalham fora do contexto da universidade tendo que conciliar os horários das atividades diárias.

Cabe ressaltar que visando a privacidade da identidade dos participantes, optamos por chamá-los com nomes de árvores típicas da região Amazônica: Samaúma, Apuizeiro, Jatobazeiro, Castanheira e Maçaranduba.

**Quadro 3** - Dados dos perfis dos participantes da pesquisa

Estudante	Idade	Sexo	Curso	Período	Origem	Recebe auxílio	Reside Com	Trabalha	Vinha a Manaus com frequência
Samaúma	22	Feminino	Odontologia	8º	São Gabriel da Cachoeira	Não	Família	Não	Sim
Apuizeiro	24	Masculino	Enfermagem	5º	Barcelos	Não	Sozinho	Sim	Não
Jatobazeiro	19	Masculino	Enfermagem	1º	Barcelos	Não	Família	Não	Não
Castanheira	25	Feminino	Enfermagem	Desper- odizada	Nhamundá	Sim	Irmã	Não	Não
Maçaranduba	25	Masculino	Enfermagem	6º	Agrovila	Sim	Sozinho	Sim	Não

Fonte: Autoria própria (2025)

Ao longo da caracterização e escolha dos participantes, o processo de trocas durante as entrevistas foi acima do esperado. Isso porque, enquanto ribeirinha, pude estabelecer uma conexão que culminou em um troca de experiências, gerando um processo de identificação que foi essencial para o andamento das entrevistas, bem como para a troca com os participantes que os deixou bastante confortáveis para responder aos questionamentos previamente estabelecidos. Este foi um ponto positivo da presente pesquisa e, até facilitador na relação pesquisadora/participante.

#### 4.4 Instrumentos e Técnicas

Para alcançar os objetivos propostos usamos os seguintes instrumentos e técnicas de pesquisa: 1) roteiro de entrevista semiestruturada; 2) diário de campo e, 3) recursos fotográficos. No que tange à entrevista semiestruturada, a mesma é caracterizada por um roteiro de entrevista pré-estabelecido pelo entrevistador que passa a ser flexível podendo deixar o entrevistado à vontade para externalizar sobre o assunto a fim de focar sempre no objetivo da pesquisa, mas sem deixar de questionar e ouvir fatores que estejam fora do roteiro, mas que o participante queira comentar subjetivamente (Santos; Jesus; Battisti, 2021). Tal instrumento permitiu que fossem coletadas informações sobre a formação identitária dos entrevistados, pois “é possível identificar tendências de se comportar de determinada forma, entre tantas outras possibilidades” captando elementos além da narrativa, as circunstâncias nas quais estão inseridos e que envolve planejamento para que se tenha êxito ao aplicá-la (Guazi, 2021 p. 2).

Assim, foi usado um roteiro com perguntas previamente elaborados de forma a atender as necessidades dessa pesquisa de coletar dados sobre o acesso e permanência desses jovens ribeirinhos na ESA, bem como sua rede de apoio e expectativas em relação à entrada na universidade (ver apêndice D). Já o diário de campo foi utilizado no registro de cada entrevista com o intuito de registrar passo a passo tanto as etapas da pesquisa, quanto a partilha de experiências juntamente com os participantes, trazendo mais robustez aos dados coletados.

Por último, os recursos fotográficos tiveram o intuito de permitir o acesso à subjetividade do participante por meio da afetividade para além da linguagem. Nesta pesquisa as fotografias tiveram um papel importante, pois ao relacionar a mudança de cenário do rural para o urbano coube discutir como foi realizada a travessia para a cidade de Manaus. A fotografia, de acordo com Justo e Vasconcelos (2009), é o ponto de partida para a construção de uma comunicação que tem permitido a ampliação das possibilidades enquanto campo afetivo e transmitir por meio da imagem torna-se uma experiência particular e que vem sendo cada vez mais usada em pesquisas qualitativas em psicologia.

Ademais, foi solicitado que cada participante produzisse duas fotografias que foram tiradas pelos mesmos com o objetivo de representar a travessia da comunidade para universidade, que foram usadas ao longo da descrição dos resultados e da discussão dos

dados. Com isso, o intuito do uso dos instrumentos mencionados foi de promover reflexão aos participantes e propor uma maior qualidade da análise e descrição dos dados.

#### **4.5 Procedimentos de coleta**

O processo de coleta de dados desta pesquisa foi dividido em 4 etapas, sendo:

A primeira etapa teve como ponto inicial a aproximação com o campo, por intermédio da disciplina de Atenção Integral à Saúde (AIS), ofertada na Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA), na qual realizei o primeiro estágio em docência para alunos do 1º período dos cursos de medicina, odontologia e enfermagem. A turma tinha como particularidade ser composta por alunos advindos do interior do Amazonas que era formada uma vez ao ano na universidade. Essa aproximação visou a observação de jovens ribeirinhos e o funcionamento da turma ao longo do semestre letivo.

Foi possível perceber por meio dessa observação que não havia nenhum estudante ribeirinho apesar da turma ser de alunos dos interiores do estado. Já a integração como membro da Liga Acadêmica de Saúde das Populações do Campo, Floresta e das Águas (LASPFLOA), no qual estudantes dos referidos cursos participam e realizam ações em comunidades ribeirinhas, foi de suma importância, pois possibilitou acesso a estudantes de vários períodos e cursos dos quais eram o foco desta pesquisa, além de possibilidades de divulgação da pesquisa.

Na segunda etapa, considerando a finalização da construção do projeto de pesquisa, o mesmo foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (CEP-UFAM) para avaliação, já tendo em mãos o termo de anuência assinado pelo gestor da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA). A fase de submissão ao CEP se faz essencial em toda pesquisa com seres humanos, pois de acordo com Ribeiro e Ferreira (2016) toda pesquisa envolvendo seres humanos precisa obrigatoriamente ser submetida ao CEP para avaliação de sua viabilidade e, para atestar seu caráter ético e legal. Com isso, após um período de aproximadamente dois meses, houve a aprovação por meio do CAAE de nº 81181924.1.0000.5020 e nº 6.964.299.

Partindo para a terceira etapa, realizou-se a escolha dos participantes seguindo os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Dentre os critérios de inclusão constavam: 1) Estudantes advindos de comunidades ribeirinhas; 2) Estudantes da área da

saúde matriculados na Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA); 3) Maiores de 18 anos até 25 anos independentemente do período do curso de graduação. E exclusão: 1) estudantes que não se reconheçam como ribeirinhos; 2) Estudantes que não sejam dos cursos de medicina, odontologia e enfermagem; 3) Participantes que não estejam engajados na participação das etapas de coletas de dados, faltas nos encontros e desinteresse na pesquisa e, 4) Participantes que excedam a faixa etária de 18 a 25 anos.

Para poder acessar esse público, utilizou-se a técnica *snowball* (bola de neve), para isso foi elaborado um formulário com o auxílio do *Google Forms* para que juntamente com os alunos da turma de AIS na qual houve a aproximação inicial e os integrantes da Liga Acadêmica de Saúde das Populações do Campo, Floresta e das Águas (LASPFLORA) pudessem divulgar e/ou participar da referida pesquisa. O formulário consistiu inicialmente no aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE) e objetivos da pesquisa sendo seguido de 21 (vinte e uma) perguntas sobre o perfil dos entrevistados que posteriormente serviu para triagem de acordo com os critérios de inclusão dessa pesquisa.

O formulário, ao ser divulgado por meio da Liga Acadêmica de Saúde das Populações do Campo, Floresta e das Águas (LASPFLORA), teve um total de 15 (quinze) respostas. Após a apuração do perfil dos estudantes que responderam ao mesmo, desse quantitativo, 2 (dois) foram excluídos por não atenderem a idade estabelecida nos critérios de inclusão e 6 (seis) por falta de resposta nas tentativas de contato. O contato com os participantes se deu por meio do envio de mensagem de texto pelo aplicativo *WhatsApp*. Como já havia uma apresentação breve por meio do formulário, foi necessário apenas marcar o dia e horário com os estudantes e assim foi feito. Cabe ressaltar que os estudantes que não responderam ao contato inicial pelo *WhatsApp* também foram contatados por Email, sem sucesso e não foram inseridos na pesquisa.

A quarta etapa consistiu na entrevista individual. Foram realizados 3 encontros para a coleta com os 5 participantes. Nesse processo, contamos com uma auxiliar de pesquisa, aluna de enfermagem que se voluntariou para tal atividade e foi de suma importância ao longo da coleta de dados. Cada entrevista durou em média 50 (cinquenta) minutos e foram realizadas no Espaço de Atendimento Psicossocial da Universidade do Estado do Amazonas (EPSICO/UEA) no período de novembro a dezembro de 2024. Após o período de coleta de dados, partimos para a organização dos dados, transcrição e análise.

#### 4.6 Procedimento de Análise dos dados

Após a coleta de dados iniciou-se a fase de análise de dados. A mesma foi realizada através da Análise Temática (AT) que busca analisar códigos que se repetem entre os participantes a fim de elencar as semelhanças entre os discursos. Braun e Clarke (2006) defendem a flexibilidade no processo de análise que abrange pesquisas dentro e fora da psicologia, sendo seguidas as 6 (seis) etapas propostas pelo método: 1) familiarização dos dados; 2) gerações de códigos iniciais; 3) busca de temas; 4) revisão dos temas; 5) definição e nomeação dos temas e, 6) produção de um relatório. Dias e Mishima (2023) sustentam que um tema pode possuir inúmeros códigos e cabe ao pesquisador expertise e afinidade com os dados obtidos.

No primeiro momento, classificada como familiarização com o tema, foi realizada a transcrição dos dados e a leitura e releitura dos mesmos para que fosse estabelecida uma ideia inicial dos possíveis códigos. Já na geração de códigos iniciais o intuito foi observar e codificar trechos que dialogassem com os objetivos da pesquisa. Cada código foi associado a um aspecto relevante para atender aos objetivos desta pesquisa e, por isso seguir a sequência estabelecida por Braun e Clarke (2006) passo a passo garante melhores resultados. O diário de campo auxiliou nesse processo, pois foram anotadas observações que iam surgindo ao longo das entrevistas e após, justamente com o intuito de utilizar nesse momento da análise. Tal processo se mostrou eficaz para aprofundamento da discussão proposta.

No segundo momento, que consistiu na geração dos códigos iniciais, ocorreu a busca por temas para que fosse possível a construção de um roteiro para análise a fim de identificar se os códigos estabelecidos e os temas propostos estavam dialogando. Nesta etapa, primeiramente dividimos em formato de texto as falas por meio de cores de modo a observar ao final as semelhanças e gerar os códigos a partir disso. Após essa observação, contamos com o auxílio de uma planilha para transferir as falas dos participantes que foram marcadas com cores para grupos nos quais existia semelhança. No decorrer desse processo foi possível organizar as falas de maneira visual com o auxílio das cores e identificar de forma mais assertiva os pontos principais.

Partindo para o terceiro momento da análise temática de busca por temas, foi necessário um cuidado na escolha dos temas principais, visto que muitas possibilidades foram surgindo. Essa análise crítica foi possível com maior rigor por termos como

embasamento toda a construção desde o roteiro de entrevistas para que as informações escolhidas fossem direcionadas e a partir disso, com a combinação das falas para a geração dos temas foi possível traçar uma linha de possíveis temas que fossem coerentes com a proposta desta pesquisa.

Ao passar para etapa de revisão dos temas, foi necessário um refinamento dos temas de modo que fizessem sentido entre si, para além disso realizamos também o mesmo refinamento nas falas. Não sendo possível incorporar todos os relatos na construção do relatório, essa escolha foi baseada nos objetivos iniciais da pesquisa, bem como na busca de conexões de tais falas para que a construção do mapa temático fosse feita de modo claro. No final desse processo, obtivemos todos os refinamentos e a construção do mapa temático.

No quarto momento, denominado como definição e nomeação dos temas foi feita a construção do mapa temático, bem como a definição dos temas e subtemas foram organizadas de uma maneira que entendemos ser coerente para o andamento e finalização do processo da análise temática. Cada tema escolhido e seus subtemas tiveram a finalidade de abranger de forma coerente a essência da fala dos entrevistados e organizá-las de forma técnica para que pudessem ser trabalhados na última etapa.

Por fim, a construção do relatório teve como propósito articular os dados coletados com a literatura científica, promovendo robustez à análise. A escrita final buscou não apenas apresentar os resultados de forma sistemática, mas também oferecer ao leitor elementos que favorecessem a compreensão e o convencimento sobre os temas abordados. Mais do que transcrever dados, a intenção foi contribuir com as discussões em torno do acesso e da permanência de jovens universitários ribeirinhos, ampliando o diálogo sobre os desafios enfrentados por essa população no ensino superior.

#### **4.7 Aspectos éticos e análise crítica da pesquisa**

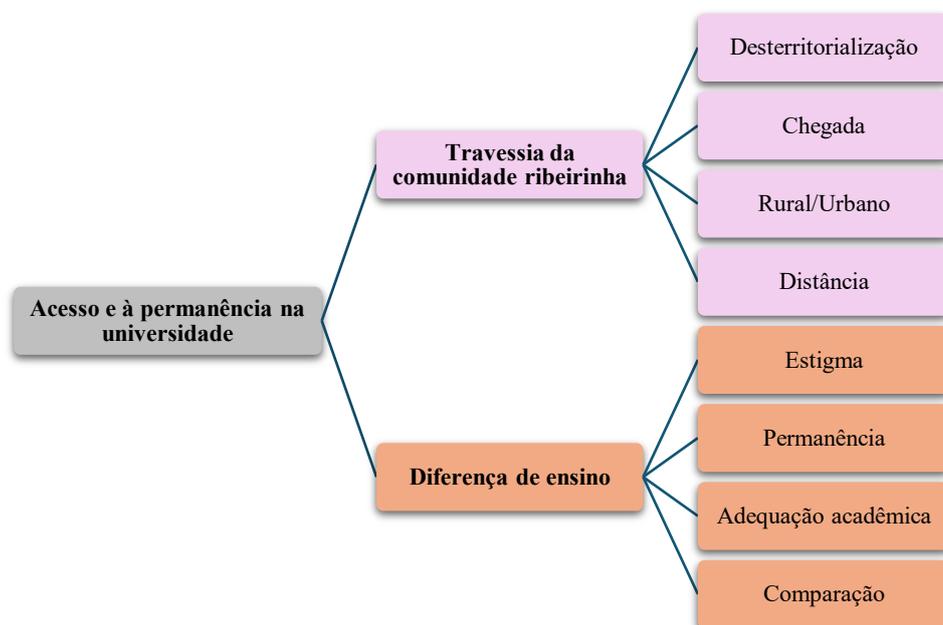
Levando em consideração as exigências propostas pelo Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, no IV cabe ao pesquisador respeitar a dignidade humana e disponibilizar o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante, deixando claro o voluntariado bem como os riscos e benefícios da pesquisa. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM), sob o CAAE de nº 81181924.1.0000.5020 e parecer de aprovação de nº 6.964.299. Sendo atestado a

confidencialidade dos relatos e dados obtidos como princípios éticos fundamentais conforme destaca a resolução nº 466. Garantindo ao longo do processo que os aspectos éticos fossem bem estabelecidos e acordados com os participantes e seguidos pela pesquisadora.

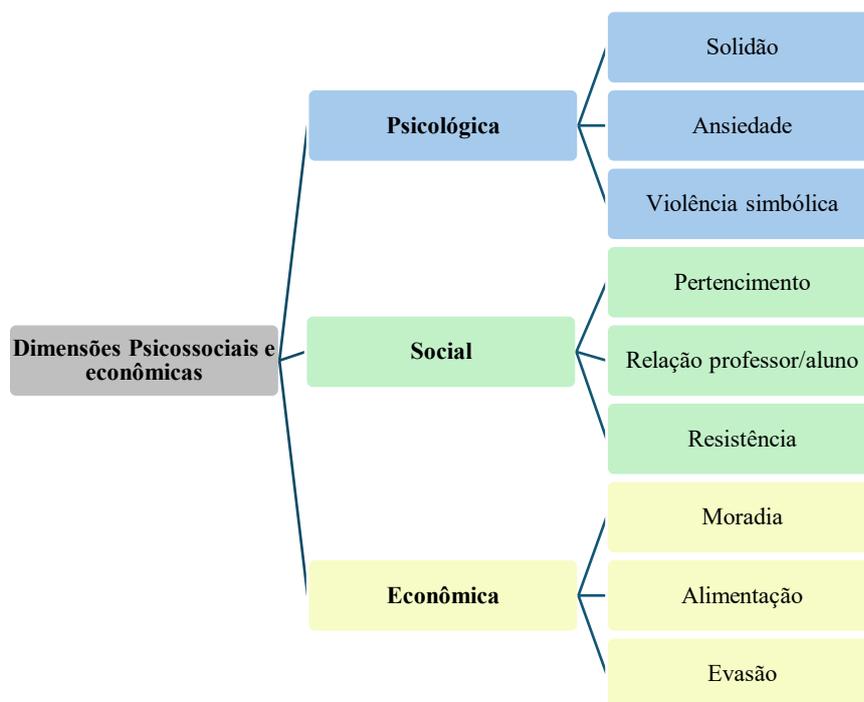
## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção busca apresentar os dados analisados, bem como uma discussão acerca das seções temáticas. Os resultados aqui foram apresentados de forma sucinta por meio de três mapas temáticos que englobam os principais achados dos três capítulos aqui descritos. O mapa 1 discorre sobre o acesso e a permanência na universidade, bem como seus atravessamentos, o mapa 2 apresenta as dimensões psicossociais e econômicas decorrentes da travessia para o ensino superior e, por último o mapa 3 apresenta a importância da rede de apoio no cotidiano universitário e suas nuances.

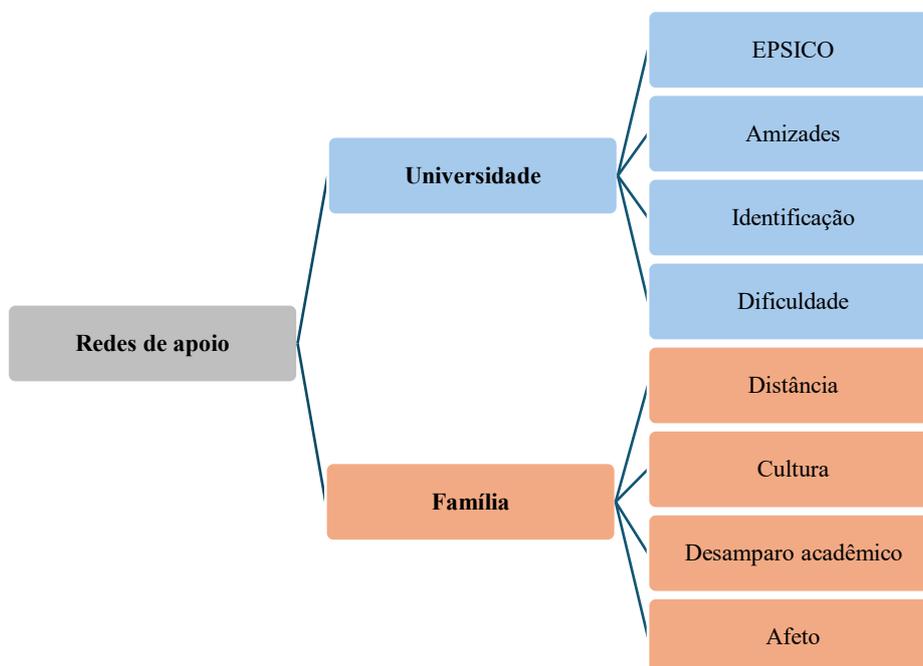
**Figura 2-** Mapa temático 1: Acesso e permanência na universidade



**Figura 3-** Mapa temático 2: Dimensões psicossociais e econômicas



**Figura 4-** Mapa temático 3: Redes de apoio



### 5.1 Entre o rio e o concreto: narrativas de acesso e permanência no ensino superior público

Este capítulo retrata a vivência de jovens ribeirinhos ao saírem de seus locais de origem em busca de oportunidades no ensino superior, mais especificamente os estudantes da área da saúde. Ao recapitular o conceito de ‘ribeirinho’, de acordo com

Sousa (2017), está diretamente ligada ao rio, à construção da identidade de um ribeirinho, à relação em torno das águas e do que a mesma provém e as casas na beira dos rios. Ao encontro desse pensamento, Fernandes e Moser (2021) direcionam o conceito de ribeirinho para uma herança de conhecimentos herdada dos indígenas enquanto seu modo de vida a partir da pesca, extrativismo, caça e o manejo do território no qual está inserido e, a sua relação com a floresta e rios caracteriza a realidade vivida.

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2019), nas Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(os) com Povos Tradicionais, os ribeirinhos estão classificados como parte dos povos e comunidades tradicionais aprovados pela Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT) a partir do decreto de nº 6.040/2007. Esta foi uma importante conquista para essa população historicamente invisibilizada. As referências técnicas definem esses indivíduos como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução [...]” (Conselho Federal de Psicologia, 2019 p. 29).

Tendo em vista o senso de pertencimento proporcionado pela comunidade, é possível observar variações territoriais que distinguem esses grupos. As chamadas comunidades tradicionais, por exemplo, são constituídas em territórios que mantêm uma relação direta com a natureza e dialogam com outros grupos inseridos nesse mesmo contexto. Além disso, essas comunidades estabelecem vínculos e funções com a cidade, construindo uma relação próxima, embora marcada por modos de vida distintos. Vale destacar que as comunidades tradicionais são reconhecidas e regulamentadas pelo Decreto nº 6.040/2007 (Moraes *et al.*, 2017).

Na Amazônia, as comunidades ribeirinhas ocupam um território relevante. Os ribeirinhos desempenham papel fundamental na constituição e manutenção dessas comunidades, mobilizando saberes técnicos que refletem uma forte ligação com a natureza e os conhecimentos que dela emergem (Lira; Chaves, 2016). Por serem lugares de afeto, as comunidades ribeirinhas também podem ser compreendidas a partir do conceito de lugar, conforme proposto por Santos (1996). Para o autor, lugar é um conjunto de fatores que definem o espaço, o qual se modifica a partir da paisagem, esta é entendida como um conjunto de formas ou objetos reais e concretos que não mudam de posição.

Ainda segundo Santos, o espaço ganha significado à medida que a sociedade interfere nessas formas, transformando a função dos objetos.

As diferenças culturais e a reestruturação da identidade vivenciadas por jovens ribeirinhos ao realizarem a travessia para o espaço urbano, em busca do ensino superior, configuram um processo complexo, marcado por aspectos psicológicos e sociais. Para compreender essas transformações, recorre-se à psicologia rural, que oferece subsídios teóricos para analisar as mudanças identitárias relacionadas ao território de origem (a comunidade ribeirinha) e ao território de chegada (o centro urbano). Esse deslocamento, com todas as suas tensões e adaptações, pode ser metaforicamente comparado ao encontro das águas dos rios Negro e Solimões: um processo improvável, mas inevitável.

A partir disso, esta seção está estruturada na análise de quatro dimensões relacionadas a travessia dos jovens universitários ribeirinhos para o ensino superior público: 1) Mudança de território e adaptação; 2) influência da diferença do ensino básico e competição acadêmica; 3) acesso ao ensino superior e; 4) permanência no ensino superior. Para isso, utilizamos a análise temática (Braun; Clarke, 2006) para identificar padrões nas narrativas de 5 participantes levando em consideração, idade, curso, período do curso e local de origem.

### **5.1.1 Entre rural e o urbano: A travessia e a desterritorialização dos universitários**

O rural foi caracterizado por conceitos que dependem do momento histórico e país no qual é pesquisado, mas se assemelha em ambos por estar atrelado ao urbano. Autores como Souza e Klein (2019), pontuam a dicotomia entre esse rural e o urbano demonstrando complementariedade e, descrevendo o rural como “[...] áreas de um continuum: menor densidade demográfica, menor diferenciação social, menor mobilidade social; agricultura como ocupação principal; posse da terra como o centro convergente do sistema político-econômico” (p. 5).

Já Ximenes e Moura Jr. (2013), enfatizam que um ponto forte do rural são as comunidades que possuem configurações específicas, marcadas por casas que, em sua maioria, são distantes umas das outras. No entanto, a solidariedade é um aspecto notável nas relações além do reconhecimento uns dos outros dentro da comunidade. Nina (2014) destaca que pensar o rural, principalmente amazônico é levar em consideração as relações socioespaciais, bem como as particularidades da região, ambos possuem direta relação

expressando modos de vidas e valores. Confirmando tal afirmação, Calegare (2015) observa que o rural e urbano estão sempre em constante ligação e não é possível separá-los, mesmo que o rural seja associado ao campo e a agricultura e o urbano a cidades, indústrias e desenvolvimento, sugerindo um modelo a ser seguido.

Nesse sentido, a importância da psicologia rural se dá pela necessidade de mudança no campo de atuação, pois o Brasil em seu processo histórico envolvendo a psicologia e os povos tradicionais que residem nas áreas rurais. O Brasil é caracterizado, de acordo com Fernandes, Gonçalves e Silva (2022), como um país urbanizado que não representa os locais rurais encontrados em torno dos estados, mas que estão em constante relação. E, a psicologia em comunicação com o rural vem construindo uma relação entrelaçada com os modos de vida envolvendo a natureza e tornando-se menos antropocentrada.

Em um estudo sobre a psicologia rural realizado por Landini (2015, p. 22, tradução nossa), é destacado que “a necessidade de uma psicologia rural já não segue a linha de que é preciso investigar, a partir da psicologia, as especificidades do rural, mas sim que a própria psicologia é, em si, uma ciência urbana.”, a discussão do modelo urbanizado perpetuado em ambientes rurais é comum e, a consolidação de uma prática que privilegia técnicas pertinentes a cada local e sujeito torna-se indispensável.

Ao mencionar o rural, é importante demarcá-lo também como um local geograficamente afastado do urbano que abrange as populações consideradas tradicionais, mas que está em uma relação direta com a cidade. De acordo com contexto histórico, as cidades são centros industriais que carregam o poder econômico e por isso são colocadas como padrão a ser seguido. A psicologia, enquanto ciência e profissão, nos estudos acerca do rural, vem desarticulando tal pensamento e desenvolvendo um modelo crítico sobre a atuação nesses contextos. (Martins *et al.*, 2010; Araújo, 2012).

Ao entrevistar os estudantes que são de origens ribeirinhas e, conseqüentemente, rural, foi possível perceber que a distância do território rural é relatada como uma das principais dificuldades enfrentadas na mudança para a cidade de Manaus para cursar o ensino superior. Dos 5 entrevistados para esta pesquisa, 3 participantes mencionaram o choque territorial vivenciado. Ao ser questionado sobre as principais diferenças percebidas na mudança da comunidade, a ribeirinha Samaúma enfatiza que “*Foi triste. A natureza. A terra. As plantas. E aqui é só um quadrado. Preso. Dentro de apartamento*”. Essa fala revela uma perda do senso de pertencimento, uma desterritorialização

vivenciada pelo processo de travessia o que está diretamente ligado ao processo de territorialidade.

A participante que atualmente está cursando odontologia continua afirmando que se tratando de território “[...] *é muito diferente lá daqui. Lá eu tinha família, tinha para onde ir, natureza, tinha hobby aqui é só faculdade, leitura, caderno, tablet, internet, essas coisas* (Samaúma)”. Quando falamos sobre território e sua consonância com a territorialidade, Santos (2005) destaca um local geograficamente estabelecido que revela o lugar no qual o sujeito está inserido e, o autor complementa afirmando que

O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede: São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalidades diferentes, quiçá divergentes ou opostas (Santos, 2005, p. 8).

A fala da participante demonstra a diferença que foi percebida e que está negativamente presente, mesmo o ensino superior tendo sido uma escolha. A vivência de uma comunidade ribeirinha reproduz o senso comunitário que acaba sendo o mantenedor dos aspectos psicossociais nas comunidades. Tal fala é reafirmada por Jatobazeiro:

Primeiramente eu senti quando eu vi que eu tive que me deslocar de um município para poder vir para cá. Então tem que ter toda uma coisa de psicológico, porque a gente acaba sendo acostumado a viver de uma maneira e aí vindo para cá, a gente já tem que se adaptar de uma nova forma (Jatobazeiro).

As diferenças culturais encontradas entre o rural e urbano, principalmente nas formas de interação, considerando que os ribeirinhos têm fácil acesso ao rio, são aspectos pertinentes observados na fala de Jatobazeiro. Para além, o mesmo cita o fator psicológico que está diretamente associado à ruptura cultural enfrentada por esses jovens no processo de travessia. Embora urbano e rural estejam interligados, os costumes, modos de vida e a relação com a comunidade são vivenciados de formas distintas em cada contexto, assim como as paisagens que os compõem. Essa diferença é evidenciada no relato do participante e na imagem por ele enviada, que ilustra de forma concreta sua percepção.

**Figura 5-** Vista da casa de Jatobazeiro em sua comunidade de origem



Fonte: Jatobazeiro (2024)

Dessa forma, a desterritorialização relaciona-se diretamente com o processo de adaptação à urbanidade. Haesbaert e Bruce (2009) afirmam que o conceito de desterritorialização é sempre acompanhado pela reterritorialização, esse processo acontece quando inicialmente quando se deixa um território de origem e surge a necessidade de se adequar a um novo. Com isso, quando o estudante ribeirinho precisa realizar a travessia para cursar o ensino superior, o processo de desterritorialização acontece por deixar seu local de origem e em seguida faz-se necessário a reterritorialização para com a cidade, processo esse que envolve dificuldades constantes dadas as diferenças territoriais.

Partindo disso, Calegare (2023), trazendo para os processos psicossociais, envolve tanto o urbano quanto o florestal e que, embora se comuniquem, apresentam formas distintas de interação. Essa diferença é marcada pelas experiências concretas e imaginárias dos habitantes desses territórios. Por exemplo, um morador da capital Manaus (cidade para a qual os universitários se deslocaram) vive concretamente a realidade urbana, mas pode imaginar a vivência na floresta. Da mesma forma, um

ribeirinho, como ilustra o autor, tem uma vivência direta com a floresta e apenas imagina a experiência urbana. Castanheira reforça essa perspectiva ao afirmar:

Eu acho Manaus uma cidade difícil de viver por conta do transporte, por conta do... do tráfego em si. É caótico. As pessoas também. Elas são muito frias, eu acho. Distantes assim, humanamente falando, das outras, elas podem ver uma pessoa sendo ali morta, sendo agredida e simplesmente ficar na sua e não se revoltar com aquilo. E para mim, sair da minha cidade, que é cheia de rios e parentes também, que tem meu coração, que é bem tranquila também, para cá (Castanheira).

A questão da mobilidade urbana também é pontuada por Jatobazeiro:

Quando eu vim para cá, eu tive que me adaptar, principalmente por conta da... da locomoção. Da minha casa até aqui a UEA, porque eu não era acostumado a andar de ônibus, porque lá no meu município não tem ônibus e trânsito, essas coisas (Jatobazeiro).

Por meio da fala dos dois estudantes, é possível perceber a estranheza ao se deparar com a realidade cotidiana vivenciada nas cidades, este é um fator que está entrelaçado com o social, mas também com o psicológico ao levar em consideração a falta de afeto, conforme relata Castanheira, ao mencionar a frieza sentida pela mesma em relação às pessoas da cidade, bem como a falta do acesso facilitado ao rio. A travessia vivenciada pelos jovens de forma não estruturada causa sofrimento e dificuldade de adaptação que não se resume aos portões da universidade, mas a vida fora deles, envolvendo ao mesmo tempo o manejo da saudade, da logística de locomoção e de maneira geral, da própria rotina universitária.

A dicotomia entre rural e urbano, especialmente no que se refere aos costumes e modos de vida, é evidenciada no relato de Samaúma, ao comentar sobre as diferenças culturais vivenciadas na universidade: “*É diferente. Cultura, principalmente. Na minha terra é diferente. E aqui a tradição é outra, digamos assim.*” Essa fala ilustra um processo de transição identitária marcado por tensões e transformações subjetivas. Conforme Ciampa (1987), a identidade não é algo fixo, mas um processo em constante metamorfose, construído nas relações sociais e históricas. Nesse sentido, o estudante ribeirinho, ao migrar para o ambiente urbano-universitário, vivencia um confronto entre modos de ser

e estar no mundo, incorporando elementos tanto do seu território de origem quanto do novo contexto em que está inserido.

Essa vivência gera uma espécie de prova identitária, marcada por estranhamentos, ressignificações e, por vezes, pela sensação de desterritorialização. É necessário, portanto, evitar a idealização do sujeito ribeirinho e, em vez disso, reconhecer a complexidade desse processo migratório, que envolve perdas, conflitos e adaptações. Cabe também problematizar o papel da universidade nesse cenário, a ausência de ações sensíveis às especificidades culturais e sociais desses sujeitos podem agravar sentimentos de exclusão e dificultar sua permanência no ensino superior.

### **5.1.2 Da canoa a sala de aula: o preço invisível da distância**

O território ribeirinho, tem como principal característica o rio e a íntima relação de seus moradores com a floresta, bem como os recursos que dela vem. Partindo disso, Trindade e Trindade Jr. (2012) pontuam que a forte relação com a natureza em comunicação com o que os mesmos chamam de ‘cidade ribeirinha’, caracteriza a forte influência do fluvial como meio de transporte principalmente para entrega e compra de suplementos. Sendo o fluvial a forma de se locomover em territórios ribeirinhos, as canoas, barcos e balsas são de suma importância tanto para o transporte de insumos quanto para o acesso a saúde como pontuado por Medeiros, Schweickardt e Martins (2025). Os autores colocam as canoas rabetas (embarcações fluviais utilizadas como meio de transporte em comunidades ribeirinhas), como as mais comuns dentre os moradores para meio de transporte seguida pela lancha e para viagens mais longas os barcos.

Sabendo que as embarcações fluviais são comuns em comunidades ribeirinhas, os estudantes que se mudam para cidade de Manaus para cursar o ensino superior realizaram essa travessia por meio de barcos de recreio ou lanchas. Estes são caracterizados por serem embarcações de grande porte que “[...] não transportam apenas mercadorias e insumos para os cuidados em saúde, eles carregam diferentes passageiros como aqueles que vão visitar os familiares, fazer compras e realizar atendimento em saúde na capital” (Medeiros, Schweickardt e Martins, 2025 p. 8). Esta é a forma mais econômica no território amazônico de acessar a cidade, tanto que dos cinco estudantes entrevistados todos passaram por esse processo de travessia e passam sempre que tem a oportunidade de voltar aos seus locais de origem.

Apuizeiro, ao ser questionado sobre a distância que o mesmo leva na forma como acessa a universidade, fala que *"É mais ou menos 26 horas pra chegar em Manaus"* e complementa afirmando que no que tange às formas de transporte para ir até a cidade de Manaus *"o mais acessível pro pobre é o barco, mas tem aviões também. Só não tem rodovia"*. Esta fala demonstra que as viagens não são rápidas, e além de cansativas, demonstram as dificuldades enfrentadas por esses estudantes, sendo possível a volta para casa somente em períodos de férias. Cabe levar em consideração que Apuizeiro foi um estudante entrevistado enquanto estava voltando para seu local de origem dentro de um barco de recreio.

**Figura 6-** Imagens da travessia de barco de Manaus/AM até Barcelos/AM



Fonte: Apuizeiro (2024)

O estudante de enfermagem complementa dizendo que teve uma breve aproximação com estudos que abordam questões sociais e destaca seu interesse em observar a vivência do acesso à universidade, afirmando: *“eu parei pra estudar pouco sobre sociologia. Descobri que a única maneira do pobre ascender socialmente é estudando. É a única, ou estudando ou trabalhando muito”*. Essa fala se aproxima com o que Abreu e Ximenes (2021) trazem quando discutem acerca do psicossocial envolvendo a assistência estudantil. As autoras especificam o fator da pobreza que ultrapassa a obriedade do financeiro, mas entendendo que há múltiplas dimensões como a desigualdade do acesso à educação, saúde, lazer, moradia dentre outras oportunidades.

Nota-se que o fator da economia dos barcos agrega bastante na decisão de ida ou vinda para capital conforme Jatobazeiro discorre: *“E é distante assim. Não tem uma estrada que ligue lá aqui a Manaus. Então é 24 horas de barco, ou então 01h40 de avião. Só que fica mais acessível. O valor vem de barco, sai mais barato. Então eu vim de barco.”* Percebe-se que o desafio do acesso ao ensino superior começa bem antes do primeiro dia de aula na universidade para estudantes ribeirinhos, tanto que ao ser questionado sobre a escolha da universidade e mais precisamente a ESA/UEA, Jatobazeiro fez questão de explicar que a universidade pública que é referência na área da saúde no Amazonas sempre foi um sonho, além disso o universitário destaca que:

Tem uma, tem uma faculdade lá, só que ela é particular. Só que o ensino não é bom. Então, para mim não compensava ir lá. Tinha enfermagem nessa faculdade particular. Só que para mim não compensava estudar no particular e ser um... um profissional depois que eu me formasse não tão bom quanto eu acho que eu vou ser estudando aqui, na UEA (Jatobazeiro).

O tópico da qualidade do ensino foi citado também por Maçaranduba: *“é porque a motivação é que não tinha curso lá, A UEA de lá, não tem a área da saúde. Então, tipo, eu tinha que me deslocar de qualquer forma, se eu quisesse buscar um sonho de cursar a saúde, aí então foi isso”*. Tal processo poderia ser facilitado com a interiorização das universidades, esta é uma política já existente que visa abertura de universidades públicas nas cidades do interior, no entanto, os cursos ofertados geralmente são de baixa adesão ou não condizem com a realidade do interior no qual está inserida. No estado do

Amazonas é de suma importância essa interiorização para que surjam oportunidades para que ribeirinhos possam acessar um ensino superior público, dado o seu contexto de diferenças no ensino e renda para ingressarem em tal realidade, além da possibilidade de formar profissionais que entendem a cultura da vida ribeirinha e podem posteriormente contribuir para o desenvolvimento do local (Reis *et al.*, 2021).

Não obstante, além dos fatores emocionais que envolvem a travessia de ribeirinhos o fator do nível das águas, processo natural da região norte conhecido como: cheia e vazante, influencia na distância de determinados interiores, Castanheira explica que:

Quando está cheio, são 26 horas. Salvo engano, são daqui de Manaus para lá. São quase 400, 400 quilômetros, eu acho. E quando está mais seco, demora bastante. Muito mesmo. Eu acho que eu tive essa experiência da estiagem agora, na época das eleições, a gente passou. [...] Eu acho que foram mais de 32 horas porque o barco encalhou numa região que eles não sabiam que estava tão seco assim. Mas de lancha chega no mesmo dia, a gente sai daqui umas 03h00 e chega lá por volta das 20h/ 21h (Castanheira).

A fala de Castanheira evidencia que a distância geográfica no acesso ao ensino superior é a primeira barreira enfrentada pelos estudantes no processo de travessia do local de origem aqui em específico do rural/ribeirinho para o urbano. Percebe-se que para além da barreira territorial, o fator psicológico bem como natural do ciclo das águas pode interferir de forma direta nessa construção de ascensão social.

## **5.2 Acesso à universidade e a armadilha educacional: Como as desigualdades no ensino condicionam a travessia do ribeirinho para o ensino superior**

Esta seção temática destina-se a enfatizar como a diferença no ensino básico para o ensino superior, levando em consideração o contexto no qual os estudantes se encontram. Destarte, se tratando da educação básica de jovens ribeirinhos essa realidade é perpassada pelo ciclo dos rios de cheia e seca. Dito isso, aqui serão apresentados 3 pontos principais: a travessia para o ensino superior; a diferença de ensino que rege o acesso desses jovens ribeirinhos a universidade e o acesso propriamente dito à

universidade. Levando em conta as diferenças culturais, educacionais e regionais nesse processo.

### **5.2.1 A defasagem do ensino ribeirinho como barreira invisível na universidade**

Pesquisas que abordam as questões educacionais em contextos rurais são fundamentais para compreender as necessidades específicas dos sujeitos que vivem nesses territórios. Embora haja avanços na educação em áreas rurais, a formação superior permanece pouco adaptada a essas realidades, sendo frequentemente estruturada a partir de interesses da capital e desconsiderando as transformações e demandas das populações do interior (Gentil; Calegare, 2023). As dificuldades no acesso à educação começam já no ensino básico, especialmente nas comunidades ribeirinhas, onde os desafios enfrentados são mais acentuados do que aqueles vivenciados por estudantes das periferias urbanas.

Araújo *et al.* (2024) destacam em uma pesquisa realizada em uma escola de ensino básico no interior do Amazonas que o avanço das tecnologias já permite o curso do ensino médio a distância, mas o acesso à internet que é somente na escola, dificulta a aprendizagem. Os autores constataram, por meio da pesquisa, que os alunos ribeirinhos enfrentam diversas limitações antes mesmo de ingressarem no ensino superior. Em sua maioria, esses estudantes não têm acesso à energia elétrica, internet ou transporte escolar adequado que, quando disponível, depende de embarcações como barcos ou canoas rabetas. Esse deslocamento, por sua vez, é profundamente afetado pelas condições naturais, como chuvas intensas, banzeiros e outros fenômenos ambientais. Tais fatores revelam uma desvantagem estrutural que antecede o próprio acesso à universidade (Araújo *et al.*, 2024). Apuizeiro ressalta estes aspectos em sua experiência ao chegar no ensino superior:

Eu acho, a respeito disso, que frente às pessoas da capital, me senti muito burro de verdade. E no interior, assim, no meu contexto de todo o ensino médio, eu sempre fui um bom aluno. Sempre consegui atingir as expectativas que os professores colocavam ali sobre a gente. Eu e basicamente minha turma inteira de ensino médio e fundamental. E assim chegar na escola e se deparar com seu primeiro zero por culpa de às vezes professores não... não terem uma boa metodologia de ensino é complicado e ver outras pessoas tirando dez assim, por terem tido

uma base sólida, uma base, bem melhor, pelo menos de... de questões científicas, é uma coisa que às vezes é até humilhante. Dói muito sabe! (Apuizeiro).

A fala de Apuizeiro evidencia, na prática, as desvantagens enfrentadas por estudantes ribeirinhos ao acessarem o ensino superior. Essa realidade expõe a fragilidade das políticas públicas em garantir um ensino básico que prepare adequadamente esses jovens para a universidade. Além disso, os impactos dessa lacuna repercutem diretamente no psicológico e na autoestima dos estudantes. Esse atravessamento torna-se ainda mais intenso quando se considera que o ambiente universitário, especialmente nos cursos da área da saúde, é marcado por uma forte competição acadêmica e pela constante pressão por desempenho. O que não difere do relato de outros entrevistados como Jatobazeiro:

Eu vi uma dificuldade maior, porque eu não tinha uma base, eu não sabia estudar. Quando eu cheguei aqui, eu vi aqui como eu estudava para o vestibular. Não era como as pessoas que moravam aqui na capital tinham esse acesso a educação mais amplo e de forma mais. Assim, eles tinham um aprendizado. Na minha concepção, eles conseguiram ter esse acesso à educação e métodos de aprendizagem (Jatobazeiro).

Nota-se que enquanto alguns estudantes urbanos chegam à universidade com anos de preparação em cursinhos e escolas bem equipadas, ribeirinhos enfrentam um abismo pedagógico que começa na infância e se agrava no ensino médio. Tanto que dos cinco entrevistados, todos citaram a questão da diferença de ensino como um impacto negativo no ensino superior, bem como relatando como essa diferença de ensino os coloca em situações de humilhação social. Com isso, essa é uma realidade vivenciada por povos tradicionais ao que demonstra Gomes (2024) ao estudar o acesso e permanência de mulheres indígenas na universidade pública, mesmo sabendo que existem particularidades que diferem os ribeirinhos dos indígenas, notam-se as mesmas dificuldades no que tange a educação básica e o acesso ao ensino superior.

Jubé, Cavalcante e Castro (2016, p. 3), utilizam a base de Bourdieu para explicar as implicações das desigualdades educacionais bem como a exclusão decorrente deste fator: “a violência simbólica ocorre no meio educacional na medida em que exclui o aluno que não se enquadra nos padrões impostos pela instituição educacional, logo deixando-o às margens do processo, o que, posteriormente, o leva ao desestímulo e finalmente à

exclusão”. Esse conceito legitima as entrevistas dos universitários oriundos de comunidades ribeirinhas lhes causando sofrimento social e emocional, além da sensação de inferioridade como na fala a seguir:

E a gente que é do interior a gente não tem uma base assim muito forte de de questão científica. Enquanto o pessoal que tá na capital é assim, o pessoal quer colocar a gente no mesmo nível e não dá, não dá, não é possível. É uma disparidade muito grande (Apuizeiro).

É possível perceber que há semelhança nos relatos dos estudantes mesmo que estes estejam em cursos e períodos diferentes. As falas demonstram que o fator de diferença de ensino é uma dificuldade que antecede o acesso ao ensino superior e para além, escancara uma falta no ensino básico que influencia nas oportunidades dos sujeitos. Sawaia (2009) ao discutir como as desigualdades influenciam uma sociedade traz que a subjetividade é capaz de determinar a desigualdade e a desigualdade pode determinar a subjetividade. Esse pensamento retrata a importância que a psicologia tem em tais discussões sociais que surtem efeitos, nem sempre positivos principalmente se tratando de educação e acesso.

### **5.2.2 O acesso à universidade para quem vem de longe**

A universidade enquanto território é constituída por fatores que regem tanto o acesso quanto a permanência na mesma. A presença de ribeirinhos nesse local se dá principalmente através da lei de cotas que facilita e oportuniza vagas para tal público, além do processo de interiorização das universidades que passa ser uma alternativa para que cada vez mais jovens acessem o ensino superior. Nonato e Ferreira (2023), pontuam que apesar do acesso a universidades, dada a configuração das comunidades ribeirinhas, a permanência passa ser um desafio aos estudantes englobando fatores sociais, econômicos e afetivos.

De acordo com Moura e Tamboril (2018), quando se menciona universidade vem à tona a injustiça social que remete a um “[...] privilégio para poucos” (pag. 2), no qual reflete uma realidade que apesar de ser pública torna-se limitada para alguns grupos que estão vulnerabilizados. Dentre essas localidades, destacam-se as rurais, especialmente as

situadas em pequenas cidades amazônicas. Segundo Oliveira (2004), essas regiões apresentam uma estrutura que remete ao urbano, porém com acesso bastante limitado. Na maioria dos casos, esse acesso ocorre de forma fluvial, sendo condicionado por fatores demográficos e pela presença dos rios e das florestas, que atuam como intermediadores entre o território e o porto.

Resende *et al.* (2022) afirmam que na região amazônica, faz-se necessário um olhar direcionado às particularidades da região, formada majoritariamente por povos tradicionais que em sua maioria são guiados por fatores socioeconômicos e populações ribeirinhas pelos ciclos dos rios. Os autores destacam que a democratização do ensino superior é necessária para que seja estabelecida uma equidade no acesso e permanência no ensino superior dessa população. Essa afirmação condiz com o que Jatobazeiro traz quando questionado sobre a motivação para sair de seu local de origem para cursar o ensino superior na capital:

Na verdade, não foi nem motivação, foi escolha, porque no meu município tem um acesso muito restrito da graduação, então tipo, só tem quem tem uma profissão boa e quem sai do município para estudar não tem, assim... polos de faculdades principalmente, ainda mais na UEA, que é pública, não tem no município. Então a única escolha para a gente, para a gente ter esse acesso à educação, é saindo do município e principalmente para cá, para capital (Jatobazeiro).

A entrada na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), por exemplo acontece de duas formas: Vestibular Macro e o Sistema de Ingresso Seriado (SIS). O Sistema de Ingresso Seriado (SIS) é composto por três provas anuais e consecutivas, possuindo em cada fase avaliação das competências de acordo com o ano estudado no ensino médio. Já o vestibular macro pode ser realizado por qualquer estudante que esteja devidamente inscrito e é composto por uma prova conhecimentos gerais, específicos e uma redação (Universidade do Estado do Amazonas, 2023).

Além disso, a Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA) na capital conta com um sistema de cotas que privilegia alunos que estudaram em escolas públicas e são advindos do interior do estado do Amazonas. Tanto no vestibular macro, quanto no SIS são reservadas a alunos do estado incluindo dos interiores, isso se deve a lei estadual de nº 6.898, de maio de 2024 que prevê, além dos grupos habituais pertencentes a lei de

cotas, no artigo 5º desta lei é enfatizado que estudantes do interior do estado do Amazonas terão a reserva de vagas com o intuito de contribuir com a educação e de fomentar políticas públicas de inclusão (Amazonas, 2024).

Apesar de haver leis que regem o acesso desses jovens a universidade, o acesso à informação nos interiores acaba sendo um fator para que o SIS, por exemplo não seja realizado. Dos entrevistados nessa pesquisa, todos relataram que só souberam da existência desse processo seletivo por meio de parentes ou mesmo nem tiveram a oportunidade de realiza-lo como Maçaranduba relata: *"Eu perdi acho que também o SIS, foi o SIS eu perdi, eu não sabia que tinha isso não"*. Nota-se nesse relato que apesar da política estar implementada e ser benéfica para esse público, sem que haja principalmente para locais remotos como comunidades ribeirinhas, não será possível o preenchimento das vagas por esse público. Maçaranduba complementa afirmando ainda que: *"Muitas das vezes a gente é o primeiro ainda... de ensino superior da família. Tudo isso, essa realidade diferente"*, demonstrando que há desde o acesso uma desvantagem social.

Apesar disso, o sentimento de conquista por estar realizando um sonho também deve ser levado em consideração, mesmo com os fatores sociais, emocionais e financeiros os jovens experimentam um processo de expectativa em relação a universidade bem relevante. Quando questionado sobre tal fator, Jatobazeiro com sutileza pontua que *"Minhas expectativas antes de entrar eram assim... 'Nossa, será que eu vou dar conta de fazer aquilo' E agora, chegando no final do período, eu digo que sim, eu fui capaz. Eu cheguei aqui e as expectativas continuam ainda boas para o segundo período"*.

Diante do exposto, quando os estudantes especialmente de áreas remotas conseguem acessar a universidade, dá-se início a outros desafios que estão ligados ao social e ao ambiente universitário, é sabido que dentro das universidades forma-se um espaço perpassado por construções tanto afetivas quanto intelectuais.

A importância da interiorização vai ao encontro das necessidades que os entrevistados homens pontuaram de estar próximo aos seus familiares pela necessidade de prover o sustento dos mesmos como reforçado por Maçaranduba: *"Foi duro de chegar. Até chegar aqui que eu tive que tomar aquela decisão de me manter aqui e de não voltar e trabalhar para começar a trabalhar, para me manter, para pagar o aluguel"*. De acordo com essa afirmativa, vemos que as concepções para a busca de um futuro melhor, vai além da decisão do curso para qual há o desejo de prestar o vestibular, ela se estabelece em despedidas, mudança de território e adaptação ao urbano.

Para entender o processo que rege as instituições de ensino superior no Brasil, vale resgatar que a instauração das instituições de ensino superior foi marcada pela influência portuguesa no ano de 1808 e visava o prestígio social não sendo vista como vantajosa pela elite. Conforme apontado por Martins (2002), o desenvolvimento das universidades a nível nacional foi lento e tendo o regime militar como entrave, visto que os conselhos estudantis ficavam sob vigilância e as instituições de ensino superior privadas. A interiorização do ensino superior iniciou-se em 1950, sendo relativamente nova e demonstrando o quanto o acesso a universidades é uma discussão recente.

Por conseguinte, como o processo de interiorização de universidades é um movimento importante, mas recente, os jovens que buscam cursar o ensino superior nas zonas urbanas acabam se deparando com desafios que em sua grande maioria estão relacionados com a saída de seu local de origem. A travessia para a cidade passa a ser desafiadora tanto quanto a sua permanência na universidade. Sabe-se que a juventude rural como denominado por Melo, Braga e Santana (2019), possui uma dificuldade maior para chegar até as universidades e ainda mais para se manterem na mesma. A falta de perspectiva de ascensão nas localidades rurais de acordo com os autores os faz enfrentar os desafios encontrados nos territórios urbanos corroborando com a afirmativa de Jatobazeiro e sendo complementada por Maçaranduba:

Alguns conseguiram chegar, mas muitos outros já tem filhos. Já compartilha da mesma realidade do do geral que ali sabe da questão de sobreviver, do trabalho braçal. Lavoura, sem acesso a superior nenhum. Já bem diferente da realidade (Maçaranduba).

Esses discursos representam uma parcela de estudantes que passam pela mesma situação e mesmo assim sonham em ter o ensino superior. Esses sujeitos são muitas vezes os primeiros a ter acesso a uma universidade e tem a responsabilidade de concluir, representando não somente seus sonhos, mas de toda sua família e comunidade em um território que na chegada já é regrado por desafios.

### **5.2.3 Acesso igual para oportunidades diferentes: ribeirinhos e a adaptação no acesso a ESA**

O acesso a partir da visão de Melo, Braga e Santana (2020) à universidade e o ensino de qualidade deveriam ser igualitários, ou seja, garantido para a população de

modo geral e de forma horizontal e, não privilegiando grupos que dentro de uma estrutura social detém relações que regem o poder. Tal objetivo esbarra na dificuldade de acesso que jovens rurais enfrentam e, dentro desse contexto encontram-se os ribeirinhos ao longo de sua travessia, podendo aqui destacar que uma das principais motivações para a procura do ensino superior por esses jovens é a ascensão social afim de transformar a realidade agrícola na qual estão inseridos (Bezerra, 2013).

O estudante de enfermagem Apuizeiro comenta que *“Já no começo deparei com uma... uma coisa muito elitizada aí que eu não esperava encontrar na ESA questão elitizada. E foi aí que eu percebi que a faculdade pública em tempo integral, ela não foi feita para os pobres, ela foi feita para os ricos”*. Esta é uma pontuação da psicologia social crítica inclusive, pois reforça um padrão social desigual sendo que deveria ser olhado de maneira horizontal levando em consideração o social de cada sujeito, o que não acontece com os jovens ribeirinhos no processo de acesso à universidade (Bock *et al.*, 2007).

Todos os fatores que regem o acesso à universidade remetem a uma preocupação nos estudantes que entraram antes. Ao investigar se houveram dificuldades na aproximação ou adaptação a universidade, já que a mesma dispõe de turmas anuais de alunos advindos dos interiores, Castanheira pontua que esbarrou em um certo distanciamento dos docentes que acabam não levando em consideração o contexto social, havendo implicitamente um distanciamento das origens:

Na verdade, na verdade, foi uma turma mista. Tinha gente do interior e tinha gente da capital. Não fui questionada assim de onde eu tinha vindo, qual era a cidade? Raras são as disciplinas que o professor se apresenta. De onde vocês vêm? [...]. Acho que no primeiro período teve uma, que foi a AIS. Que aí os professores queriam saber de onde a gente ‘tava’ vindo. Mas eu não tenho problema em falar de onde eu venho (Castanheira).

A política de turmas mistas (interior/capital), embora aparentemente inclusiva, mascara desigualdades não resolvidas. Como mostra Castanheira, a não-pergunta *‘De onde você vem?’* silencia contextos sociais que demandam apoio específico. A universitária complementa afirmando ainda que o entendimento prévio por parte do corpo docente seria de suma importância para o senso de pertencimento dentro do território da universidade, sem isso a territorialidade torna-se inviável. Dentre os questionamentos propostos por Castanheira está o da avaliação do território de vinda: *“[...] como que*

*deveria ser o acesso desse estudante? Quantas escolas estaduais e municipais tem aí de ensino médio? O ensino fundamental tem escola de tempo integral, então acho que começaria por aí."*

O questionamento que Castanheira traz sobre o despreparo de alguns dos docentes frente a realidade dos alunos. Em se tratando de uma universidade pública do estado que possui a particularidade de alunos exclusivamente dos interiores, demonstra-se que mesmo em um território que é a universidade, onde todos os saberes deveriam ser valorizados, não é a realidade que estudantes ribeirinhos encontram por parte da maioria dos docentes.

O acolhimento faz-se necessário não só no processo que antecede a entrada na universidade, mas durante todo o curso. Freitas, Ésther e Santos (2023) utilizam o termo "estigma" para explicar como a construção das relações de poder podem ocorrer dentro da universidade com minorias. Para os autores a estigmatização vem a partir da relativização de normas sociais que impõem o que é certo e errado. Ou seja, tudo e todos que fugirem do padrão estabelecidos serão estigmatizados, lógica que coaduna com os relatos dos estudantes ribeirinhos quando abordam a relação com os professores, tal como Apuizeiro ao ser questionado sobre sua experiência em sala de aula:

Aí é a gente que é mais pobre, a gente fica marginalizado mesmo. E a gente tenta procurar algum auxílio e não encontra. A gente encontra poucos professores humanizados [...]. E o problema é que são poucos professores assim, que são humanizados. A maioria é professor bastante desumanizado nas suas metodologias. A maioria são professores assim, que só querem estar ali só para cumprir horário e pronto. A gente vai perguntar dúvida, só faltam dizer assim: "se vira". (Apuizeiro)

A relação professor/aluno, apareceu com demasiada frequência principalmente nas falas de Apuizeiro e Castanheira que tem como particularidade serem alunos veteranos de seus referidos cursos. Tais falas remetem ao que Oliveira e Dias (2014) trazem em seu estudo com jovens no ensino superior. Os participantes sinalizaram que dentre as principais dificuldades enfrentadas no processo de adaptação na universidade, a comunicação com os docentes se sobressai. O que corrobora com Ribeiro *et al.* (2020), uma vez que os autores pontuam que a relação do docente com o discente no ensino superior pode tanto facilitar, quanto dificultar o processo de aprendizagem. Não é à toa que Apuizeiro afirma que:

Inclusive, tipo na aula de Saúde Indígena, o professor que é indígena, ele foi bem babaca comigo, sabe? Eu tentei trazer uma perspectiva das coisas que eu vivi durante um momento que era propício, [...]. Era cabeçudo que o cabeçudo é um... é um quelônio que a gente tem aqui nessa região do Alto Rio Negro [...] eu sei como caçar o cabeçudo, eu sei como ir atrás. E quando eu fui trazer ali assim eu fiz o meu grupo se lascar por causa disso, porque eu não sabia que o professor queria que fosse a coisa do jeito que ele queria. Tipo, ele só queria um negócio bem ali, retinho e tal, e tentei encontrar um lugar de fala ali que eu achei que eu ia ter e a gente foi chochado ali na frente.

Essa característica da relação professor-aluno foi mencionada também no estudo de Gomes (2024) com estudantes indígenas na ESA. As participantes relataram que essa construção que para além dos docentes é também caracterizada pela interação com os universitários da capital, deveria ser feita de forma mais inclusiva. Considerando que a universidade é um local onde muitas culturas e classes sociais se encontram a autora considera que os conflitos são inevitáveis, mas que quando há a sensação de exclusão que remete “a existência de uma hierarquia social e a prevalência de rivalidades entre os estudantes de grupos regionais específicos (interior) e de estudantes de diferentes origens geográficas (capital e interior)” o processo de adaptação torna-se mais difícil (Gomes, 2024, p. 54).

### **5.3 Os desafios da permanência na ESA**

A permanência na universidade é perpassada por muitos desafios que se iniciam no acesso. Para estudantes ribeirinhos esse caminho pode ser atravessado por muitas dificuldades. Além dos professores que não reconhecem defasagens, colegas que não compartilham o mesmo chão de origem, políticas de permanência que acabam não atendendo as necessidades de quem chega, o fator psicológico e socioeconômico tem um importante papel nessa permanência.

O território universidade vai além do processo educacional, trazendo indiretamente dimensões psicossociais que implicam diretamente na permanência desses jovens, bem como influenciam no processo de aprendizagem. Nesse âmbito, as políticas de permanência estudantil culminam em oportunidades para que os jovens possam dar continuidade ao curso escolhido. Em um estudo feito por Silva e Sampaio (2022) em

relação a políticas de permanência nas universidades ao redor do mundo, os autores concluíram que países como a Espanha, Bélgica, Chile e Estados Unidos investem em programas que vão desde o empréstimo estudantil, até a aplicação de bolsas que atendam as necessidades dos estudantes.

No Brasil, esse processo é regido pela legislação educacional brasileira que inclui a LDB (Lei nº 9.394/1996), bem como o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). O PNAES visa ampliar e garantir a permanência de alunos em universidades e institutos federais, cumprindo o compromisso do governo brasileiro de construir uma educação pública, gratuita, de qualidade, mais inclusiva e equitativa (Brasil, 2024). Nesse sentido, o Art 4º cita 13 benefícios do PNAES, dentre estes, resalta-se: Programa de Assistência Estudantil (PAE); Programa de Bolsa Permanência (PBP); Programa de Alimentação Saudável na Educação Superior (PASES); Programa Estudantil de Moradia (PEM); Programa de Apoio ao Transporte do Estudante (PATE); Programa Incluir de Acessibilidade na Educação (INCLUIR); Programa de Permanência Parental na Educação (PROPEPE).

No entanto, há uma particularidade quando se trata do PNAES, pois no inciso 2º, a política enfatiza que as universidades estaduais somente poderão receber o recurso se houver disponibilidade, visto que majoritariamente a política é destinada às instituições federais. Sendo assim, cada instituição estadual há de ter seus próprios recursos e estratégias para a permanência dos estudantes. Dito isso, esta seção temática é dedicada a entender como os estudantes entrevistados pensam o processo de permanência na universidade levando em consideração o programa existente na ESA disponível para os mesmos.

### **5.3.1 Raízes que não quebram: permanencia e reexistência no chão alheio da universidade**

Ainda na discussão que permeia o acesso e permanência de jovens ribeirinhos dentro de universidades, a falta de políticas públicas que integrem o contexto das comunidades tradicionais é uma realidade encontrada com frequência. Isso afeta diretamente os estudantes que estão em busca de oportunidades. Logo, destacam-se não só jovens advindos de comunidades tradicionais, mas aqueles que mesmo na zona urbana

estão em locais mais vulnerabilizados. Bezerra (2013), Zago (2006; 2016) e Melo, Braga e Santana (2019), afirmam a importância da elaboração de políticas públicas que sustentem a permanência de estudantes em vulnerabilidade social, seja no contexto rural ou urbano na universidade.

Tanto que quatro dos cinco entrevistados citaram a importância de implementação de políticas públicas que auxiliem na permanência quando questionados se a instituição atualmente possui políticas eficazes que incentivem a permanência dos mesmos, de modo a se sentirem mais seguros ao longo do processo de formação. Dentre as respostas, destaca-se a fala de Maçaranduba:

[...] ainda precisa melhorar muito, principalmente nessa questão do acesso à informação, da questão das bolsas, tanto em questão de bolsas, quanto em que pra questão financeira, disso aí né... De apoio, tanto moradia acadêmica etc. Mas também, ah, os projetos daqui também... o PAIC e tudo mais, a abertura. Não só no site, mas também se pudessem é... divulgar de forma física também ou então ir nas salas e divulgar também. Não deixar só no site lá, [...] - mas o acesso ser mais diversificado possível e mais disseminado possível. E tipo aquela questão da moradia, eu não sei se até hoje é assim, mas pelo menos até o tempo que eu vi, era só a partir do segundo período que tu podia solicitar (Maçaranduba).

É possível perceber através dessa afirmativa que para os estudantes, não basta a existência da política, mas o acesso à informação para chegar até a política. Conforme afirmado ainda por Maçaranduba:

Cara... primeiramente os auxílios, quando eu cheguei aqui eu nem sabia que tinha auxílio disso tudo aqui né... e aí eu tava tendo que me virar muito e até hoje eu me viro, mas eu prefiro me virar hoje que eu já estou mais acostumado e eu consigo levar. Mas no início foi bem complicado porque eu não tinha é... visão de nada ainda e eu vinha mais objetivando isso né? Que tivesse o auxílio moradia e essas coisas e tal, o edital fosse mais fácil. Entendeu? Sei lá que tivesse em papel físico, e também que muitas das vezes a gente não tem celular quando vem que não tem muito acesso porque não tem muita grana, e aí tipo... olhando no papel a questão da documentação ser mais acessível, porque eu também não sabia não (Maçaranduba).

Atualmente, a Universidade do Estado do Amazonas conta com a resolução de nº 037/2024 que é composta pela Política de Apoio e Assistência Estudantil. Essa política

visa a minimização das desigualdades sociais e regionais com o incentivo à permanência na universidade (Amazonas, 2024). Contando com dois principais eixos, o primeiro está relacionado a programas de caráter universal (Art 8º): Programa de Acompanhamento Acadêmico e Suporte ao Ensino; Programa de Saúde Mental e Atenção Psicossocial; Programa de Apoio à Participação em Eventos; Programa de Apoio à Inclusão de Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas; Programa de Incentivo à Cultura, Esporte e Lazer; Programa de Segurança Alimentar e Nutricional e, Programa de Ações Afirmativas.

Já o segundo diz respeito a um programa de assistência estudantil, que está diretamente ligado ao relato dos participantes, este é constituído primordialmente pelo Auxílio Permanência e a Casa do Estudante (Art. 17) (Amazonas, 2024). Mas, como demonstra Maçaranduba, não é possível acessar o benefício, sem ter acesso à informação. Essa afirmação foi corroborada por Jatobazeiro: *"Eu acho que não é assim divulgado. Eu não... Eu não tenho esse acesso, por exemplo."* A resolução que rege os benefícios aos estudantes é relativamente nova, isso permite que os estudantes ingressantes possam ter mais facilidade para conseguir acessar os benefícios, diferentemente dos entrevistados para esta pesquisa.

Diante disso, Silva e Sampaio (2022) atrelam a oferta de políticas voltadas à permanência dos estudantes a maiores chances de diplomação, níveis mais elevados de desempenho acadêmico e números menores de evasão das universidades. Tais fatores são importantes tendo em vista a particularidade dos estudantes que são advindos de comunidades tradicionais e que possuem um processo territorial voltado para o rural, que possuem necessidades diferentes dos estudantes que já são da área urbana como a moradia, por exemplo.

A moradia foi trazida como um importante fator que rege a permanência na ESA, tal como uma dificuldade também dos estudantes. Maçaranduba destaca:

Então para fortalecer essa questão da moradia principalmente, que é o principal porque muitas pessoas que tipo, a gente que vem de lá dos interiores, a gente não tem onde morar aqui aí então se fosse liberado desde o começo, primeiro período... sei lá, a gente passasse, soubesse que passou e a gente que é do interior a gente pudesse entrar com recurso para moradia, antes mesmo de chegar na faculdade e depois chegar na faculdade já na casa do estudante seria muiiiito bom. Porque a gente já não ficaria preocupado com essa questão da moradia, que é o principal ponto da gente pensar quando sai de lá, a gente não tem casa aqui ou então com parente,

mas é mais complicado... aí querendo ou não a residência da universidade é muito melhor para estudar e ficar preservado e tranquilo no ambiente (Maçaranduba).

A UEA/ESA disponibiliza a casa do estudante enquanto política de auxílio e incentivo à permanência dos estudantes que saem do seu município de origem para cursar graduação ou pós-graduação em outro município do estado do Amazonas por meio de editais próprios e comprovações conforme estabelecidos no art. 21 e 22 do decreto de nº 7.234 de resolução nº 037/2024 (Amazonas, 2024). Apesar disso, Castanheira considera que há alguns empecilhos para usufruir de tais benefícios como a burocracia envolvida *"[...] às vezes é uma barreira para esse estudante que vem do interior ter que fazer tudo isso. Às vezes não tem computador, não tem acesso à internet, não tem quem faça, não tem como imprimir."*

Essa fala da estudante de enfermagem escancara algo que vai para além do território que é de responsabilidade da universidade. Uma falta social, que marginaliza o estudante ribeirinho e o coloca em uma desvantagem dupla: intelectual e tecnológica. Deve-se levar em conta os dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entre os anos de 2019 e 2021 o acesso à internet em áreas rurais aumentou de 57,8% para 74,7%, mas quando comparado com o acesso de áreas urbanas no mesmo período que foi de 88,1% para 92,3% nota-se uma disparidade que justifica a desvantagem relatada pelos estudantes se tratando de formas de acessar informação e os benefícios (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022).

Sendo assim, a importância da disseminação da informação se faz tão importante quanto o benefício da política em si. Cabe ressaltar que, historicamente, as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas são perpassadas por modelos de ingressantes elitizados e com estudantes que possuem familiares com recursos econômicos elevados e isso impacta diretamente os estudantes trabalhadores e de classes sociais menos favorecidas, incluindo os povos tradicionais (Dantas; Seixas; Yamamoto, 2019). Apuizeiro questiona o modelo estabelecido pelas universidades sugerindo que poderia haver um meio termo entre a carga horária, por exemplo:

Eu acredito que a UEA precisaria rever isso aí. Questão de planejar e até mesmo de planejar essa questão da carga horária também, que a gente pega no período aí. Ou então, pelo menos colocar uma política pública para essa carga horária se encaixar nas condições das pessoas que vêm do interior. Porque se a gente

colocar tipo um tempo integral, que começasse as 07h00 e fosse até às 14h, dava para o pessoal do interior que é pobre, arrumar um emprego das 14h até as 17h para poder pelo menos manter uma sobrevivência sustentável ali (Apuizeiro).

Esse relato corrobora com a ideia de um sistema educacional ultrapassado, além de um modelo social que, de acordo com Sawaia (2009, p.3), demonstra que “se o sujeito é um objeto que não pode se defender das determinações sociais, não há lugar para a ideia de transformação da sociedade”. Essa afirmação conversa também com o que Boudieu (1989) assume quando retrata que os sistemas simbólicos funcionam como instrumentos políticos de dominação e imposição de uma classe sobre a outra, o que pode acontecer de forma cultural ou institucional caracterizando a violência simbólica. Isso pode ser confirmado quando Castanheira sugere que as mudanças se iniciem internamente com os docentes, potencializando a relação professor/aluno. Além disso, Apuizeiro menciona sobre a carga horária, que é fundamental para o incentivo a permanência:

Eu acho que seria, principalmente, fazer um começo assim na docência, nos docentes, preparar uma oficina que fosse para que eles entendessem qual é a porcentagem de alunos que vêm do interior. Colocar um diagrama assim tantos por cento e de... de Parintins tantos por cento é de não sei. Santo Antônio do Içá, São Gabriel da Cachoeira, tantos por cento são ribeirinhos, quilombolas, indígenas, para que eles também tenham essa noção de acolhimento, de humanização com essas pessoas. (Castanheira).

Pensar a violência simbólica, não somente na questão estrutural, mas educacional envolve o relato desses estudantes frente a relação com alguns docentes, nos faz pensar em um modelo de classes que iguala todos os sujeitos sem levar em consideração seus contextos sociais. A ESA, apesar de ser uma instituição que possui positivamente programas que auxiliam a permanência dos estudantes, está em uma linha tênue onde a principal queixa de seus egressos é o despreparo dos docentes frente às necessidades dos alunos que advém dos interiores, sendo este um importante ponto de atenção.

Além disso, os pontos de apoio para a permanência em alguns casos ultrapassam os recursos oferecidos pela universidade. Em algumas situações, no município de origem dos estudantes há a possibilidade de adquirir recursos que também possibilitam a permanência como é o caso de Jatobazeiro:

Por exemplo, no meu município, os alunos que passam para a universidade pública, só para a universidade pública tem direito a receber uma bolsa que é a Bolsa universidade e bolsa universitária Mariwa Alguma coisa. A gente ganha essa bolsa de 1.000R\$ para se manter e é mensalmente, aí só o que a gente tem que fazer é mandar o nosso, o nosso histórico do mês [...]. Aí eles que já entram em contato com a gente, a gente não precisa nem correr atrás. Então, essa rede de apoio do município também, eu acho que é muito importante. Não de só jogar a culpa na UEA (Jatobazeiro).

Isso demonstra que a responsabilidade frente ao processo do estudante que está saindo de um território para o outro pode também ser do município de origem como forma de incentivo e não somente da universidade. Tal afirmação de Jatobazeiro traz à tona o investimento na educação do estudante de comunidades tradicionais para que esses tenham a oportunidade de cursar o ensino superior sem que o fator econômico seja um empecilho. Mas isso só será possível se mais pesquisas por meio de programas regionais sejam desenvolvidas trazendo de forma emancipatória a vivência desses jovens de comunidades tradicionais e suas particularidades (Resende et al., 2022).

Além dos relatos dos participantes frente ao que rege a permanência desses estudantes ribeirinhos e as possíveis estratégias para que a ESA, bem como o estado possa prover políticas mais acessíveis para que o sonho do ensino superior se mantenha, Castanheira finaliza pontuando que: “[...] *O estudante ribeirinho, ele, ele não é visto, ele não é lembrado, ele não é acolhido, ele não é celebrado. Então tem... Tem muitas coisas que faltam para que a gente de fato se sinta parte da universidade, se sinta parte de todo esse processo, de toda essa estrutura*”. A importância de políticas que possam auxiliar esses jovens está para além de uma permanência física na universidade, mas também existencial, política e social, pois os estudantes ribeirinhos que saem de suas comunidades para cursar o ensino superior na área urbana representam todo um povo e um legado, além de expectativas de sucesso.

#### **5.4 Do rio ao campus: dimensões psicossociais da permanência em territórios acadêmicos hostis**

Quando se trata de dimensões psicossociais, devemos levar em consideração a explicação do termo, pois não há uma definição concreta, tal qual “aspectos” ou “efeitos”. A mesma, de acordo com Lara e Paiva (2012), vai depender do contexto a ser pesquisado e será pautado pela multidimensionalidade, levando a um sentido que privilegia o subjetivo. Nesta seção, avaliamos dentro das dimensões psicossociais três eixos principais: psicológico, social e econômico dos jovens ribeirinhos a partir da experiência dentro da universidade e do processo de travessia para o urbano.

#### **5.4.1 Quando a universidade adoce: dimensão psicológica dos universitários**

Ao abordar a dimensão psicológica da relação dos estudantes com a universidade, levamos em consideração que há diversas variáveis como a transição da escola para universidade e, em casos específicos, como dos ribeirinhos, a transição do rural para o urbano. Nesse sentido, Gomes *et al.*, (2023) descrevem que a saúde mental dos universitários precisa ser um tópico cada vez mais discutido, tendo em vista que os índices de ansiedade, depressão e pensamentos suicidas vem aumentando nos últimos anos. O tópico saúde mental ao longo das entrevistas surgiu de forma bastante espontânea sendo citado por todos os entrevistados, principalmente no que se refere à ansiedade.

O cotidiano universitário, bem como o impacto da transição que envolve a construção de uma nova rede de apoio, o processo de acesso à universidade e a diferença de ensino encontrada no âmbito acadêmico foram alguns dos pontos apresentados pelos entrevistados:

Porque o que principalmente abala a gente que somos dos interiores é principalmente esse o psicológico da gente. Muda bastante. A gente tem que amadurecer muito repentinamente. Então, principalmente eu... Eu acho que eu hoje a minha maior dificuldade aqui na ESA sou o meu psicológico (Jatobazeiro).

A fala de Jatobazeiro demonstra que, para quem vem do interior para a capital, a pressão acaba sendo um ponto pesado que afeta a dimensão psicológica. Não se trata somente da adaptação à sala de aula, mas ao contexto universitário como um todo que acontece em paralelo com a adaptação ao território urbano. Essa fala é corroborada por

Maçaranduba “*essa questão de ansiedade, de preocupações e tudo mais. Tudo isso foi mais adquirido pra cá*” bem como por Apuizeiro quando afirma:

Aí no meio da viagem, no meio da travessia daqui pra Manaus, começou a me bater a tristeza da saudade e eu tava com medo dessa tristeza evoluir pra depressão, que acabou evoluindo posteriormente. E depois que eu entrei em depressão, o que foi pior, foi o medo dessa depressão evoluir [...]. Devido à falta de acolhimento ali na faculdade, ali na capital, a falta, de humanização, principalmente (Apuizeiro).

Padovani *et al.* (2014) destacam que estudantes da área da saúde apresentam maiores chances de desenvolver alterações psicológicas decorrentes do ambiente universitário. Além disso, residir longe do núcleo afetivo de origem configura-se como uma variável relevante nesse processo. Os autores também alertam para a crescente incidência de sintomas de ansiedade e depressão entre universitários, o que tem gerado preocupações cada vez maiores. Tais sintomas, como evidenciado nos relatos de Apuizeiro e Jatobazeiro, muitas vezes extrapolam os limites do ambiente acadêmico, revelando a necessidade de atenção sob uma perspectiva psicossocial.

Atualmente, quando se trata de suporte psicológico na ESA, os entrevistados destacaram o Espaço de Atendimento Psicossocial (Epsico). Este, funciona como um espaço de atendimento psicossocial que presta serviço de orientação, escuta e promoção da saúde psicológica a alunos da universidade, contando com psicólogos voluntários, bem como com os coordenadores responsáveis pelos mesmos (Universidade do Estado do Amazonas, 2024). Partindo disso, Castanheira menciona que recorreu a este recurso, mas que não deu continuidade “*Eu até tava fazendo acompanhamento, mas não deu certo comigo e aí eu decidi abandonar*”, bem como Apuizeiro ao relatar sua experiência:

[...] Ali é difícil para encontrar as psicólogas [...] devia rever essas questões de planejamento, porque devia contratar muito mais psicólogas para poder otimizar o atendimento. Às vezes a gente precisa, quando a gente precisa urgentemente de pessoas, às vezes com risco de se matar, ter que esperar seis meses para ser atendido. Tipo, quando eu tentei me inscrever, acho que foi no mês de março. Eu fui ser atendido em novembro.

Esses relatos têm em comum a busca por acolhimento psicológico esbarrando com a demora do atendimento. Essas questões sinalizam fatores ético-políticos e

principalmente sociais. Gomes *et al.* (2023) abordam tais situações em uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Alagoas como uma questão coletiva, não sendo possível resolver individualmente pois a saúde mental é uma dimensão ampla e principalmente no contexto universitário cabe engajamento tanto por parte dos alunos, quanto dos professores e da própria instituição. Castanheira completa:

[...] para a questão psicológica, emocional e social dos estudantes é algo muito para só para mídia ver. Não funciona. Não é uma coisa ativa. Os alunos não têm vez, não têm voz. São tratados como crianças mimadas. São tratadas como pessoas que não sabem se frustrar, quando na verdade eles estão realmente em adoecimento mental. Só que eles não têm esse apoio da universidade.

Essa fala revela uma estrutura que pode ser construída em conjunto com os alunos. No entanto, como observa Sawaia (2009), a negligência com a saúde mental de grupos marginalizados reflete uma hierarquia de valores onde certas vidas são menos ‘merecedoras’ de cuidado. Para ribeirinhos, cujo sofrimento é agravado pela solidão e pressão acadêmica, a universidade precisaria oferecer não apenas terapia, mas redes de apoio comunitário, como grupos de escuta entre pares mediados por profissionais sensíveis às suas trajetórias.

Ao refletir sobre a saúde mental de universitários ribeirinhos, é imprescindível considerar os fatores sociais que os cercam. Desde as dificuldades relacionadas ao acesso e à permanência no ensino superior, até as expectativas de ascensão social, muitas vezes o principal motivo para a travessia de suas comunidades de origem. Esses elementos compõem o cenário que impacta diretamente o bem-estar psicológico desses jovens.

Gruda (2017) destaca que o olhar da psicologia social crítica recusa a separação entre sujeito e sociedade. Essa perspectiva se aproxima das experiências relatadas pelos estudantes, pois não é possível discutir saúde mental no contexto universitário sem o suporte de uma rede de apoio consistente, capaz de acolher e responder às demandas emocionais desses alunos. Essa realidade se evidencia no relato de Samaúma:

Tive muita crise de ansiedade no primeiro período. Principalmente quando eu reprovei a anatomia. A primeira foi depois da prova de anatomia. Foi... E era no mesmo dia de básico (disciplina). Que era outra matéria difícil. E eu acabei zerando a prova de anatomia. Aí eu falei: “Nossa”. O meu coração começou

a disparar. Disparar, disparar, disparar mesmo. Eu não sabia. Eu não sabia respirar (Samaúma).

Os sintomas ansiosos vivenciados por Samaúma evidenciam uma angústia significativa, que, do ponto de vista psicológico, pode se intensificar ao longo do tempo. A estudante de Odontologia relatou ainda que, em momentos de crises mais intensas, especialmente durante semanas de prova, recorre ao atendimento de emergência para obter auxílio medicamentoso. Silva (2023) demonstra que estudantes da área da saúde possuem uma autocobrança elevada devido a necessidade de produtividade com os compromissos referentes a graduação e que gera frequentes adoecimentos psíquicos.

Tendo isso em vista, quando Samaúma traz os sintomas ansiosos decorrentes das demandas do curso, nota-se que para além de ser uma área da saúde o fato do sentimento de inferioridade ser recorrente, confirma que “a associação entre produzir e merecer estar na faculdade é algo que impacta diretamente a saúde mental do estudante, quando há um questionamento de suas capacidades, habilidades, conhecimento, mirando o futuro enquanto profissional” (Silva, 2023 p. 51).

Apuizeiro e Castanheira também descreveram sintomas de ansiedade. Castanheira relata: “*Eu fico agitada, ansiosa. E isso mexe com a minha vontade de comer. Às vezes eu não como, ou então como besteira (Castanheira)*”. Apuizeiro complementa:

As coisas vão... vão acumulando na sua cabeça. Você vai acumulando estresse, acumulando várias emoções negativas e que culmina, às vezes, em ansiedade. E a minha ansiedade. Ela... Eu tô acabando descontando tudo na comida, sabe? Eu como sem parar e eu vi meu corpo mudar depois que eu entrei. Ele tinha um assim, atlético, bem proativo assim, que inclusive me facilitava a executar as coisas assim envolvendo ajudar as pessoas, sabe? Me dava um pouco de energia. E hoje em dia eu tô acho que uns 30 quilos bem maior de tanto comer, sabe? Descontava tudo na comida (Apuizeiro).

Crises de ansiedade foram descritas recorrentemente pelos entrevistados: três dos cinco participantes relataram sintomas associados a momentos de prova ou ao cotidiano acadêmico. Apesar de algumas críticas quanto à demora no atendimento, o serviço do Epsico foi citado como uma ferramenta importante para suporte emocional imediato. No entanto, chama a atenção o “descontar na comida”. Padovani *et al.* (2014) citam em seu estudo sobre a recorrência da alimentação inadequada e falta de exercícios físicos quando

os sintomas de ansiedade e depressão se manifestam, além do estresse que acompanha os estudantes. Essa afirmação corrobora com o relato dos estudantes frente a essa dimensão.

Pensar o acolhimento de estudantes que vem de fora na ESA, em específico os estudantes ribeirinhos, é também levar em consideração que a melhora da saúde mental dos estudantes implica diretamente na diminuição do número de evasão e no maior desempenho dos mesmos frente as disciplinas.

#### **5.4.2 Quando o sonho vira objetivo: dimensões sociais e econômicas no cotidiano universitários de ribeirinhos**

Quando se trata de dimensão social, devemos levar em conta os valores culturais envolvidos na vivência dos universitários, especificamente aqueles que são oriundos de comunidades tradicionais, neste caso as comunidades ribeirinhas. Tendo em vista o senso de pertencimento proporcionado pela comunidade, há variações territoriais que dividem esses grupos.

A migração para a universidade pública representa, para os estudantes ribeirinhos, mais que uma transição acadêmica, mas um deslocamento existencial que os lança em um território urbano marcado por hierarquias sociais e culturais, assim como foi discutido na seção 5.1.1 desta pesquisa. Assim, conforme pontuado por Castanheira:

Eu acho que a gente se torna invisível. Quem vem do interior acaba se tornando invisível dentro da universidade. E era uma universidade para assim enxergar justamente os amazonenses, principalmente que vem da Amazônia profunda, que é o nosso caso (Castanheira).

Essa afirmação de Castanheira é corroborada por Samaúma e Apuizeiro quando questionados sobre como é ser do interior em território universitário urbano:

E a gente para ser identificado como do interior, a gente que às vezes acaba tendo que falar que é do interior [...]. Aí eu acabo aplicando algumas palavras de Yanomami em alguns seminários aí para os professores poderem ter noção de quem eles são, de quais pessoas, quais grupos sociais eles estão trabalhando ali (Apuizeiro).

Eu acho que é mais a fala mesmo das pessoas. A gente tem um sotaque diferente. E aqui o pessoal da capital tem um outro sotaque. Um outro estilo. É diferente (Samaúma).

Lemos (2022, p. 27) destaca que “mudar de lugar implica em trocas culturais - tanto quem sai quanto quem recebe os que migram são modificados pela permeabilidade identitária que o encontro promove [...]”. Essa se apresenta como uma das principais mudanças que permeiam a travessia de estudantes para o urbano, especialmente para universidade. Quando Apuizeiro usa intencionalmente palavras Yanomami e Samaúma destaca a consciência do sotaque como marca identitária, os mesmos estão em busca de sua afirmação cultural e a demarcação de suas ruralidades.

Essa dinâmica de exclusão cotidiana reflete-se também nas relações com os docentes, como evidenciado ainda por Apuizeiro e Castanheira ao comentar que ao chegarem, a disciplina de anatomia foi um grande desafio, não somente pela dificuldade na qual já era esperada, mas pela forma como os docentes lidam com as especificidades:

Eles se sentem semi-deuses no primeiro período. [...] Eles acham totalmente irrelevante. Então as pessoas deixam de lado isso e vão para lá, porque é o suprassumo das disciplinas. É a anatomia. [...] porque tem uma professora em específico da disciplina que ela é muito... Ela não tá nem aí, sai do interior e ela escorraça mesmo do interior. E não tem pena, nem dó, nem piedade, nem alma. Eu acho que não. Sei lá, eu acho que ela não é do Amazonas também. Então ela foi bem dura. Ela é bem dura (Castanheira).

Na verdade, parece que eles não se preocupam em perguntar isso da gente. Eles só se preocupam em estar recebendo o resultado só. Ninguém chega a perguntar. Acho que a única vez foi numa aula de saúde indígena. E porque a aula era propícia a isso. Fora isso, nenhum professor se preocupa (Apuizeiro).

Dimensões das falas dos universitários veteranos de enfermagem revelam o que Bourdieu (1989) chama de violência simbólica, uma cultura que impõe um modelo urbanizado, não permitindo a emancipação ou mesmo aprendizado e valorização. O autor afirma que dentro de um sistema de classes há uma classe dominante e uma classe dominada, nesse sentido, a cultura dominante pode ser a que une e ao mesmo tempo a que separa. No caso do relato dos estudantes trechos como: “*ela não tá nem aí*” e “*eles não se preocupam*” evidenciam um comportamento por parte dos docentes que parece

separar e propõe a imposição de uma cultura sobre a outra, legitimando a violência simbólica.

Infelizmente, as falas dos entrevistados reforçam a ideia de que a universidade não reconhece a diversidade dos seus estudantes, o que perpetua uma forma sutil de exclusão social legitimada como normal ou neutra. Isso se conecta à lógica da violência simbólica (Bourdieu, 1989), que atua não por meio da coerção direta, mas por meio da imposição de uma cultura dominante que silencia as demais e as faz parecer inferiores ou desprovidas de valor acadêmico.

Para além das dificuldades acadêmicas explícitas, os estudantes enfrentam obstáculos simbólicos que comprometem sua permanência e bem-estar dentro da universidade. Esses obstáculos dificultam o processo de emancipação dos universitários ribeirinhos no que diz respeito a identidades, saberes e trajetórias que não se enquadram no padrão institucional dominante. Castanheira propõe como estratégia de melhora desse processo a capacitação dos docentes: *[...] uma oficina para que os professores entendam quem e para quem eles estão trabalhando, para quem eles estão ali lecionando, para que eles nos conheçam, né? Porque eu acho que a gente não é conhecido aqui.*” Essa, pode ser uma das formas de descolonizar modelos urbanocêntricos pré-estabelecidos.

Nessa perspectiva de ruptura, a dimensão social abrange também o pensar como um modelo embasado em referências europeias que ainda se institui reproduzindo invisibilização de povos. Dimenstein *et al.* (2022, p. 6), ao discutirem sobre esses modelos na América Latina, refletem sobre uma necessidade de descolonizar o pensamento eurocentrado ainda existente principalmente na psicologia. Pontuam ainda que “as populações negras, indígenas, camponesas continuam à margem da representação e da produção de conhecimento, tendo seus modos de existência apagados, sendo receptáculo de teorizações e práticas que buscam explicar formas diversas de civilização a partir de suas lentes”.

Essa perspectiva pode ser identificada ao se observar o choque cultural vivenciado por quem passa a morar na cidade após crescer em um contexto profundamente ligado à natureza. Para Chiodi, Marques e Murandian (2018), o termo "ruralidade" ganha um novo significado que vai além das atividades agrícolas ou agropecuárias tradicionalmente associadas ao meio rural. Em vez de ser apenas um espaço de produção e trabalho manual, o rural passa a ser compreendido como um território de transformações econômicas, sociais e culturais, característica central do chamado novo ruralismo.

Leite *et al.* (2023) considera que para um entendimento, bem como uma abordagem psicossocial se tratando de uma ruralidade latino americana se faz necessário dois pontos principais: entender a complexidade seja histórica, sociocultural ou geográfica da região, além de levar em consideração como tais fatores reverberam na subjetividade dos envolvidos e como o diálogo com os contextos rurais pode ser realizado sem deixar de lado um conhecimento que precisa ser parcial e politicamente situado em um corpo teórico e conceitual. A discussão sobre o conceito de rural e ruralidades se faz necessária no contexto dos universitários ao entendermos que não somente o território universitário é gerador de sofrimento social, mas o território urbano como um todo influencia na forma como os sujeitos interagem, conforme apontado por Maçaranduba e Apuizeiro:

Eu morava longe daqui lá eu não tinha contato. Eu morava assim, sem luz lá, sem água de boa, na vela e na vela mesmo. Aí no fogão de lenha e tudo mais rústico. [...] aí tudo era mais difícil e tive que me virar (Maçaranduba).

Essa fala demonstra como as particularidades regionais do rural são importantes de serem levadas em consideração, não havendo possibilidade de comparação quando se chega em uma universidade. A esse respeito, Apuizeiro continua:

O meu quarto, por exemplo, não tem uma janela aqui. Aí, logo quando eu acordo, eu me deparo com uma parede azul. Aí eu saio de casa, vejo que carro, as ruas lotadas de carros. E é isso. A paisagem aqui é essa. Céu nublado. De noite a gente não vê uma estrela. [...] Aí, e é isso, tipo, viver nessa selva de pedra é um impacto tremendo, porque eu não posso mais ter uma troca de energias com a natureza, como eu tinha (Apuizeiro).

Percebe-se que o cotidiano desses universitários é atravessado por fatores que possuem suas próprias especificidades se situando em um processo que perpassa tanto a relação com os docentes, quanto com as diferenças culturais e geográficas quando os entrevistados mencionam a relação com a natureza ou mesmo, ser mais isolado, que constitui uma distância do urbano. Quando falamos de povos amazônidas, essas especificidades se potencializam, tornando-se importante estudos com uma lente voltada a essas populações.

### 5.4.3 Dimensão econômica, moradia e custo de vida dos ribeirinhos na universidade

Ao trazer à tona a questão econômica que envolve a permanência de jovens ribeirinhos na universidade, se faz necessário pensar que essa dimensão envolve, como trazido pelos entrevistados, a manutenção de um sonho que é perpassado por dificuldades. O discurso sobre a sobrevivência na universidade, bem como a moradia, foi um elemento trazido por três dos cinco entrevistados, que destacaram que o financeiro ocupa um espaço relevante quando pensam na permanência na universidade e no sonho de finalizar o ensino superior.

Partindo disso, Zago (2006, p. 5) defende que não basta ter acesso ao ensino mesmo que público, é necessário o fornecimento de condições socioeconômicas viáveis para os estudantes pois, para esses jovens chegarem até o ensino superior é necessário um aglomerado de renúncias. A autora menciona que “chegar a esse nível de ensino nada tem de “natural”, mesmo porque parte significativa deles, até o ensino fundamental e, em muitos casos, ainda no ensino médio, possuía um baixo grau de informação sobre vestibulares e a formação universitária”. Jatobazeiro demonstra isso na prática ao afirmar que:

Eu acho que principalmente a questão financeira de por que, querendo ou não, aqui a gente tem que pagar aluguel, pagar alimentação, transporte, pagar tudo. E lá não, a gente tem onde a gente morar. A gente tem assim um alimento. Logo quando a gente acorda já tem e aqui não. Acho que então eu acho que o financeiro ainda continua sendo a maior problemática (Jatobazeiro).

Sabendo que a renda principal para quem advém de contextos rurais é a pesca e a agricultura, o peso da dimensão econômica para os entrevistados acaba aparecendo como um empecilho. Veras *et al.* (2020) destacam, em um levantamento a partir dos dados socioeconômicos de alunos de medicina de uma universidade na Bahia, que a renda dos pais dos estudantes influencia diretamente na entrada e permanência no curso em universidade pública e, apesar da lei de cotas distribuir uma porcentagem para o ingresso de estudantes advindos de escolas públicas e minorias, os autores concluíram que este curso ainda é majoritariamente ocupado pelas classes média e alta no país.

Maçaranduba, ao chegar na capital, relata que se deparou com a dificuldade financeira bem como a de moradia, mas enfatiza também que por meio da busca por trabalhos que pudessem ser conciliados com a graduação, bem como a ajuda de familiares

locais conseguiu se manter: *Eu tinha que viver na casa da minha tia. [...] Na cara e na coragem, falei: “eu vou é meu o sonho, agora que tiver, Deus vai ajudar.” E trabalhei de pedreiro. Tudo que eu pude imaginar, de trabalho honesto.*” Essa fala de Maçaranduba evidencia uma dupla atividade estudante/trabalhador que se institui por uma necessidade econômica de permanência na cidade, trabalhos estes que precisam ser de formas alternativas para que se encaixem na jornada de horário integral que a universidade pública oferece, conforme corroborado por Apuizeiro:

A gente que é pobre e precisa do emprego, não tem como. Encarar o tempo integral. É tipo pegar o emprego noturno, chegar acabado em casa. [...] Eu tô fazendo Uber a noite, eu vou até a madrugada, eu fico acabado no dia seguinte. Acho que nesse último ano eu devo ter envelhecido uns dez anos só nesse último ano (Apuizeiro).

Diante disso, um estudo realizado por Niquini *et al.* (2015) investigou como o processo de estudo/trabalho impacta, seja positiva ou negativamente, no rendimento acadêmico e chegaram à conclusão de que a jornada de trabalho influencia na piora do desempenho do estudante, entretanto, destacam que este cenário os coloca em uma posição de maior responsabilidade frente aos estudos. A pesquisa ressaltou ainda que estudantes do sexo masculino apresentaram maiores dificuldades e menores níveis de frequência frente a dupla jornada, o que corrobora com os dados obtidos nas entrevistas, pois os universitários que mencionaram essa dificuldade relacionada ao âmbito econômico, todos foram do sexo masculino.

Ademais, Côrtes e Peixoto (2024) expõem que a experiência acadêmica de estudantes cotistas e não cotistas frente ao trabalho é consideravelmente diferente, pois se leva em conta o contexto do qual os estudantes que, quando por meio de cotas conseguem acessar o ensino superior, vieram. Essa afirmação tem muito a ver com a realidade rural dos universitários que nesta pesquisa foram entrevistados. Os conceitos trazidos frente a relação dos mesmos com o estudo/trabalho refletem uma realidade social, econômica e institucional que não atende as demandas e particularidades próprias dessa população. De acordo com Silva, Dimenstein e Leite (2013), essa realidade é permeada pela baixa escolaridade, falta de políticas públicas e pobreza.

Acerca disso, Maçaranduba, ao comentar sobre a experiência de chegada na capital em relação aos seus colegas, conta que se sentiu inferior e enfatiza: *"Aí cheguei*

*com as roupas todas requenguelinha lá, minha sandália no prego. Mas aí eu fiz."* Essa afirmativa leva a reflexões de que o acesso via cotas é um primeiro passo, mas a permanência exige políticas que considerem o abismo econômico entre estudantes, bem como o apoio para com esses estudantes que advindos de um contexto específico como o ribeirinho, tem para com a universidade uma experiência diferente.

De um ponto de vista psicossocial, o fator econômico afeta o universitário, o deixando à margem frente aos outros colegas em muitos casos pois, de acordo com Zago (2006, p. 10):

Às dificuldades econômicas associam-se outras, relacionadas ao quadro complexo da condição estudante. Há uma luta constante entre o que gostariam de fazer e o que é possível fazer, materializada em uma gama variada de situações: carga horária de trabalho, tempo insuficiente para dar conta das solicitações do curso e outras, de ordem social e cultural, condicionadas pelos baixos recursos financeiros (privar-se de cinema, teatro, espetáculos, eventos científicos, aquisição de livros e revistas etc.).

A análise de Zago (2006) permanece atual e relevante, sendo frequentemente utilizada como base para pesquisas contemporâneas sobre o acesso e a permanência de estudantes na universidade. Destarte, Abreu e Ximenes (2021) refletem que o trabalho em paralelo com a universidade é uma forma de se manter na mesma, visto que em alguns casos essa necessidade de prover atravessa também os familiares como frisado anteriormente.

Com isso, percebe-se por meio do relato dos universitários da ESA que a dimensão econômica os atravessa e influencia diretamente tanto no acesso quanto na permanência na universidade, mesmo assim o desejo de ascender tanto social quanto economicamente se mostrou um ponto em comum entre os entrevistados. Apesar disso, a decisão de abrir mão da renda de subsistência para o sonho da universidade ainda se mostra um desafio enfrentado como apontado por Apuizeiro: *"E essa coisa do financeiro também foi que impactou muito, porque eu tive que abrir mão de um salário bom para estar ali sem ganhar nada e além de ganhar muita dor de cabeça, muita, muita humilhação também."*

Destarte, Apuizeiro, ao longo de sua entrevista relatou a necessidade de trancamento do curso. O estudante de enfermagem representa a realidade implícita de

estudantes que compõem minorias e que evadem da universidade. Com isso, enquanto a universidade não reconhece que trabalhar 8h/dia é incompatível com graduação integral, a evasão ribeirinha seguirá sendo tratada como falta de vocação. Conforme Silva *et al.* (2013) mostram, a pobreza rural não é temporária e sim estrutural, sendo assim exige que ribeirinhos "se virem" reproduzindo violência de classe e perpetuando uma realidade com poucas oportunidades.

### **5.5 Redes de apoio no cotidiano universitário de jovens universitário ribeirinhos**

Este capítulo debruçou-se sobre o papel da rede de apoio na vivência acadêmica dos jovens estudantes da Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA/AM), tendo sido dividido em duas seções principais: a construção de vínculos na universidade e a manutenção das relações familiares à distância. Essas dimensões mostraram a importância dos laços familiares e o processo de adaptação na formação de novos laços dentro do âmbito acadêmico.

Ao pesquisar o território da universidade, encontramos desafios que ultrapassam o processo de aprendizado diretamente pedagógico. Além do espaço de conhecimentos, é também um local de interações, inevitavelmente grupos se formam e criam-se conexões. Tanto que para Gilberto (2016), as instituições de ensino superior exercem um papel delicado enquanto comunidade por ser um local de formação que está em constante mudança. Complementarmente, Sousa (2010) menciona os ideais em comum dentro de uma mesma comunidade, tendo o convívio social como base dentro dos grupos que constituem essa comunidade acadêmica que são essenciais para o processo de formação de qualquer profissional, principalmente os da área da saúde que estarão em constante contato com outros sujeitos.

Destarte, levando em consideração que a universidade é um território que vai além do conhecimento, observamos ao longo do relato dos participantes que a universidade pode impactar positiva ou negativamente no processo de construção de vínculos, mas que a saudade dos familiares, em sua maioria só são visitados nas férias acaba por ser um ponto de comparação e em muitos casos de desvantagem emocional em relação aos colegas já residentes na capital.

### 5.5.1 Construção de vínculos na universidade

O ingresso no ensino superior envolve diversas mudanças, especialmente para os estudantes rurais ribeirinhos, que enfrentam uma transição territorial significativa. Além de deixar para trás os vínculos estabelecidos em suas comunidades de origem, esses estudantes precisam construir novas redes de apoio no ambiente universitário. Teixeira *et al.* (2008) destacam que essa transição não se limita à escolha profissional e à construção de uma identidade autônoma, mas também envolve a formação de novas relações interpessoais, processo que se torna mais complexo quando há diferenças culturais entre o contexto de origem e o universitário.

Nas falas dos estudantes de saúde entrevistados, observa-se que a competição no ambiente universitário e as diferenças culturais influenciam diretamente a formação de amizades. A dificuldade de vinculação e a desconfiança nas relações são aspectos recorrentes, como ilustra a fala de Castanheira:

E assim... eu pensei que aqui também seria uma parte para eu criar laços e tudo mais [...]. Assim, quando o CAJAN, que é o nosso Centro Acadêmico [...], divulgou no Instagram a lista dos aprovados e fizeram um grupinho para... para começarem a interagir com os calouros, eu percebi que já tinha. já tinham suas panelinhas designadas e que eu não gostava daquilo de: 'ah, tem que ter uma festa, a gente tem que ir para isso e para o restaurante'. Até esqueci o nome agora, bem caro e eu não tinha como tá indo para isso (Castanheira).

A fala de Castanheira ilustra uma das principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes ribeirinhos: a construção de vínculos no ambiente universitário. O sentimento de não pertencimento e a timidez são aspectos recorrentes nas narrativas dos entrevistados, refletindo os desafios de adaptação a um novo contexto social e cultural. Essas dificuldades podem ser analisadas a partir de quatro dimensões, conforme Almeida *et al.* (2000): acadêmica, social, pessoal e vocacional/institucional. A dimensão pessoal destaca-se pela construção da identidade e do conhecimento individual no espaço universitário. Já a dimensão social incorpora o desenvolvimento de relações interpessoais, enquanto a acadêmica refere-se à adaptação aos novos ritmos e sistemas de aprendizagem. Dito isso, os participantes enfatizaram o “ser muito fechado” para a construção de vínculos como uma forma de autoproteção dentro da universidade:

Ah, sei lá. Tipo...No geral, até hoje eu sou muito fechado, não que tipo eu seja ruim ou fechado, mas tipo assim, tipo sei lá... Tu chega comigo e eu te dou uma patada ou então tu me da um “bom dia” e eu faço (expressão de cara fechada), entendeu? É mais por questão da pessoa chegar e conversar no diálogo como agora nessa entrevista entendeu? Eu sou uma pessoa muito falante, mas só que se a pessoa não chegar muito comigo assim eu também não vou chegar (risadas) (Maçaranduba).

Eu sou uma pessoa muito fechada. É assim, além de ser fechado, tenho uma cara que não é de... de nossa! Ela quer fazer amigos. Eu fico com a cara fechada o tempo todo, do meu jeito mesmo. E eu tive alguns colegas, acho que dois que continuam falando comigo, que a gente conversa e tudo (Castanheira).

O fator timidez foi recorrente e demonstra uma dificuldade nas interações interpessoais conforme mencionada por Almeida *et al.* (2000) e reforçada por Teixeira *et al.* (2008) quando mencionam que a experiência universitária não se resume a formação profissional, devido aos fatores que permeiam a entrada na universidade. Para os universitários ribeirinhos, essa experiência de adaptação universitária é experienciada juntamente com a adaptação ao urbano, a um novo conceito de rotina, paisagem e responsabilidades que vão além da adaptação na universidade, tendo como particularidade o modo de ser, os acessos a direitos como a educação e, principalmente sua interação com o mundo urbano (Gentil; Calegare, 2023).

O fato de os estudantes ribeirinhos Maçaranduba e Castanheira relatarem o elemento de “serem muito fechados” como uma característica intrínseca, nota-se uma concordância desse mesmo fator entre os entrevistados. A criação de vínculos no ambiente universitário, para esses estudantes, é marcada por uma sensação de desencaixe. Esse sentimento pode ser compreendido à luz da análise de Gentil e Calegare (2023), que destacam a influência das realidades social, econômica e política nesse processo. Embora os jovens compartilhem certas experiências, o contexto urbano faz com que essas vivências ocorram de maneira distinta.

Nesse cenário, o estabelecimento da confiança surge como um dos pilares fundamentais para a construção de vínculos e amizades dentro da universidade. Trata-se de um elemento indispensável durante o processo de formação, conforme apontado pelos estudantes Apuizeiro e Jatobazeiro:

É uma importância, digamos, bem grande. Não chega a ser a principal, mas pega ali, tipo, o segundo lugar de importância. Porque é se apoiando nas pessoas que a gente consegue ainda ter um pouco de respiro, ter um pouco de apoio, não digo nas pessoas, mas nos amigos e nas amigas que estão passando pelos mesmos problemas que os seus. Então é importante esse ciclo social aí (Apuizeiro).

Acho que o apoio, porque querendo ou não, aqui na faculdade a gente não consegue nada sozinho. Às vezes eu sei de uma coisa, mas não sei de outra, principalmente em anatomia. Eu sei de tal, de tal órgão e meu colega não sabe. Eu vou lá e ajudo ele sobre essa tal peça e ele me ensina o que ele sabe. Então essa, essa junção de informações acaba ajudando a gente durante todo o curso, principalmente ajudando nos estudos (Jatobazeiro).

Ao mesmo tempo que os estudantes evidenciam a importância da amizade para o progresso acadêmico, não deixam de demonstrar o receio nessa construção. Para os jovens que advêm de contextos ribeirinhos esse processo é atravessado pela construção também de uma rede de apoio, já que todo o ciclo social anteriormente constituído acabou ficando em seus respectivos lugares, bem como seus familiares. O ingresso na universidade para jovens ribeirinhos é um duplo processo de adaptação, tanto com o mundo universitário, quanto com a formação de um novo ciclo. Tal processo de acordo com o estudante Apuizeiro, está em um considerável nível de importância quando se trata de apoio durante a formação acadêmica.

As particularidades da vivência dos povos rurais em contexto urbano, é validada por estudos desde meados de 2010 pelo campo interdisciplinar da psicologia que é denominada psicologia rural (Calegare, 2017). A psicologia rural, articulada aos fatores educacionais que impulsionam a travessia de jovens para ingressar no ensino superior nas cidades, revela a escassez de recursos e oportunidades em suas comunidades de origem. Nesse contexto, a busca por ascensão social muitas vezes coloca a construção de vínculos universitários em segundo plano.

Falamos sobre timidez se tornam recorrentes, embora isso não diminua a importância das conexões afetivas, especialmente diante do afastamento familiar e da ruptura com a rotina anterior. Esses vínculos são atravessados por inseguranças, como exemplifica o estudante Jatobazeiro:

Aí eu acho que, tipo, o meu psicológico não foi tão abalado justamente por conta disso que eu... Eu vim para cá com medo.

Será que eu vou? Vou me juntar a um determinado grupinho. Será que eu vou me adaptar, principalmente com a rede de apoio, assim, de colegas da faculdade? Aí, só de ter alguém que a gente já conhece, vindo junto com a gente, a gente já tem meio que essa rede de apoio (Jatobazeiro).

A fala do estudante remete a uma sensação de segurança referente a ter alguém conhecido dentro da universidade para partilhar as experiências e, principalmente como no caso do Jatobazeiro, este sendo da mesma comunidade. Essa identificação e facilidade de adaptação trazida pelo estudante, demonstra que ao ter pessoas conhecidas por perto para desbravar a universidade, o processo torna-se mais leve e a construção dessa rede de apoio de amizade acaba sendo facilitada, o que não acontece com todos os estudantes, tendo estes que construir essa rede do zero. A psicologia, principalmente a rural, representa um importante campo nesses estudos, principalmente quando se coloca em evidência os povos tradicionais e a construção psicossocial que está por trás de cada vivência relatada pelos sujeitos (Silva; Macedo, 2017).

No entanto, deve-se levar em consideração a instituição de ensino em que esses estudantes estão inseridos. A Escola Superior de Ciências de Saúde do Amazonas (ESA) é um dos polos da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o maior multicampi do Brasil e, por esse motivo, bastante disputado para ingresso. Nesse sentido, o clima de competição acaba sendo inevitável desde o processo seletivo. Sabe-se que os estudantes ribeirinhos acessam a universidade por meio da cota própria da instituição, sendo a lei estadual n.º 2.894 de 31 de maio de 2004, que viabiliza o acesso ao ensino superior para estudantes dos interiores do estado (Brasil, 2004). Todos os estudantes entrevistados tiveram acesso à universidade por meio dessa lei, ou seja, passaram pelo processo de travessia e tem em comum a dificuldade na construção de amizades dentro da universidade, perpassada também pelas dificuldades que os mesmos enfrentam no processo de construção de confiança, conforme afirma Maçaranduba:

(Pausa) é porque é difícil, sabe? Porque tipo eu não vejo pessoas muito sinceras aqui, então pra mim amizade é uma palavra forte. Eu tenho conhecidos [...] Mas amizade assim... pessoas que eu confio um segredo, alguma coisa assim mais.... ou então sei lá, chama para tua casa um dia para sei lá, estudar ou tomar um café, uma merenda um almoço, não! [...] mas não é uma questão de que eu seja chato com as pessoas sabe [...] vim dessa realidade

né? Eu não conhecia muitas malícias né? No geral, eu fui aprendendo mesmo com o restante depois que eu saí da agrovila que foi meio que uma crescente de aprender sobre isso que eu nem conhecia... [...]. e não é porque tipo eu, eu queria me bancar o coitadinho ou ser inocente, era porque eu realmente não conhecia e o pessoal não acreditava. Porque minha realidade era totalmente diferente (Maçaranduba).

Quando se trata de contextos rurais, em específico o ribeirinho, nota-se uma dinâmica diferente da encontrada nas cidades. Dentre as principais diferenças, está o modo de vida. Quando o estudante Maçaranduba relata a ‘inocência’ quando teve seu primeiro contato com o contexto urbano ainda no ensino médio, a fala corrobora com o choque cultural encontrado ao sair da comunidade ribeirinha para buscar ascensão educacional na cidade e, também na dificuldade para formação de vínculos. Oliveira *et al.* (2014) demonstram que experiências universitárias podem interferir no rendimento acadêmico tanto positivo quanto negativamente e a vivência universitária se diferencia a partir do ano que o estudante se encontra dentro do ensino superior, tendo maior capacidade de enfrentamento das situações, bem como a formação de vínculos nesse contexto.

Em contrapartida, Souza (2009) traz uma discussão sobre as amizades no contexto educacional e um comparativo da universidade e escola corroborando com as falas dos estudantes entrevistados nesta pesquisa quando relatam a dificuldade na construção de vínculo sinceros dentro da universidade. Há então uma divisão da amizade nesse contexto em seis funções: ajuda, companheirismo, intimidade, aliança confiável, segurança emocional e autovalidação. Essas funções desempenham um papel de evolução dentro da vida universitária levando em consideração que os estudantes em sua maioria são jovens adultos e estão com um objetivo profissional em comum. A autora observou que ex-colegas de escola possuem um vínculo atrelado a quase todas as funções descritas e vínculos estabelecidos na universidade tendem a se direcionar para a função de ajuda, bem como a sentimentos negativos (Souza, 2009).

Refletir sobre a construção de vínculos entre sujeitos de diferentes culturas que compartilham um mesmo objetivo de carreira dentro da universidade é também evidenciar padrões de comportamento. Essa ideia é ilustrada pelo relato do estudante Maçaranduba e reforçada pela fala da estudante Castanheira. Quando questionada sobre suas expectativas ao ingressar em uma universidade pública, especialmente no que diz

respeito à construção de vínculos, Castanheira expressa: “*Mas nunca uma amizade de dizer “E aí, tudo bem? Vamos fazer tal coisa? Tá precisando de alguma coisa? Como é que foi o teu dia?” E a gente sente falta disso”*”

Esse depoimento corrobora a análise de Souza (2009), que destaca a função de ajuda como uma das dimensões importantes das amizades universitárias. A fala de Castanheira evidencia a ausência de relações mais próximas e afetivas no ambiente acadêmico, ressaltando a carência por interações que ultrapassem o contato superficial.

Dito isso, percebeu-se a importância das relações dentro do espaço universitário e o quanto isso pode afetar o desempenho dos universitários, ainda mais quando o recorte passa a ser com ribeirinhos. A diferença cultural mesmo estando em um mesmo território torna-se uma barreira devido ao contexto de vida e experiências diferentes, a forma de se relacionar dentro de comunidades tradicionais sendo diferente da forma da cidade, gerando estranheza e causando a timidez relatada pelos participantes entrevistados. Com isso, entende-se que para estudantes ribeirinhos, a construção de vínculos ao ingressar na universidade é atravessada por dificuldades iniciais na interação pelo perfil ‘fechado’ e pelo ambiente de competição nos cursos da área da saúde. Essa dificuldade está ligada principalmente com a rede de apoio necessária para a trajetória dentro da universidade tornando o fazer universitário desses jovens mais solitários.

### **5.5.2 Entre a saudade e o apoio: a importância da rede familiar na travessia para a universidade**

A universidade representa um ambiente distinto do escolar, e para jovens ribeirinhos, o acesso a esse espaço frequentemente implica em deixar suas comunidades de origem. Essa travessia, que geralmente os leva a cidades onde estão localizadas as universidades públicas, é um momento de transição significativa. A rede de apoio formada por familiares e amigos desempenha um papel crucial durante o ensino superior. Teixeira *et al.* (2008) destacam que o apoio emocional dos pais e familiares durante o ingresso no ensino superior é um dos pilares que contribuem para uma melhor adaptação à universidade. Os autores postulam ainda que, no âmbito psicológico, o apego aos pais pode ser benéfico quando estabelecido de maneira saudável, o que denominam de "apego seguro". Esse conceito é particularmente relevante para estudantes ribeirinhos, que muitas vezes enfrentam um distanciamento físico e emocional significativo de suas famílias.

Para os estudantes da ESA que vêm de comunidades ribeirinhas, o distanciamento é inevitável e frequentemente resulta de uma escolha pautada pela busca de ascensão social por meio de um curso de nível superior, especialmente na área da saúde. No entanto, o afastamento da rotina, dos costumes, dos familiares e dos amigos está associado a mudanças psicológicas e sociais profundas.

Outra mudança é a questão da família, que fica distante, porque eu estava sendo um braço forte da minha família e depois ver meus familiares reclamando assim: ‘Cara, que falta que faz aqui por causa disso, disso, que era mais fácil quando você estava aqui. Agora a gente sente tua falta.’ E o meu relacionamento basicamente estava vivendo, tudo. [...]. Só que viver essa conexão à distância foi uma coisa dolorida, porque a gente tava no auge, [...]. E hoje em dia a gente tá aí com o neném recém-nascido, já recém-nascido não, já tem seis meses. Mas assim me faz falta esse momento (Apuizeiro).

A fala de Apuizeiro retrata vividamente a experiência de distanciamento familiar, especialmente no contexto de seu papel como provedor, mesmo estando em outra cidade. Essa situação afeta diretamente tanto seu rendimento acadêmico quanto seu bem-estar psicológico. A saudade e o sentimento de falta reforçam a importância indispensável da rede de apoio familiar. Essa experiência ilustra os desafios emocionais enfrentados pelos estudantes ribeirinhos, que muitas vezes precisam equilibrar suas responsabilidades acadêmicas com as demandas familiares. Além disso, a falta de apoio familiar pode representar um obstáculo adicional para o sucesso acadêmico, tornando ainda mais necessário o suporte de políticas e práticas que apoiem esses estudantes em sua jornada educacional.

Essas demandas, quando observadas pela lente da Psicologia Social Crítica, nos convidam a refletir sobre como situações como o distanciamento familiar impactam no contexto mais amplo do sujeito, incluindo suas condições sociais, econômicas e culturais. As diferenças regionais, ao comparar o contexto de vida de jovens ribeirinhos que precisaram fazer a travessia para cursar o ensino superior, trazem à tona a falta de políticas públicas eficazes e as dinâmicas de poder que marginalizam comunidades periféricas. Conforme proposto por Lima, Almeida e Ciampa (2009), o pensamento emancipatório da Psicologia Social Crítica está direcionado para uma compreensão histórica e social que privilegia o sujeito como um todo, considerando as estruturas que o oprimem e as possibilidades de transformação.

Nesse sentido, a fala dos estudantes sobre a rede de apoio demonstra uma falta que vai além do individual, refletindo falhas estruturais, como relatado por Samaúma:

Às vezes é triste. Porque sempre fui acostumada com a mamãe perto, o papai perto. Foi como eu falei no primeiro período. Foi por causa disso, das minhas crises de ansiedade. Eu sentia muita falta do colo da mamãe e aqui eu não tenho. E eu não sou muito próxima da minha tia, assim. Mas agora eu sou, mas antes eu não era. Aí eu me sentia muito sozinha. Muito, muito. Eu engordei por causa disso. Engordei mais ainda (Samaúma).

A solidão vivenciada por Samaúma não é apenas uma questão emocional, mas um reflexo da fragilidade encontrada no suporte institucional e de políticas que garantam o bem-estar dos estudantes universitários que fazem a travessia. A universidade, enquanto instituição, poderia oferecer espaços de acolhimento e suporte psicológico para mitigar esses sentimentos, mas a ausência de tais iniciativas reforça as desigualdades enfrentadas por esses jovens.

Da mesma forma, a fala de Jatobazeiro ilustra como o distanciamento familiar impacta a vida cotidiana:

É algo desafiador, porque eu era muito assim... Final de semana com a família. Final de semana a gente ir para as praias e passear juntos. Eu sou mais família, Então para mim esse... Esse não ter mais contato me deixou meio que mais triste, porque eu chego em casa mesmo eu estando ali com a minha família. Só que eu não tinha esse contato com eles, eu chegando em casa eu não tenho essa rede de apoio assim (Jatobazeiro).

Aqui, a falta de contato com a família não é apenas uma questão geográfica, mas também um reflexo das desigualdades regionais que limitam o acesso a recursos básicos, como transporte e comunicação. A Psicologia Social Crítica nos permite entender que a superação desses desafios pode ser vista como um ato de resistência, em que os estudantes buscam, apesar das adversidades, construir uma nova rede de apoio e garantir sua permanência no ensino superior. Mesmo sabendo que a entrada na universidade faz parte de um processo típico de desenvolvimento na vida do jovem adulto Teixeira *et al.* (2008, p. 2) refletem sobre “as dificuldades enfrentadas e as repercussões dessa experiência em seu desenvolvimento psicológico”.

Diante do exposto, Oliveira e Dias (2014) concluíram que, entre as principais dificuldades enfrentadas no ensino superior, destacam-se a relação com o curso escolhido, as demandas individuais e o impacto da saída de casa, especialmente para os estudantes que precisam deixar suas cidades de origem. Essa afirmação coincide com a afirmativa de Jatobazeiro ao destacar a solidão aos finais de semana, justamente o período de tempo que não está tão ocupado com as demandas da universidade. O contato familiar torna-se menos frequente e em sua maioria sendo feito somente nas férias. Maçaranduba reforça dizendo: *“Ahhh! É complicado assim... é, da saudade, tipo, toda a questão de pai e mãe. Mais pai e mãe né, principalmente pra mim, mãe! Por que é a mais, mais pesado pra mim.”*

A fala do estudante direciona ao sentimento de solidão, ao citar a saudade da mãe e implicitamente demonstra a solidão vivenciada dentro da cidade. Essa solidão possui uma característica de fato regional, pois é comum que nas comunidades ribeirinhas a cultura seja do contato constante, enquanto nas cidades a vivência é de forma mais individual. O senso de coletivo nas comunidades demonstra o que Oliveira (2004) pontuou em seu estudo sobre a diferença cultural entre o rural e o urbano que envolvem hábitos e costumes. O autor afirma que com o passar do tempo e, levando em consideração a revolução industrial, cada vez mais os interiores estão ganhando características urbanas, mas destaca a importância de manter os costumes e tradições do rural.

Dentre os costumes que regem a herança ribeirinha estão as reuniões que são, em sua maioria, em torno de comidas, partilhas e conversas que se tornam tradições. Sua cultura que é regida pelo rio constata a territorialidade existente e a formação da comunidade nesse território (Lira; Chaves, 2016). Ao atravessar o rio para ir ao encontro de melhores oportunidades os jovens ribeirinhos acabam se deparando com a vivência individualizada nos grandes centros urbanos, onde até mesmo o tempo tem outro ritmo. Essa quebra abrupta tanto de rotina, quanto de costume ocasiona o que foi relatado pelos estudantes como: saudade e solidão. A importância da rede de apoio familiar para a manutenção tanto da saúde mental quanto dos objetivos é essencial para o universitário, aspecto confirmado pela estudante Castanheira: *“A minha irmã do meio. Ela... Ela tem uma bebezinha [...], minha sobrinha, primeira sobrinha, primeira neta, primeira tudo. Minha rede de apoio, minha amiga, minha rede de apoio. São elas duas”*.

A fala de Castanheira, reflete não só a importância da rede de apoio, como também do afeto. Partindo dessa afirmativa, estudantes da área da saúde experimentam euforia ao adentrar na universidade, o que logo é substituído por cobranças, na maioria das vezes, ocasionada pela autocobrança em busca de um bom rendimento acadêmico (Oliveira; Nina, 2019). Ao ser questionada sobre a importância dessa rede de apoio familiar, Castanheira continua dizendo que:

Eu acho que tudo, porque como a minha irmã caçula não tá aqui, elas são tudo. Eu passo tempo com a minha sobrinha. Ela acalma minha ansiedade. Ela me faz assim, enxergar uma luz na vida mesmo. Ela brinca e fala: “Titia chegou” e me abraça e me beija. A minha irmã também, né? A gente tem uma troca muito boa, genuína também. A gente conta sobre o nosso dia. Eu conto das dificuldades daqui ela me conta da faculdade dela e a gente vai alinhando as coisas (Castanheira).

As experiências aqui compartilhadas pelos universitários sobre a rede de apoio familiar e as dificuldades que a falta e a distância trazem, refletem a realidade de diversos estudantes, representados neste estudo pelos estudantes amazônicos. Desde o princípio, ao escolher o caminho da educação superior, os mesmos sabem que o distanciamento familiar será inevitável, mas ao vivenciar na prática um novo ciclo social, o desconhecimento e desconforto das demandas acadêmicas que vão surgindo e a falta de colo que somente o lar de origem traz, acaba sendo um choque cultural. A importância dos vínculos construídos e do acolhimento que a universidade pode oferecer acaba sendo uma oportunidade para esses jovens enfrentarem os banzeiros decorrentes da distância de suas comunidades de origem. Cabe ressaltar que a cidade se torna a casa desses universitários ribeirinhos, mas o lar sempre será sua cultura, a proximidade com o rio e seus familiares.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender as dimensões psicossociais da transição entre comunidades ribeirinhas e a cidade de Manaus/AM entre estudantes da área da saúde da Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA/AM). Para isso, nos guiamos por três objetivos específicos: (1) identificar as expectativas e motivações desses estudantes no acesso ao ensino superior; (2) analisar as dimensões psicossociais da transição entre a comunidade ribeirinha e o ambiente urbano de Manaus/AM no contexto universitário; e (3) descrever o papel e a dinâmica das redes de apoio no cotidiano desses jovens.

Foram entrevistados cinco estudantes dos cursos de Odontologia e Enfermagem. Com base nas falas dos participantes, analisadas à luz da análise temática, emergiram três temas principais e oito subtemas que responderam aos objetivos propostos. As falas revelaram que o processo de travessia, acesso e permanência de estudantes ribeirinhos na universidade configura-se como um ato de resistência cotidiana. Os dados evidenciaram que a estrutura universitária ainda opera como um território desigual, em que questões como moradia, saúde mental e reconhecimento identitário são frequentemente negligenciadas. Embora existam políticas e ações voltadas à inclusão, elas se mostram insuficientes diante da complexidade das demandas. Em muitos casos, o que se observa é uma inclusão distante, quase simbólica, incapaz de escutar o pedido de socorro preso na garganta de quem, por não encontrar apoio, desiste ainda durante o processo.

No que tange às expectativas e motivações para o ingresso no ensino superior, observou-se que a busca por ascensão social e a ruptura com o trabalho braçal, comumente exercido nas comunidades ribeirinhas por meio da agricultura e da pesca, figuram como principais motivações. Quanto às expectativas, percebe-se que, na maioria das vezes, elas estão pautadas apenas na sobrevivência, não havendo espaço, inicialmente, para projeções mais amplas de futuro.

A fim de discutir essas questões sob uma perspectiva decolonial e situada na Amazônia, foram priorizados autores regionais, como Socorro Nina (2014), Marcelo Calegare (2015, 2017, 2023), Gisele Resende (2022), Thalyta Gomes (2024) e Virgínia Souza (2022). Esses autores apontam para a necessidade de que a universidade pública, seja estadual ou federal, reconheça as especificidades dos povos tradicionais, frequentemente invisibilizados. Com base nesse referencial, consideramos que o primeiro

objetivo foi alcançado, especialmente quando os relatos dos participantes revelaram que o acesso ao ensino superior está profundamente vinculado à melhoria de vida de suas famílias e à busca por melhores oportunidades.

Compreender a travessia universitária requer considerar que ela ultrapassa os portões da universidade. Para estudantes ribeirinhos, as diferenças territoriais são vividas de forma intensa. O contraste entre os espaços rural e urbano, sobretudo nas paisagens e ritmos de vida, gera um processo de desterritorialização, que exige adaptação social, cultural e educacional. No campo educacional, destaca-se a experiência dos calendários escolares adaptados às cheias e secas, vivência comum entre ribeirinhos e muitas vezes ignorada pelas instituições urbanas.

Nesse contexto, a Psicologia Rural foi uma aliada fundamental para compreender, de forma descentralizada, novas abordagens de atuação que respeitem as particularidades dos sujeitos amazônicos. Leite *et al.*, ao tratarem das ruralidades latino-americanas, contribuíram para a compreensão da dimensão social que atravessa os estudantes em sua transição do território ribeirinho para o urbano. A articulação entre a Psicologia Rural e a Psicologia Crítica decolonial evidenciou o sofrimento ético-político vivenciado por esses estudantes, reforçando a urgência de revisão das políticas de acesso e permanência, como auxílios emergenciais e formação docente. Autores como Ciampa, Sawaia e Silvia Lane alertam para a importância de uma postura crítica da psicologia diante das questões sociais emergentes, como as relacionadas à educação.

Um dado central evidenciado nas entrevistas diz respeito à violência simbólica e estrutural, compreendida a partir de Pierre Bourdieu. Mesmo aqueles que conseguiram acessar a universidade relataram relações entre professores e alunos marcadas por tensões, muitas vezes alimentadas pela ausência de letramento geográfico e desconhecimento sobre os modos de vida dos povos tradicionais. Isso impacta diretamente as dimensões social, psicológica e econômica. A instabilidade financeira foi amplamente mencionada, com destaque para as dificuldades relacionadas à moradia e à conciliação entre trabalho e estudos. Ainda assim, os estudantes afirmaram com firmeza: o sonho do ensino superior é inegociável. No entanto, alertam que acesso sem permanência é uma porta que se abre apenas para, em seguida, se fechar, transformando o projeto de inclusão em um mito.

No que se refere ao terceiro e último objetivo, as entrevistas revelaram dois eixos centrais sobre as redes de apoio: (1) a dificuldade na construção de vínculos dentro da

universidade e, (2) a importância do apoio familiar, mesmo à distância. Os entrevistados relataram que a timidez e o comportamento mais reservados, características marcadas por seu contexto sociocultural, dificultam a construção de amizades, especialmente com colegas oriundos do meio urbano. O distanciamento familiar contribui para sentimentos de solidão, intensificados pelo fato de esses jovens atravessarem uma dupla transição: da escola básica para o ensino superior e do território rural para o urbano.

Esses achados evidenciam que realizar uma pesquisa com estudantes ribeirinhos em uma universidade pública do Amazonas foi, ao mesmo tempo, um desafio e uma experiência reveladora. A escolha pela ESA/AM foi intencional, dado o interesse em elucidar respostas sobre a transição psicossocial atravessa estudantes da área da saúde. A ausência de entrevistados do curso de Medicina, por exemplo, evidencia a exclusão ainda presente e reforça a necessidade de políticas de inclusão que incorporem uma perspectiva decolonial voltada às minorias amazônicas.

Dentre as principais contribuições teórico/práticas resultantes dessa pesquisa, coloca-se a possibilidade de avanço, não somente no campo de estudos com ribeirinhos, mas para ampliar o papel de uma instituição de ensino que tenha a possibilidade de desenvolver estratégias como seminários de letramento geográfico regional para docentes, rodas de conversas que possibilitem integração e identificação entre os alunos, dentre outras possibilidades que possam surgir a partir desse diálogo. Buscamos não somente pesquisar a realidade ribeirinha na universidade pública da área da saúde, mas contribuir para que a universidade possa adotar práticas que sejam cada vez mais horizontais.

A partir disso, partindo para os desdobramentos teóricos, dá-se ênfase para a elaboração de estudos voltados a ribeirinhos e à universidade, trazendo como base a psicologia, tendo esta um papel importante nessa discussão que é política, educacional, mas também psicossocial. A escassez de estudos com ribeirinhos, a ausência do termo nos descritores das bases de dados, bem como suas especificidades, torna essa pesquisa um ponto de partida para que haja uma mudança no cenário da atual realidade da literatura científica. E, ao dar visibilidade a essa população, espera-se contribuir para o fortalecimento de políticas públicas mais estruturadas, voltadas não apenas ao acesso, mas à permanência desses jovens no ensino superior.

Como limitação da pesquisa, destaca-se o acesso ao público da pesquisa que foram de cursos bastante específicos da área da saúde que fossem ribeirinhos, sendo um

processo de escolha limitante. A pesquisa também se restringiu a uma única universidade em um contexto estadual. Investigações futuras podem expandir esse escopo, comparando diferentes regiões do país e incluindo a perspectiva de docentes.

No campo de pesquisas futuras, sugerimos que as mesmas contemplem cursos para além da área da saúde, além de comparativos sobre os processos de acesso e permanência de ribeirinhos em universidades públicas estaduais e federais. Sugerem-se ainda pesquisas a partir do olhar da psicologia frente a saúde mental bem como desempenhos dos estudantes ao longo do curso.

A dificuldade em encontrar estudos sobre ribeirinhos na universidade mostra que essa realidade é vivida de forma silenciosa. Como pesquisadora ribeirinha em formação, acredito que há caminhos possíveis a serem trilhados. Esses caminhos, apontados pelos próprios entrevistados, envolvem ações práticas que a universidade pode implementar para transformar o acesso em permanência efetiva. Entre elas, destacam-se: a implementação de um auxílio-moradia antecipado, a ser liberado ainda durante o processo seletivo, garantindo condições mínimas de permanência na cidade; a criação de programas de nivelamento pedagógico que valorizem os saberes tradicionais dos alunos, evitando sua estigmatização; a realização de oficinas de formação docente com povos amazônicos, com o objetivo de romper com metodologias urbanocêntricas e desconstruir visões estereotipadas, adequando o ensino às realidades dos estudantes.

Além disso, destaca-se a necessidade de suporte psicológico para esses universitários. A criação de grupos de acolhimento ou rodas de conversa poderia fortalecer os vínculos entre universidade e estudante, contribuindo para a redução da evasão e o enfrentamento das dificuldades cotidianas. Essas medidas, articuladas, buscam enfrentar a precariedade material, a violência simbólica e a invisibilização cultural, elementos que hoje fazem da universidade um projeto de inclusão pela metade.

Por fim, ao contemplar um público específico e ainda invisibilizado, esperamos que esta pesquisa seja apenas a primeira, como uma canoa que atravessa o rio enfrentando fortes banzeiros, com dificuldade, mas persistência. Que ela inspire outros pesquisadores, especialmente os ribeirinhos, a ampliar suas vivências e a transformá-las em ferramentas de luta. Pesquisar a realidade que se habita é mais que um ato científico: é reconhecer que há rios inteiros por desbravar, mas que toda jornada começa com a coragem de molhar os pés. Escrever sobre a experiência ribeirinha na universidade é, antes de tudo, um ato político de existência. Que estas páginas não sejam um ponto final, mas o início de uma

caminhada por novos territórios, físicos e simbólicos, até que nenhum estudante precise mais escolher entre suas raízes e seu diploma.

## 7. REFERÊNCIAS

ABREU, M. K. D. A.; XIMENES, V. M. Pobreza, permanência de universitários e assistência estudantil: Uma análise psicossocial. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 32, e200067, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200067>.

ALBUQUERQUE, F. J. B. de; PIMENTEL, C. E. Uma aproximação semântica aos conceitos de urbano, rural e cooperativa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, p. 175-182, 2004.

ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C.; FERREIRA, J. A. G. Transição e adaptação à universidade: apresentação de um questionário de vivências acadêmicas (QVA). **Psicologia**, v. 14, n. 2, p. 189-208, 2000.

ALVES, A. D.; JUSTO, J. S.. Espaço e subjetividade: estudo com ribeirinhos. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 181-189, 2011.

AMAZONAS. **LEI Nº 6.898, DE 20 DE MAIO DE 2024**. Dispõe sobre as vagas oferecidas em concursos vestibulares da Universidade do Estado do Amazonas e dá outras providências. Amazonas, AM: Assembleia Legislativa Do Estado Do Amazonas, 20 de maio. 2024.

AMAZONAS. Universidade do Estado do Amazonas (UEA). **Política de Apoio e Assistência Estudantil da UEA**. EDITAL Nº 110/2024-GR/UEA - AUXÍLIO PERMANÊNCIA. Amazonas, AM, 2024.  
<https://selecao2.uea.edu.br/xfiles/data/xselecao/24456.pdf>

AMAZONAS. Universidade do Estado do Amazonas. Conselho Universitário. **Resolução n. 33/2013-CONSUNIV, de 5 de julho de 2013**. Altera a Resolução n. 019/2011, que institui o Sistema de Ingresso Seriado para acesso aos Cursos de Graduação de oferta regular da Universidade do Estado do Amazonas - SIS-UEA. Diário Oficial do Estado do Amazonas, Manaus, AM, publicações diversas, p. 7, 18 jul. 2013.

ARAÚJO, J. A. Sobre a cidade e o urbano em Henri Léfèbvre. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 16, n. 2, p. 133-142, 2012.

ARAÚJO, K. S., et al. O ensino médio a distância: motivação e desafio vivenciado pelos alunos ribeirinhos da escola rural filadélfia. **Revista Expressão Católica**, 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Zahar, 2003.

BEZERRA, T. S. Vidas em trânsito: Juventude rural e mobilidade(s) pelo acesso ao ensino superior. 2013. **Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza**, 2013.

BOCK, A. M. B., et al. Sílvia Lane e o projeto do " Compromisso Social da Psicologia". **Psicologia & Sociedade**, 2007.

BORDALO, A. A. Estudo transversal e/ou longitudinal. **Revista Paraense de Medicina**, v. 20, n. 4, p. 5, 2006.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL, **LEI Nº 14.914, DE 3 DE JULHO DE 2024**. Institui a Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Câmara dos Deputados - Palácio do Congresso Nacional - Praça dos Três Poderes Brasília - DF – Brasil, 2024.

BRASIL. Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas. **Lei Ordinária nº 2894/2004 de 31/05/2004**. Amazonas, 2004. Disponível em:

<https://xfiles.uea.edu.br/data/legislacao/ato/p5791.pdf>. Acesso em: 14 de janeiro de 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República**, 1988. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 08 ago. 2024.

BRASIL. **Lei de Cotas para o Ensino Superior. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2012/lei/112711](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112711.htm).htm. Acesso em: 08 ago. 2024.

BRASIL. **Resolução nº 33, de 9 de agosto de 2013**. Dispõe sobre a destinação de recursos financeiros, nos moldes operacionais e regulamentares do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Diário Oficial da União, Brasília, DF, seção 1, 9 ago. 2013.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 fev. 2007. Disponível em:

[http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/DEC%206.040-2007?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEC%206.040-2007?OpenDocument).

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CALEGARE, M. G. **A psicologia florestal amazônica e os processos psicoflorestais**. 2023 In: CALEGARE, M. G. A.; RIBEIRO, L. P.; OLIVERA-MÉNDEZ, A.

**Psicologia Rural: percursos, práticas e reflexões latino-americanas = Psicología Rural: recorridos, prácticas y reflexiones latino-americanas [livro eletrônico**. Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus, AM: EDUA, 2023.

CALEGARE, M. G. A. Rumo a uma abordagem psicossocial da florestalidade (ruralidade) amazônica. **Democracia participativa, estado e laicidade**, 2017.

CALEGARE, M. G. A. Rural-urbano, estudos rurais e ruralidades: saberes necessários à Psicologia Social. **A psicologia social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil**, p. 473-457, 2015.

CALEGARE, M. G. A. Rural-urbano, estudos rurais e ruralidades: Saberes necessários à Psicologia Social. In: **A Psicologia Social e os Atuais Desafios Ético-Políticos no Brasil**, p. 473-457, 2015. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/profile/AluisioLima/publication/328784256\\_A\\_Psicologia\\_Social\\_e\\_os\\_atuais\\_desafios\\_etico-politicos\\_no\\_Brasil/links/5be2d8e692851c6b27ad8308/A-Psicologia-Social-e-os-atuais-desafios-etico-politicos-no-Brasil.pdf#page=447](https://www.researchgate.net/profile/AluisioLima/publication/328784256_A_Psicologia_Social_e_os_atuais_desafios_etico-politicos_no_Brasil/links/5be2d8e692851c6b27ad8308/A-Psicologia-Social-e-os-atuais-desafios-etico-politicos-no-Brasil.pdf#page=447).

Acesso em: 08 ago. 2024.

CHIODI, R. E.; MARQUES, P. E. M.; MURADIAN, R. S. Ruralidades e Política Ambiental: heterogeneidade socioeconômica e lógicas indiferenciadas dos projetos públicos de pagamento por serviços ambientais. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 56, p. 239-256, 2018.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. Editora Brasiliense, 1987.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) com povos tradicionais. **Brasília: Conselho Federal de Psicologia; Conselhos Regionais de Psicologia**; Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas, 2019.

CORRÊA, R. L. et al. **O espaço urbano**. Ática, 1989.

CORTES, V. da N. Q.; PEIXOTO, A. de L. A. Transição Universidade-Trabalho: um estudo com cotistas e não cotistas. **Rev. bras. orientac. prof.**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 181-192, 2024. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902024000200181&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902024000200181&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 jun. 2025. Epub 02-Dez-2024. <https://doi.org/10.26707/1984-7270/2024v25n0207>.

CRUZ, Í. S. DA.; MOURA, F. R. DE.; ESPERIDIÃO, F.. Diferença do desempenho educacional entre estudantes de zonas rurais e urbanas no Brasil: uma análise quantílica incondicional. **Nova Economia**, v. 34, n. 3, p. e8384, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6351/8384> Acesso em: 21 mar. 2025

DANTAS, F. H.; SEIXAS, P. S.; YAMAMOTO, O. H.. A formação em psicologia no contexto da democratização do ensino superior no Brasil. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 76–96, 2019. DOI: 10.5433/2236-6407.2019v10n3p76. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/30730>. Acesso em: 4 jun. 2025.

DANTAS, C.; MACEDO, J. P. (Org.). **Psicologia e contextos rurais: diálogos psicossociais a partir da América Latina**. Curitiba: Editora CRV, 2023. p. 458.

DIMENSTEIN, M. et al. Produção de conhecimento, psicologia e pensamento decolonial. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 74, e011, 2022. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672022000100310&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672022000100310&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 jun. 2025. Epub 09-Set-2024. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.arbp-2022v74.19513>.

ESPEJO, M. I. R. et al. Psicología, procesos psicosociales y escenarios rurales. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 21, n. 3, p. 1-6, nov. 2022. Disponible en <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-69242022000300001&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-69242022000300001&lng=es&nrm=iso)>. accedido en 21 jun. 2025. <http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol21-issue2-fulltext-2806>.

FERNANDES, J. S. N.; MOSER, L. Comunidades tradicionais: a formação socio-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas. **Revista Katálysis**, v. 24, n. 3, p. 532–541, set. 2021.

FERNANDES, S. L.; GONÇALVES, B. S.; SILVA, L. S. P. Psicologia, Povos Tradicionais e Perspectivas De (s) coloniais: Caminho para Outra Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, 2022.

FIGUEIREDO, A. M. D.; LIMA, K. C. D.; MASSUDA, A.; AZEVEDO, G. D. D. Políticas de ampliação do acesso ao ensino superior e mudança no perfil de egressos de medicina no Brasil: um estudo transversal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 3751-3762, 2022. Disponível em: <https://10.1590/1413-81232022279.07092022>

FREITAS, M. C.; ÉSTHER, A. B.; SANTOS, J. C. Diversidade, estigmatização e pertencimento no contexto universitário. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 53, p. e09940, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/9940>. Acesso em: 4 jun. 2025.

GENTIL, M. G. F.; CALEGARE, M. Estudo de caso da trajetória escolar de um ribeirinho na universidade federal do Amazonas. **SciELO Preprints**, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.7714. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/7714>. Acesso em: 4 jun. 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas SA, 2002.

GILBERTO, I. J. L. Universidade, produção de conhecimento e trabalho coletivo. **REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA**, v. 8, n. 16, p. 270-276, 2016.

GOMES, I. O que é rural? Contribuições ao debate. **Boletim de Geografia**, v. 31, n. 3, p. 81-95, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/bolgeogr.v31i3.19007>. Acesso em: 08 ago. 2024.

GOMES, T. J. da S. Da Aldeia à Universidade: vivências cotidianas de mulheres indígenas em uma universidade do estado do Amazonas. 2024. 98 f. **Dissertação (Mestrado em Psicologia)** - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2024.

GOMES, L. M. L. D. S., LEITÃO, H. D. A. L., SANTOS, K. M. C., & ZANOTTI, S. V.. (2023). Saúde mental na universidade: ações e intervenções voltadas para os estudantes. **Educação Em Revista**, 39, e40310. <https://doi.org/10.1590/0102-469840310>

GRUDA, M. R. P. Breves considerações, comentários e ideias acerca de uma Psicologia

Social Crítica. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 514–526, 2017. Disponível em: [http://periodicos.ufsj.edu.br/revista\\_ppp/article/view/1764](http://periodicos.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/1764). Acesso em: 16 abr. 2024.

GUAZI, T. S. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 2, 2021.  
 identidade. 2022. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - **Universidade Federal do Amazonas**, Manaus (AM), 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021**. Agência IBGE Notícias, 16 set. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021>.

JUBÉ, M.; CAVALCANTE, C.; CASTRO, C. A violência simbólica para Pierre Bourdieu: a relação com a escola contemporânea. In: **Anais Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar (ISSN-2527-2500) & Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar**. 2016.

JÚNIOR, V. S. Bauman e a impossibilidade da comunidade. **CAOS–Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, 2006, 11: 1-13.

JUSTO, J. S.; VASCONCELOS, M. S. Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, dez. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812009000300013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300013&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 abr. 2024.

KRIPKA, R. M. L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones de la UNAD**, v. 14, n. 2, 2015.

LANDINI, F. La noción de psicología rural y sus desafíos en el contexto latinoamericano. In: **Hacia una psicología rural latinoamericana**, p. 21-32, 2015.

LANE, S. et al. **Histórico e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil. Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**, v. 11, p. 17-34, 1996.

LARA, B. R.; PAIVA, V. S. F.. A dimensão psicossocial na promoção de práticas alimentares saudáveis. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, 2012.

LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M.; DANTAS, C.; MACEDO, J. P.. Psicología y contextos rurales: diálogos psicosociales. In: LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M.;

LEMOS, C. T. Migração nos "caminhos de rios": juventude, resistência e formação universitária na região amazônica. 2021. 89 f. **Dissertação (Dissertação em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas**, Manaus, 2021.

LIMA, A. F. de; CIAMPA, A. da C.; ALMEIDA, J. A. M. de. Psicologia social como psicologia política? A proposta de psicologia social crítica de Sílvia Lane. **Revista Psicologia Política**, v. 9, n. 18, p. 223-236, 2009.

LIRA, T. de M.; CHAVES, M. do P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **Interações** (Campo Grande), 2016.

MANZATO, A. J.; SANTOS, A. B. A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. **Departamento de Ciência de Computação e Estatística-IBILCE-UNESP**, v. 17, p. 1-17, 2012.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1990.

MARTINS, A. C. P. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. **Acta Cirúrgica Brasileira**, 2002.

MARTINS, A. M.; ROCHA, M. I. A.; AUGUSTO, R. C.; LEE, H. O. A formação em psicologia e a percepção do meio rural: um debate necessário. **Psicologia Ensino & Formação**, v. 1, n. 1, p. 83-98, 2010.

MEDEIROS, J. de S.; SCHWEICKARDT, J. C.; MARTINS, F. M. Entre cheias e vazantes: uso das embarcações na produção do cuidado e acesso à saúde no território líquido em um município amazônico, Brasil. **Saúde e Sociedade**, 2025, 33: e240381pt.

MELO, S. P.; BRAGA, O. R.; SANTANA, J. F. Juventude rural e ensino superior público : trajetórias de estudantes de um campus universitário público do nordeste do Brasil. **Revista Internacional De Educação Superior**, v. 6, e020022, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/riesup.v6i0.8654480>.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

MIRANDA, S. F.. Identidade sob a perspectiva da psicologia social crítica: revisitando os caminhos da edificação de uma teoria. **Revista de Psicologia, Fortaleza**, v. 5, n. 2, p. 124-137, jul./dez. 2014.

MONTEIRO, R. A. L. S. Representações sociais de ribeirinhos sobre o acesso aos serviços de saúde, comunidade rural Vila de Urucurituba, Autazes, Amazonas. 2014. 74 f. Dissertação (Mestrado em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia) - **Centro de Pesquisas Leônidas & Maria Deane, Fundação Oswaldo Cruz**, Manaus, 2014.

MORAES, N. R., CAMPOS, A. C; SILVA, M. L; SOUSA, F.. Comunidades tradicionais: cultura e identidade. **Revista Observatório**, 2017.

MORIS, C. H. A. A. *et al.* Distinção e classe social no acesso ao ensino superior brasileiro. **Tempo Social**, v. 34, n. 2, p. 69-91, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2022.189030> . Acesso em: 08 ago. 2024.

MOURA, M. R. S. de; TAMBORIL, M. I. B.. “Não é assim de graça!”: Lei de Cotas e o desafio da diferença. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2018.

MUNARIM, A.; LOCKS, G. A. Educação do campo: contexto e desafios desta política pública. **Olhar de professor**, v. 15, n. 1, p. 83-95, 2012.

NAHUM, J. S.; FERREIRA, Denison da Silva. Entre as margens dos rios e as marchas da história: espaço e sociedade ribeirinha na Amazônia. **PerCursos**, Florianópolis, v. 20, n. 43, p. 39–65, 2019. DOI: 10.5965/19847246204320198039.

NETO, J. S.. **Direitos dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil**. 2007.

NICÁCIO, C. B. D. L.; SOUSA, R. R. D.; GODINHO, L.; AMORIM, M. A.; CASTILHO, V. S. Origem social e percurso: mérito e contingência entre egressos de um curso superior. **Psicologia da Educação**, n. 52, p. 10-21, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2175-3520.2021i52p10-21>.

NIEROTKA, R. L.; BONAMINO, A. M. Conclusão de curso no ensino superior: um olhar sobre ingressantes das camadas populares na Universidade Federal da Fronteira Sul. **Revista Brasileira De Estudos Pedagógicos**, v. 104, e5224, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.104.5224>.

NINA, S. de F. M. Trabalho, ambiente e saúde: cotidiano dos fazeres da mulher rural na Amazônia. 2014. 195 f. **Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia)** - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

NINA, S. F. M.; OLIVEIRA, Rafaela Cruz de. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico em estudantes de Medicina. **Trabalho (En) Cena**, v. 4, n. 2, p. 451-464, 2019.

NIQUINI, R. P. et al.. Características do trabalho de estudantes universitários associadas ao seu desempenho acadêmico. **Educação em Revista**, v. 31, n. 1, p. 359–381, jan. 2015.

NONATO, R.; FERREIRA, A. Desafios e dificuldades de estudantes ribeirinhos no ensino superior. In: Anais do III Silssa - **Seminário Internacional de Linguagens, Saberes e Sociobiodiversidade na Amazônia**. Anais...Bragança (PA) UFPA, 2023.

NUNES, G. C.; NASCIMENTO, M. C. D.; ALENCAR, M. A. C. de. Pesquisa científica: conceitos básicos. **ID on line. Revista de psicologia**, [S. l.], v. 10, n. 29, p. 144–151, 2016. DOI: 10.14295/online.v10i1.390. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/390>. Acesso em: 21 jun. 2025.

OLIVEIRA, C. T., et al. Adaptação acadêmica e coping em estudantes universitários brasileiros: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 2014.

OLIVEIRA, C. T; DIAS, A. C. G. Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos. **Psico**, 2014.

OLIVEIRA, J. A. **A cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia Brasileira.** 2004.

OLIVEIRA, R. C. de; NINA, S. de F. M.. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico em estudantes de medicina. **Trabalho EnCena**, 2019, 4.2.

PACHECO, F. P.; MARTINS, C. M. da S. S.; BOMFIM, Z. Á. C. **Contribuições da psicologia para a análise de desapropriações de comunidades dos espaços urbanos e rurais cearenses.** 2020.

PADOVANI, R. da C. et al . Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 10, n. 1, p. 02-10, jun. 2014 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872014000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000100002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 jun. 2025. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20140002>.

PAIVA, V. S. F. Psicologia na saúde: sociopsicológica ou psicossocial? Inovações do campo no contexto da resposta brasileira à AIDS. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 531-549, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2013.3-EE00-PT> Acesso em: 08 ago. 2024.

PEREIRA, H. C. *et al.* Migração rural-urbana por demanda educacional no Médio Solimões, Amazonas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, e270029, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270029> Acesso em: 08 ago. 2024.

PEREIRA, R. da C.; PEREIRA, I. do S. P.; TOUTONGE, E. C. P. Crianças em um espaço rural-ribeirinho: processos relacionais entre humanos e não-humanos. **Proa: Revista De Antropologia E Arte**, v. 12, n. 00, e022012, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/proa.v12i00.16717>.

REIS, Y. da S. et al. A importância da Universidade Federal na prestação de cuidados à saúde das populações ribeirinhas do interior do Amazonas. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 12, p. e9461-e9461, 2021.

RESENDE, G. C. et al. Desafios para a permanência no ensino superior na Amazônia e os significados de trajetórias estudantis. **Revista de Psicologia, Educação e Cultura**, v. 26, n. 3, p. 139-161, 2022.

RIBEIRO, M. A.; SILVA, J. da C. Mitos ribeirinhos: múltiplos espaço na Amazônia. **Revista Presença Geográfica**, v. 7, n. 2, p. 76-90, 2020.

RIBEIRO, M. L. A relação professor-estudante na educação superior. **Educação em Análise**, 2020.

RIBEIRO, S. A. B.; FERREIRA, S. B. L. Pesquisa Envolvendo Seres Humanos: Comitê De Ética Em Pesquisa. **Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO)**, v.10, 2016.

- RONZANI, T. M.; MENDES, K. T.; PÁVEL, C.; LEITE, J. F.. Contextos rurais e Psicologia Comunitária: um encontro possível e necessário. **Instituições, saúde e sociedade: contribuições da Psicologia**, p. 59-79, 2019.
- SANTOS, A. F.; JESUS, G. G.; BATTISTI, I. K. Entrevista semi-estruturada: considerações sobre esse instrumento na produção de dados em pesquisas com abordagem qualitativa. **Salão do conhecimento**, v. 7, n. 7, 2021.
- SANTOS, F. P.; AMARAL, P.; LUZ, L. Expansão do ensino superior e a distribuição regional das universidades brasileiras. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 25, e202317, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202317> Acesso em: 08 ago. 2024.
- SANTOS, M. O lugar: encontrando o futuro. **RUA: Revista de urbanismo e arquitetura**, 1996, 4.1.
- SANTOS, M. O retorno do território. En: OSAL: **Observatório Social de América Latina**. Ano 6 no. 16 (jun.2005- ). Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, 2009, 21: 364-372.
- SILVA, A. M. S.; XIMENES, V. M. Implicações psicossociais da migração rural-urbana para jovens universitários. **Revista Polis e Psique**, v. 12, n. 3, p. 68-89, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.11792> Acesso em: 08 ago. 2024.
- SILVA, C. R. da. Trajetórias turbinadas: análise dos discursos e práticas de aprimoramento cognitivo farmacológico no ensino superior. 2023. 74 f. **Dissertação (Mestrado em Psicologia)** - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.
- SILVA, K. B.; MACEDO, J. P. Psicologia e ruralidades no Brasil: Contribuições para o debate. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, p. 815-830, 2017.
- SILVA, P. T. de F.; SAMPAIO, L. M. B. Políticas de permanência estudantil na educação superior: reflexões de uma revisão da literatura para o contexto brasileiro. **Revista de Administração Pública**, 2022.
- SILVA, R. L.; FREITAS, F. C. H. P.; LINS, M. T. G.. A implantação do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais/REUNI: um estudo de caso. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, 2013.
- SILVA, V. H. F. da; DIMENSTEIN, M.; LEITE, J. F. O cuidado em saúde mental em zonas rurais. **Mental**, Barbacena , v. 10, n. 19, p. 267-285, dez. 2012 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272012000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272012000200008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 jun. 2025.
- SOUSA, R. E. M. Do rio eu sou, “da beira eu sou”: a relação identitária das mulheres ribeirinhas da comunidade de Nazaré-RO com o rio madeira. **Revista GeoNordeste**, 2017.

- SOUSA, S. B. A 'comunidade acadêmica' como um conceito errático. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 20, 2010.
- SOUZA, L. K. de. Amizade em dois contextos educacionais. **Barbaroi**, n. 31, p. 07, 2009.
- SOUZA, M; KLEIN, Â. L. Rural, ruralidade, pluriatividade e multifuncionalidade do desenvolvimento rural. **Turismo rural**, p. 9, 2019.
- SOUZA, V. K. R. de. A trajetória escolar de estudante ribeirinho da UFAM e a construção da identidade. 2022. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - **Universidade Federal do Amazonas**, Manaus (AM), 2022.
- TEIXEIRA, M. A. P. et al.. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 1, p. 185–202, jun. 2008.
- TRINDADE, G. O.; TRINDADE JÚNIOR, S. C. C. da. A ver navios, barcos e canoas...vivências urbanas e relação cidade-Rio na Amazônia Ribeirinha. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 35–54, 2011. DOI: 10.5902/223649947321. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7321>. Acesso em: 4 jun. 2025.
- UNICEF Brasil. **Enfrentamento da cultura do fracasso escolar : estratégia Trajetórias de Sucesso Escolar** /UNICEF Brasil. — Brasília : UNICEF, 2021. 34 p. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/media/12566/file/enfrentamento-da-cultura-do-fracasso-escolar.pdf>>.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS. **EDITAL Nº 134/2023 – GR/UEA-Vestibular e Sistema de Ingresso Seriado-Sis 2023, acesso 2024**. Amazonas, 2023.  
<https://documento.vunesp.com.br/documento/stream/NTYxNzM1Nw%3d%3d>
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS. **Espaço de Atendimento Psicossocial (E-psico)**.Amazonas, 2024.
- VERAS, R. M. et al.. Perfil Socioeconômico e Expectativa de Carreira dos Estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 2, p. e056, 2020.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.
- XIMENES, V. M.; MOURA JR, J. F. Psicologia Comunitária e comunidades rurais do Ceará: caminhos, práticas e vivências em extensão universitária. **Psicologia e contextos rurais**, v. 1, p. 453-476, 2013.
- ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, 2006.

ZAGO, N. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. **Revista brasileira de educação**, v. 21, p. 61-78, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216404>

## 8. APÊNDICES

### APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO

<b>a) Perfil dos entrevistados (As)</b>
Nome: _____ Idade: _____
Local de origem: _____ Rio: _____
Comunidade: _____ Município: _____
Estado civil: _____ Possui filhos? ( ) Sim ( ) Não. Se sim, quantos? _____
Com quem você mora? ( ) Família ( ) Casa de estudantes ( ) Outros _____
Há quanto tempo está na cidade de Manaus? _____
Costumava vir a Manaus com frequência? _____
Qual seu curso? _____ Período: _____
Perdeu alguma disciplina ou está desperiodizado? _____
Recebe algum auxílio financeiro pela Universidade? ( ) Sim ( ) Não
Se sim, qual? _____
Recebe outros tipos de auxílios financeiros? ( ) Sim ( ) Não
Se sim, qual? _____
Você trabalha? ( ) Sim ( ) Não. Se sim, onde? _____
<b>b) Travessia dos estudantes ribeirinhos para a Universidade</b>
- Por que você escolheu a UEA?
- Sempre foi seu desejo cursar área da saúde?
- Qual era sua maior expectativa com o ensino superior e o acesso ao mesmo?
- De onde surgiu a motivação para sair da sua comunidade e estudar na cidade?
- Me conta um pouco o funcionamento da sua rotina.
<b>c) Efeitos psicossociais na travessia para a cidade de Manaus e o ensino superior</b>
- Já questionaram você sobre seu local de origem?
- Me conta como você sente em relação ao aprendizado frente aos colegas que residem na cidade.
- Como é ser ribeirinho em uma cidade que difere da paisagem que é tipicamente encontrada na comunidade?
- Quais as suas principais dificuldades durante o processo de acesso a graduação na ESA?
<b>d) Rede de apoio no fazer universitário na Universidade</b>

- Me conta um pouco sobre o processo de travessia para Manaus e o seu maior receio durante e no processo
- Aqui em Manaus como tem sido a construção de vínculos?
- Se você pudesse sugerir a ESA uma estratégia para incentivar a permanência de ribeirinhos na Universidade qual seria?
- Me conta como têm sido ficar longe da família para cursar o ensino superior?
- Qual a importância do seu ciclo social durante a graduação?
- Você acredita que a ESA/UEA possui estrutura para a permanência de alunos ribeirinhos?
- Quais as diferenças mais marcantes do seu lugar de origem para a cidade?

## APÊNDICE B

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE PESQUISA**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

O(A) Sr.(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“Do Acesso A Permanência: Travessia Dos Estudantes Universitários Ribeirinhos Para Escola Superior De Ciências Da Saúde Do Amazonas”**, cuja pesquisadora responsável é Jovana Nogueira Bruno. Os objetivos do projeto são: Compreender os aspectos psicossociais da saída do lugar ribeirinho para a cidade de Manaus/AM em estudantes universitários da área da saúde da Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas na Universidade do Estado do Amazonas. Os objetivos específicos, serão: (1) Identificar as expectativas e motivações dos estudantes no acesso ao ensino superior; 2) Investigar os efeitos psicossociais da saída da comunidade ribeirinha para a cidade de Manaus no fazer universitário; 3) Analisar o papel da rede de apoio no cotidiano universitário dos jovens ribeirinhos na Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA). O(A) Sr.(a) está sendo convidado por ser estudante ribeirinho matriculado (A) em um curso de graduação da área da saúde da ESA/UEA, conforme os critérios de inclusão dessa pesquisa.

O(A) Sr.(a). tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço. Neste caso, você pode entrar em contato com a pesquisadora responsável através do e-mail: [jovananogueira@gmail.com](mailto:jovananogueira@gmail.com).

Caso aceite participar, sua participação consiste na participação de entrevistas individuais e grupais que deverão ocorrer em datas previamente estabelecidas de acordo com a vossa disponibilidade na ESA/UEA. Estes encontros serão gravados em áudio para serem transcritos de forma integral, auxiliando na posterior análise da pesquisadora. Esses dados serão armazenados de forma criteriosa, respeitando os procedimentos de confidencialidade e privacidade conforme estabelece a Resolução 466/2012 do Conselho

Nacional de Saúde (CNS). Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) é a possível causar situações de desconforto e/ou constrangimento devido ao seu caráter pessoal e profissional, onde podem vir à tona emoções e sentimentos negativos direcionados à determinados pensamentos e sentimentos. Caso aconteça, o (a) Sr (a) poderá ser atendido (a) pela própria pesquisadora que enquanto psicóloga, suspenderá a entrevista para prestar suporte psicológico inicial, podendo ser encaminhado (a) posteriormente para a psicóloga voluntária Larissa Tsumie Takashima Eto, CRP nº: 20/10.229 para suporte psicológico.

É esperado como benefício com esta pesquisa, a contribuição científica e a autoidentificação dos estudantes ribeirinhos como importantes no processo de acesso e permanência dentro de universidades públicas e principalmente a promoção de discussões acerca da temática dentro do ambiente acadêmico tendo como protagonistas os jovens ribeirinhos.

Se julgar necessário, o(a) Sr.(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao(à) Sr.(a), e seu acompanhante quando necessário, o ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente. Também estão assegurados ao(à) Sr.(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

Asseguramos ao(à) Sr.(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

Garantimos ao(à) Sr.(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

Em caso de dúvidas, o (a) Sr (a) pode entrar em contato com a orientadora da pesquisa, professora Dr<sup>a</sup> Socorro de Fátima Moraes Nina, no endereço: Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos 3000 Campus Universitário - Setor Sul, Bloco X, pelo telefone (92) 3305-4127, via e-mail [socorronina@gmail.com](mailto:socorronina@gmail.com) e com a mestrand Jovana Nogueira Bruno, no endereço institucional: Rua General Rodrigo Otávio, nº 300, Coroado I, UFAM, e pelo telefone (92) 99255-4247 ou via e-mail: [jovananogueira@gmail.com](mailto:jovananogueira@gmail.com).

O(A) Sr.(a) também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM

fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, CPF: \_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre os objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. Declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Data: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) participante



\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável

## APÊNDICE C

### PODER EXECUTIVO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

#### TERMO DE CESSÃO DO USO DE IMAGEM – TCUI

Eu \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, respaldado pelas Resoluções 466/12 e 510/16 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP), AUTORIZO, através do presente termo, os/as pesquisadores da pesquisa intitulada **“Do Acesso A Permanência: Travessia Dos Estudantes Universitários Ribeirinhos Para Escola Superior De Ciências Da Saúde Do Amazonas”** fazerem uso das fotografias por mim cedidas. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotografias e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos em favor da pesquisadora da pesquisa, obedecendo ao que está previsto no artigo 24 da LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998 (disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19610.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm)); bem como presente no capítulo I - DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS (ART. 5º), da Constituição Federal (disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/constfed.nsf/fc6218b1b94b8701032568f50066f926/54a5143aa246be25032565610056c224?OpenDocument#:~:text=X%20%2D%20s%C3%A3o%20inviol%C3%A1veis%20a%20intimidade, Crimes%20 contra%20a%20honra%3A%20arts>) e as orientações da Carta Circular nº 166/2018-CONEP/SECNS/MS que respalda sobre o uso de imagem em estudos de cunho acadêmico que requer uso de imagem do(a) participante (disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/CARTAS/CartaCircular166.pdf>).

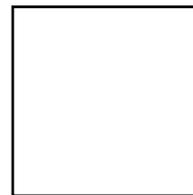
Em qualquer momento o(a) Sr.(a) pode questionar a pesquisadora sobre qualquer dúvida. Caso aceite participar, este Termo de Cessão do Uso de Imagem (TCUI), deverá ser

assinado em duas vias, no qual uma via ficará com o(a) Sr.(a), e a outra com a pesquisadora responsável.

Li o TCUI e concordo em participar da pesquisa.

Manaus,

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

*Jovana Nogueira Bruno*

\_\_\_\_\_  
Assinatura a pesquisadora Responsável

Impressão dactiloscópica

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS** Escola de Enfermagem de Manaus/UFAM Rua Teresina, 495– Adrianópolis – CEP: 69057-070 – Manaus-AM Fone: (92) 3305-1181, Ramal 2004 – E-mail: [cep@ufam.edu.br](mailto:cep@ufam.edu.br)

## APÊNDICE D

### FORMULÁRIO DE RECRUTAMENTO DE PARTICIPANTES DA PESQUISA

12/04/25, 14:36

Do Acesso a permanência: travessia de universitários ribeirinhos para Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA)

## Do Acesso a permanência: travessia de universitários ribeirinhos para Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA)

O(A) Sr.(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa "Do Acesso A Permanência: Travessia Dos Estudantes Universitários Ribeirinhos Para Escola Superior De Ciências Da Saúde Do Amazonas", cuja pesquisadora responsável é Jovana Nogueira Bruno. Os objetivos do projeto são: Compreender a saída do lugar ribeirinho para a cidade de Manaus/AM em estudantes universitários da área da saúde da Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas na Universidade do Estado do Amazonas. Os objetivos específicos, serão: (1) Identificar as expectativas e motivações dos estudantes no acesso ao ensino superior; 2) Investigar os efeitos psicossociais da saída da comunidade ribeirinha para a cidade de Manaus no fazer universitário; 3) Analisar o papel da rede de apoio no cotidiano universitário dos jovens ribeirinhos na Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA). O(A) Sr.(a) está sendo convidado por ser estudante ribeirinho matriculado (A) em um curso de graduação da área da saúde da ESA/UEA, conforme os critérios de inclusão dessa pesquisa.

O(A) Sr.(a). tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço. Neste caso, você pode entrar em contato com a pesquisadora responsável através do e-mail: [jovananogueira@gmail.com](mailto:jovananogueira@gmail.com).

Caso aceite participar, sua participação consiste na participação de entrevistas grupais que deverão ocorrer em datas previamente estabelecidas de acordo com a vossa disponibilidade na ESA/UEA. Estes encontros serão gravados em áudio para serem transcritos de forma integral, auxiliando na posterior análise da pesquisadora. Esses dados serão armazenados de forma criteriosa, respeitando os procedimentos de confidencialidade e privacidade conforme estabelece a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) é a possível causar situações de desconforto e/ou constrangimento devido ao seu caráter pessoal e profissional, onde podem vir à tona emoções e sentimentos negativos direcionados à determinados pensamentos e sentimentos. Caso aconteça, o (a) Sr (a) poderá ser atendido (a) pela própria pesquisadora que enquanto psicóloga, suspenderá a entrevista para prestar suporte psicológico inicial, podendo ser encaminhado (a) posteriormente para a psicóloga voluntária Larissa Tsumie Takashima Eto, CRP nº: 20/10.229 para suporte psicológico.

É esperado como benefício com esta pesquisa, a contribuição científica e a autoidentificação dos estudantes ribeirinhos como importantes no processo de acesso e permanência dentro de universidades públicas e principalmente a promoção de discussões acerca da temática dentro do ambiente acadêmico tendo como protagonistas os jovens ribeirinhos.

12/04/25, 14:36

Do Acesso a permanência: travessia de universitários ribeirinhos para Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA)

Se julgar necessário, o(a) Sr.(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao(à) Sr.(a), e seu acompanhante quando necessário, o ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente. Também estão assegurados ao(à) Sr.(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

Asseguramos ao(à) Sr.(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

Garantimos ao(à) Sr.(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

Em caso de dúvidas, o (a) Sr (a) pode entrar em contato com a orientadora da pesquisa, professora Dr<sup>a</sup> Socorro de Fátima Moraes Nina, no endereço: Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos 3000 Campus Universitário - Setor Sul, Bloco X, pelo telefone (92) 3305-4127, via e-mail [socorronina@gmail.com](mailto:socorronina@gmail.com) e com a mestrand Jovana Nogueira Bruno, no endereço institucional: Rua General Rodrigo Otávio, nº 300, Coroado I, UFAM, e pelo telefone (92) 99255-4247 ou via e-mail: [jovananogueira@gmail.com](mailto:jovananogueira@gmail.com).

O(A) Sr.(a) também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: [cep@ufam.edu.br](mailto:cep@ufam.edu.br). O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

\* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail \*

---

2. Li e concordo em participar da pesquisa \*

*Marcar apenas uma oval.*

SIM

NÃO

**Perfil dos entrevistados**

12/04/25, 14:36 Do Acesso a permanência: travessia de universitários ribeirinhos para Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA)

3. Nome completo \*

---

4. Idade \*

---

5. Telefone para contato \*

---

6. Email para contato \*

---

7. Qual seu curso? \*

---

8. Período do curso \*

---

9. Perdeu alguma disciplina ou está desperiorizado? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

10. Interior de origem \*

---

12/04/25, 14:36 Do Acesso a permanência: travessia de universitários ribeirinhos para Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA)

11. Sua casa está localizada na beira de rio ou lago? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

12. Rio \*

\_\_\_\_\_

13. Município \*

\_\_\_\_\_

14. Há quanto tempo morando em Manaus? \*

\_\_\_\_\_

15. Com quem você mora? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Família

Casa de estudantes

Outro: \_\_\_\_\_

16. Antes de morar em Manaus, costumava vir com frequência? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

12/04/25, 14:36 Do Acesso a permanência: travessia de universitários ribeirinhos para Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA)

17. Recebe algum auxílio financeiro da Universidade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

18. Se sim, qual?

\_\_\_\_\_

19. Recebe outros tipos de auxílios financeiros pela universidade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

20. Se sim, quais?

\_\_\_\_\_

21. Você trabalha? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

22. Qual sua disponibilidade para participar da entrevista?

*Marcar apenas uma oval.*

Matutino

Vespertino

Nortuno

## 8. ANEXOS

### ANEXO I - DECLARAÇÃO DE VOLUNTARIADO

#### DECLARAÇÃO

Eu Larissa Tsumie Takashima Eto psicóloga com registro no Conselho Regional de Psicologia, sob o número 20/10.229. Declaro para os devidos fins que prestei apoio voluntário, se necessário, aos participantes da pesquisa "DO ACESSO A PERMANÊNCIA: TRAVESSIA DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS RIBEIRINHOS PARA ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DO AMAZONAS" desenvolvida pela aluna de pós graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (PPGPSI/UFAM) Jovana Nogueira Bruno, sob orientação da Prof. Dr. Socorro de Fátima Moraes Nina.

Manaus, 13 de Março de 2024.

*Larissa Tsumie Takashima Eto*

Larissa Tsumie Takashima Eto  
Psicóloga

Larissa T. Takashima Eto

Psicóloga  $\Psi$   
CRP 20 / 10229

**ANEXO II – TERMO DE ANUÊNCIA**

**Universidade do Estado do Amazonas  
Escola Superior de Ciências de Saúde**

**TERMO DE ANUÊNCIA**

Declaro para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado **“Do Acesso à Permanência: Travessia Dos Estudantes Universitários Ribeirinhos Para Escola Superior De Saúde Do Amazonas”**, sob a coordenação e a responsabilidade da (o) pesquisadora (o) Jovana Nogueira Bruno, discente do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (PPGPSI/UFAM), sendo orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Socorro de Fátima Moraes Nina. Sendo assim, assumimos o compromisso de apoiar desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nesta instituição no período de **01.09.2024 a 28.02.2025**, após a devida aprovação no Sistema CEP/CONEP.

Manaus, 30/04/2024

  
\_\_\_\_\_  
Antônio Eduardo Martinez Palhares  
(Diretor da Escola Superior de Ciências da Saúde)



## ANEXO III – PARECER CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** DO ACESSO A PERMANÊNCIA: TRAVESSIA DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS RIBEIRINHOS PARA ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DO AMAZONAS

**Pesquisador:** JOVANA NOGUEIRA BRUNO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 81181924.1.0000.5020

**Instituição Proponente:** Faculdade de Psicologia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.964.299

#### Apresentação do Projeto:

Resumo:

Enfrentar a travessia para cursar o ensino superior é sem dúvidas um desafio que, quando experimentados por ribeirinhos vem com o fator territorial e envolve as transformações decorrentes do distanciamento familiar e o empenho devido a busca por ascensão social e uma realidade diferente da enfrentada nas comunidades com o trabalho que em sua maioria é braçal. Deve-se levar em consideração os fatores que regem o acesso e a permanência dos jovens universitários nas universidades e as necessidades decorrentes da vivência dos mesmos nesse ambiente e, os fatores históricos que regem os povos tradicionais sendo vistos como inferiores frente ao urbano. Com isso, o objetivo deste estudo será de compreender os aspectos psicossociais da saída do lugar ribeirinho para a cidade de Manaus/AM em estudantes universitários da área da saúde da Escola Superior de Ciências da Saúde do Amazonas (ESA) na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Partindo para os aspectos metodológicos, optou-se pelo uso da pesquisa social crítica com enfoque no arcabouço teórico proposto pela psicologia rural para que seja possível entender o sujeito estudado em sua totalidade e a importância do local para o mesmo. Para coleta de dados os seguintes instrumentos foram classificados: entrevistas semiestruturadas individuais, entrevistas grupais com temas disparadores e recursos fotográficos. Tendo como método de análise a temática de Braun e

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com

Continuação do Parecer: 6.964.299

Clarke (2006), sendo os pesquisados jovens universitários ribeirinhos dos cursos de medicina, enfermagem e odontologia não importando o período, estando os mesmos matriculados na Escola Superior de Saúde do Amazonas (ESA) na faixa etária de 18 a 25 anos. Contudo ao longo da realização desta pesquisa, busca-se contribuir com a discussão acerca dos jovens ribeirinhos na universidade pública e posteriormente incentivar a elaboração de projetos e políticas que incentivem tanto permanência quanto o acesso dentro do âmbito acadêmico dessa população.

**Metodologia Proposta:**

Para alcançar os objetivos propostos será feito uso dos seguintes instrumentos: 1) entrevista semiestruturada; 2) Entrevista em grupo e; 3) recursos fotográficos. No que tange a entrevista semiestruturada, é caracterizada por um roteiro de entrevista pré-estabelecido pelo entrevistador que passa a ser flexível podendo deixar o entrevistado a vontade para externalizar sobre o assunto afim de focar sempre no objetivo da pesquisa, mas sem deixar de questionar e ouvir fatores que estejam fora do roteiro no qual o participante queira comentar subjetivamente (Santos, Jesus e Battisti, 2021). Tal instrumento permite coletar informações preciosas sobre a subjetividade do entrevistado, pois é possível identificar tendências de se comportar de determinada forma, entre tantas outras possibilidades e, capta além da narrativa, as circunstâncias nas quais estão inseridos e que envolve planejamento para que se tenha êxito ao utiliza-la (Guazi, 2021 p. 2). Levando em consideração a importância de cada relato na aplicação da entrevista, será seguido um roteiro de perguntas com o intuito de alcançar os objetivos propostos com os estudantes ribeirinhos, bem como a gravação na íntegra após a autorização dos mesmos para que seja posteriormente transcrito cada relato para a análise de dados. A elaboração do roteiro de entrevista privilegiará questões voltadas a travessia das comunidades ribeirinhas para a cidade, a escolha do curso de saúde nesse processo e as particularidades do acesso e permanência na Universidade e, os participantes poderão mencionar os aspectos pertinentes a temática e o que acharem pertinente ao longo da entrevista. A entrevista em grupo será utilizada por envolver fatores que regem discussões grupais, além de conter um fator desafiador que diferente da individual que a relação é estabelecida entre entrevistador e entrevistado, aqui será necessário a interação do grupo para que seja alcançado o objetivo final (Iñiguez, 2008). Versará em conhecer quais as expectativas e emoções na travessia para cursar o ensino superior sendo esse o tema disparador, tendo como ponto indispensável a preparação para tal entrevista, mesmo que não haja regras

**Endereço:** Rua Teresina, 4950**Bairro:** Adrianópolis**UF:** AM**Município:** MANAUS**CEP:** 69.057-070**Telefone:** (92)3305-1181**E-mail:** cep.ufam@gmail.com

Continuação do Parecer: 6.964.299

específicas para o encontro grupal o tamanho do grupo e a quantidade de encontros será definida com base na disponibilidade dos participantes. Será utilizado ainda, recursos fotográficos que permitem o acesso a subjetividade do participante por meio da afetividade e além da linguagem, nesta pesquisa as fotografias terão um papel importante, pois ao relacionar a mudança de cenário do rural para o urbano caberá discutir como foi realizada a travessia para a cidade de Manaus. A fotografia de acordo com Justo e Vasconcelos (2009) é o ponto de partida para a construção de uma comunicação que tem permitido a ampliação das possibilidades enquanto campo afetivo e transmitir por meio da imagem torna-se uma experiência particular e que vem sendo cada vez mais usadas em pesquisas qualitativas em psicologia. Ademais, será pedido para cada participante duas fotografias que poderão ser tiradas pelos mesmos que representem a travessia tanto da comunidade quanto da universidade para então na entrevista grupal serem discutidos os principais pontos em torno das imagens captadas pelos participantes ao longo do processo. Com isso, o intuito do uso dos instrumentos mencionados será promover reflexão aos participantes e propor uma qualidade maior na etapa de análise dos dados. Para que seja alcançado o público pretendido para a realização dessa pesquisa, a coleta será dividida em 4 (Quatro) momentos e, a entrevista em que será dividida em 2 (duas), sendo a primeira para familiarização dos integrantes e pontuações acerca do tema disparador e a segunda entrevista será destinada a devolutiva para os participantes bem como feedback acerca do processo e os principais pontos de reflexão, ressalta-se a importância dessa etapa para o encerramento do processo de coleta de dados.

**Critério de Inclusão:**

- 1) Estudantes advindos de comunidades ribeirinhas;
- 2) Estudantes da área da saúde matriculados na Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA);
- 3) Maiores de 18 anos até 25 anos.

**Critério de Exclusão:**

- 1) estudantes que não se reconheçam como ribeirinhos;
- 2) Estudantes que não sejam dos cursos de medicina, odontologia e enfermagem;
- 3) Participantes que não estejam engajados na participação das etapas de coletas de dados, faltas nos encontros e desinteresse na pesquisa e;
- 4)

**Endereço:** Rua Teresina, 4950**Bairro:** Adrianópolis**UF:** AM**Município:** MANAUS**CEP:** 69.057-070**Telefone:** (92)3305-1181**E-mail:** cep.ufam@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 6.964.299

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Toda pesquisa que envolve seres humanos está propensa a riscos e de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde faz-se necessário respeitar a dignidade e liberdade do participante e, para que não ocorra constrangimentos e desconfortos ao longo das entrevistas será necessária uma análise de risco anterior a aplicação de cada atividade. Mas levando em consideração a possibilidade de possíveis danos psicológicos, morais ou intelectuais será prestada assistência inicial pela própria pesquisadora e posteriormente encaminhados para a psicóloga Larissa Tsumie Takashima Eto, registrada no Conselho Federal de Psicologia sob o número: 20/10.229. A mesma prestará assistência psicológica a todos os participantes que se sentirem afetados ao longo da pesquisa.

**Benefícios:**

Em relação aos benefícios que decorrentes de todo processo cabe ressaltar a promoção de reflexão em torno da temática proposta e, o reconhecimento dos participantes enquanto ribeirinhos e, a importância dos mesmos na universidade para que se tornem agentes ativos de transformações dentro desse mesmo espaço acadêmico e de forma direta ou indireta contribuir para que políticas de assistência tanto em relação a permanência quanto ao acesso sejam pensadas pela instituição aos universitários advindos de comunidades tradicionais.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de Protocolo da Versão 1 do Projeto "DO ACESSO A PERMANÊNCIA: TRAVESSIA DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS RIBEIRINHOS PARA ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DO AMAZONAS", de autoria de JOVANA NOGUEIRA BRUNO. O estudo consiste em um Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para o exame de qualificação na linha de Processos Psicossociais, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Socorro de Fátima Moraes Nina, a qual faz parte da equipe.

Por investigar fenômenos humanos, a pesquisa deve seguir as normativas presentes nas Resoluções CNS 466/2012 e 510/2016.

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com

Continuação do Parecer: 6.964.299

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

FOLHA DE ROSTO: ADEQUADA. Assinada pela pesquisadora e pelo Prof. Dr. Breno de Oliveira Ferreira, Coordenador do PPGPSI como Instituição Proponente.

TERMO DE ANUÊNCIA PSICÓLOGA: ADEQUADO. Assinada pela Psicóloga LARISSA T. TAKASHIMA ETO concordando em atender voluntariamente, se necessário, participantes da pesquisa (Declaração presente no Projeto Detalhado, p. 46, Projeto\_JOVANA\_NOGUEIRA\_BRUNO\_PB.pdf).

TERMO DE ANUÊNCIA ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE SAÚDE - UEA: ADEQUADO. Assinado pelo Sr. Antônio E. M. Palhares, Diretor da ESCS/UEA (Projeto Detalhado, p. 47, Projeto\_JOVANA\_NOGUEIRA\_BRUNO\_PB.pdf).

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: ADEQUADOS. Apresentados nos Apêndices A e B do Projeto Detalhado (Projeto Detalhado, p. 38-41, Projeto\_JOVANA\_NOGUEIRA\_BRUNO\_PB.pdf).

TCLE: ADEQUADO. Apresentado no arquivo TCLE\_JOVANA.pdf.

TCUI: ADEQUADO. Apresentado no arquivo TCUI\_JOVANA.pdf.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não se verificam óbices éticos que impeçam a execução da Pesquisa.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2328786.pdf	03/05/2024 19:09:22		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_JOVANA_NOGUEIRA_BRUNO_PB.pdf	03/05/2024 19:08:15	JOVANA NOGUEIRA BRUNO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_Rosto.pdf	03/05/2024 19:07:12	JOVANA NOGUEIRA BRUNO	Aceito

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 6.964.299

Outros	termo_de_anuencia.pdf	03/05/2024 17:14:45	JOVANA NOGUEIRA BRUNO	Aceito
Outros	TCUI_JOVANA.pdf	03/05/2024 17:13:53	JOVANA NOGUEIRA BRUNO	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	03/05/2024 17:13:17	JOVANA NOGUEIRA BRUNO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	03/05/2024 17:11:21	JOVANA NOGUEIRA BRUNO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_JOVANA.pdf	03/05/2024 17:10:07	JOVANA NOGUEIRA BRUNO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MANAUS, 24 de Julho de 2024

---

**Assinado por:**  
**Eliana Maria Pereira da Fonseca**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com